

Norberto Alexandre Rocha Fialho

**Técnicas tradicionais de construção,
em Vidigueira: a taipa e as coberturas
tradicionais
Vol. 2: Anexos**

Orientador: Mestre Victor Manuel Mestre de Oliveira

Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico

Universidade de Évora, 2009

Norberto Alexandre Rocha Fialho

**Técnicas tradicionais de construção,
em Vidigueira: a taipa e as coberturas
tradicionais
Vol. 2: Anexos**



Orientador: Mestre Victor Manuel Mestre de Oliveira

Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico

Universidade de Évora, 2009

Anexos: Vol. 2

Índice geral	III
Anexos: 1ª Parte	1
Ilustração 1 - "Planície a norte de Beja e a falha de escarpa de Vidigueira. Desenho por F. Galhano"; Mariano Feio - Le Bas Alentejo et l'Algarve, figura 6 [pp. 48/49]	3
Figura 1 - Concelho de Vidigueira em Portugal	5
Figura 2 - Concelho de Vidigueira, extractos das Cartas Militares 1/25 000	5
Figura 3 - Mapa do concelho de Vidigueira	5
Figura 4 - Concelho de Vidigueira, representação geológica, segundo o PDM de Vidigueira	7
Figura 5 - Concelho de Vidigueira com as principais linhas de água	9
Figura 6 - Concelho de Vidigueira, Ordens dos Solos, segundo o PDM de Vidigueira ..	10
Figura 7 - Concelho de Vidigueira, zonas pedológicas, segundo o PDM de Vidigueira ..	11
Quadro 1 - Distribuição taxonómica dos solos	13
Anexos: 2ª Parte	15
Entrevistas sobre a taipa:	17
Relato do Mestre Pedreiro António João Trole, 19-06-2007:	17
Relato do Sr. António Francisco Carraça, 2-06-2008:	33
Entrevistas sobre os telheiros:	51
Relato da Sr.ª Maria Emília Trole, 12-06-2008:	51
Relato do Sr. Diogo Quarenta, 20-12-2008:	57
Relato do Sr. Sebastião Cabaço, 21-12-2008:	67
Relato do Sr. Francisco Batuca, 28-12-2008:	79
Relato do Sr. "Zé do Ó" [José A. Casadinho Baião], 28-12-2008:	87
Entrevistas sobre as coberturas tradicionais:	95
Continuação da entrevista ao Sr. António Faisco. 28-08-2009:	95
Relato do Sr. Manuel Francisco Fialho, 27-08-2009:	97
DVD com as entrevistas aos Srs. António Faisco (1ª parte), António João Trole (abobadilha alentejana) e José Luís Faisco.	107

Anexos: 3ª Parte	109
Quadro 1 – Registo das matrizes prediais urbanas do Serviço de Finanças de Vidigueira, edifícios registados até ao ano de 1940	111
Figura 1 - Distribuição geral dos edifícios de taipa inquiridos em Vidigueira, parte norte da localidade.....	159
Figura 2 - Distribuição geral dos edifícios de taipa inquiridos em Vidigueira, parte sul da localidade	161
Anexos: 4ª Parte	163
Ficha 1 - Modelo de ficha de inquérito por habitação	165
Quadro 1 - Tipos arquitectónicos por edifício	169
Quadro 2 - Taipas identificadas em Vidigueira	173
Quadro 3 - Fundações, coberturas e tectos identificados em Vidigueira	179

Anexos:

1ª Parte

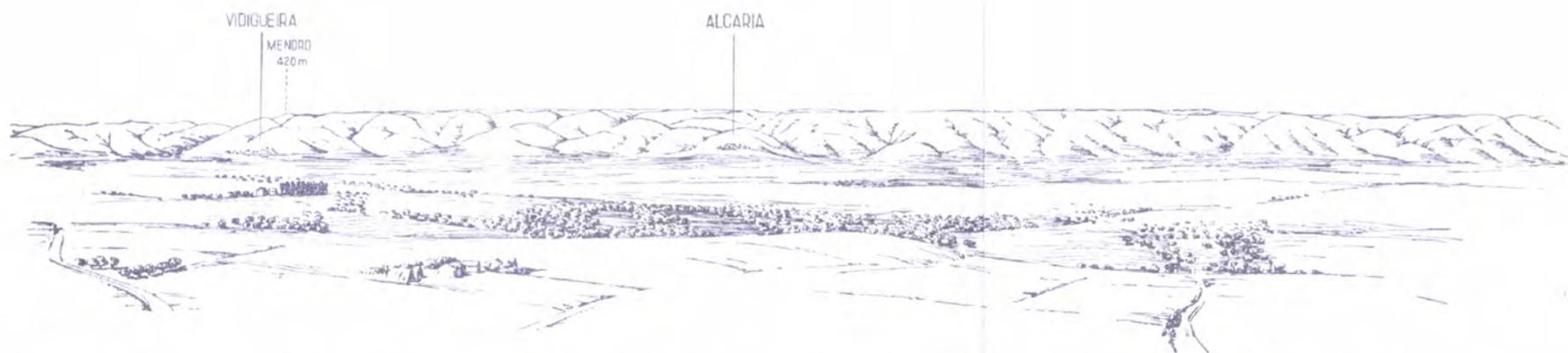


Ilustração 1 - "Planície a norte de Beja e a falha de escarpa de Vidigueira. Desenho por F. Galhano"; Mariano Feio - Le Bas Alentejo et l'Algarve, figura 6 [pp. 48/49].



Figura 1 - Concelho de Vidigueira em Portugal

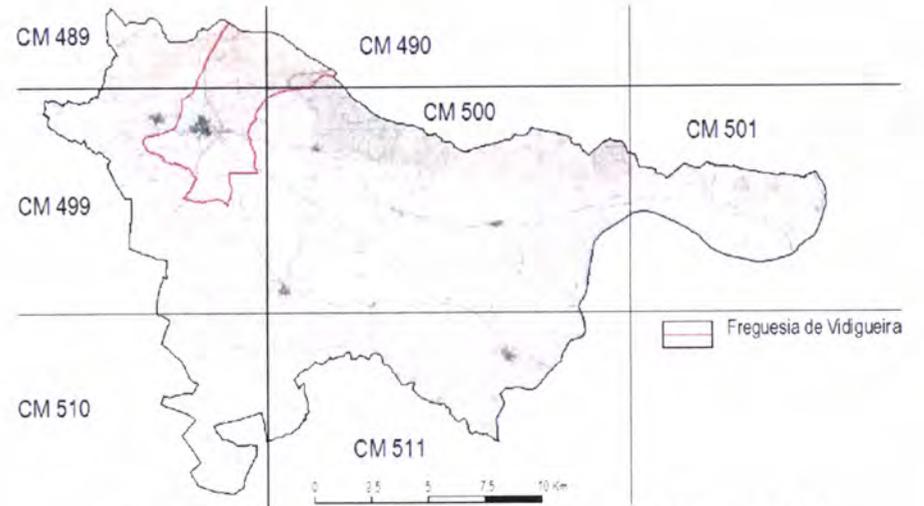


Figura 2 - Concelho de Vidigueira, extractos das Cartas Militares 1/25 000

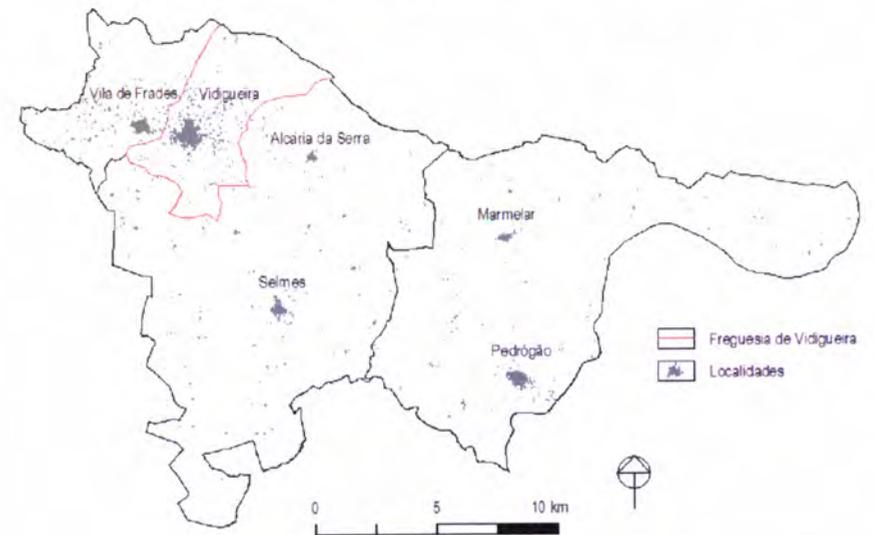


Figura 3 - Mapa do concelho de Vidigueira

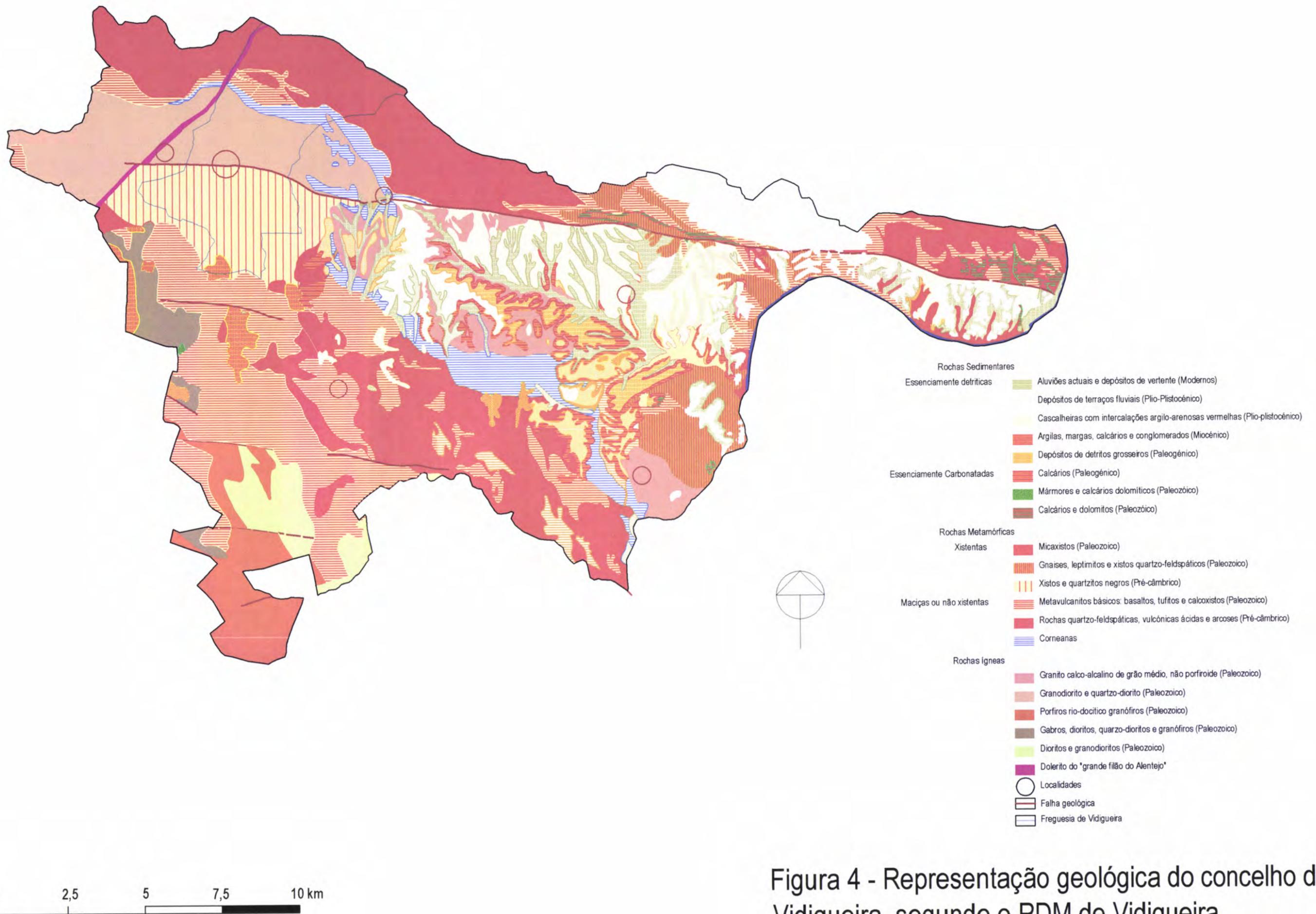


Figura 4 - Representação geológica do concelho de Vidigueira, segundo o PDM de Vidigueira

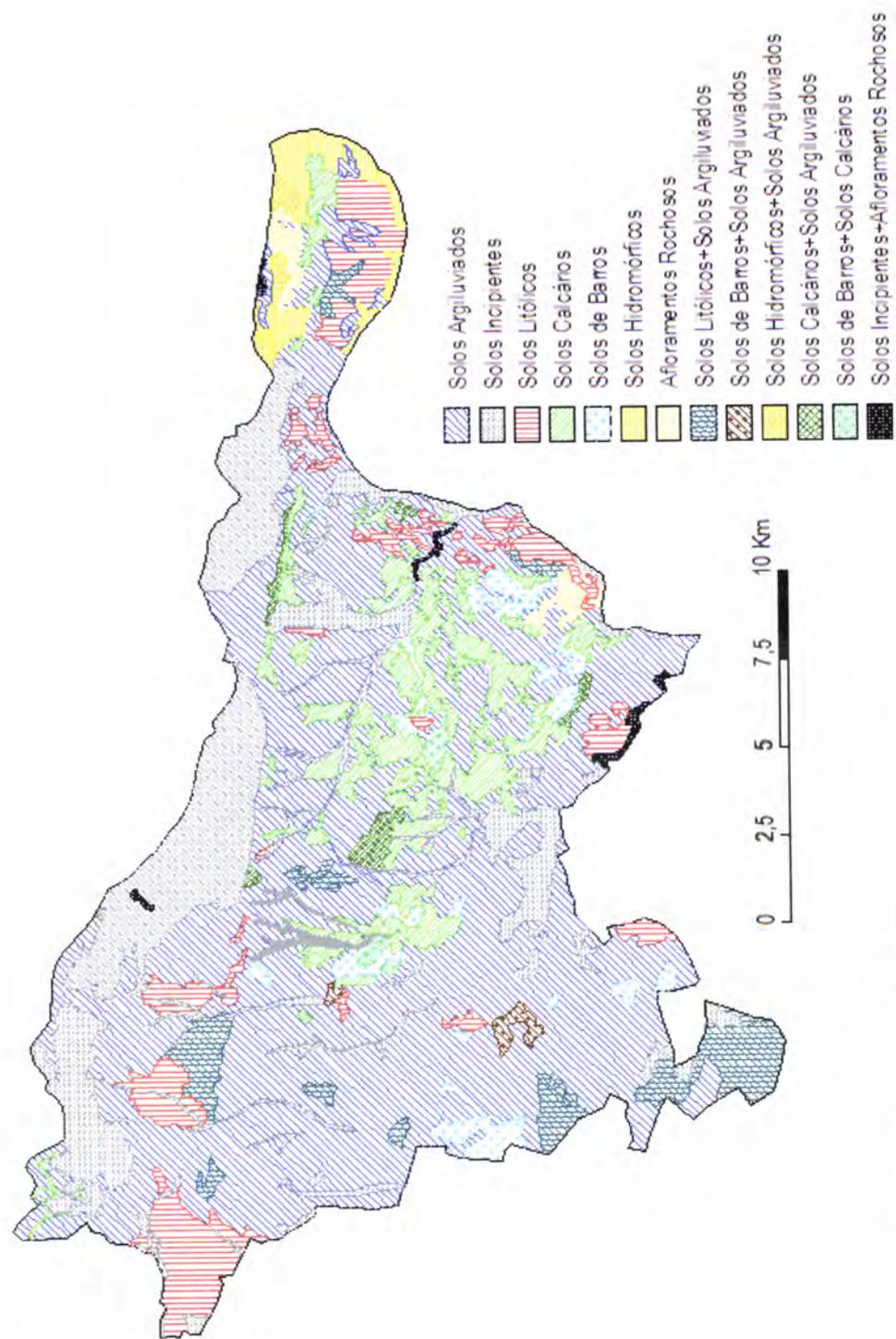


Figura 6 - Concelho de Vidigueira, Ordens dos Solos, segundo o PDM de Vidigueira

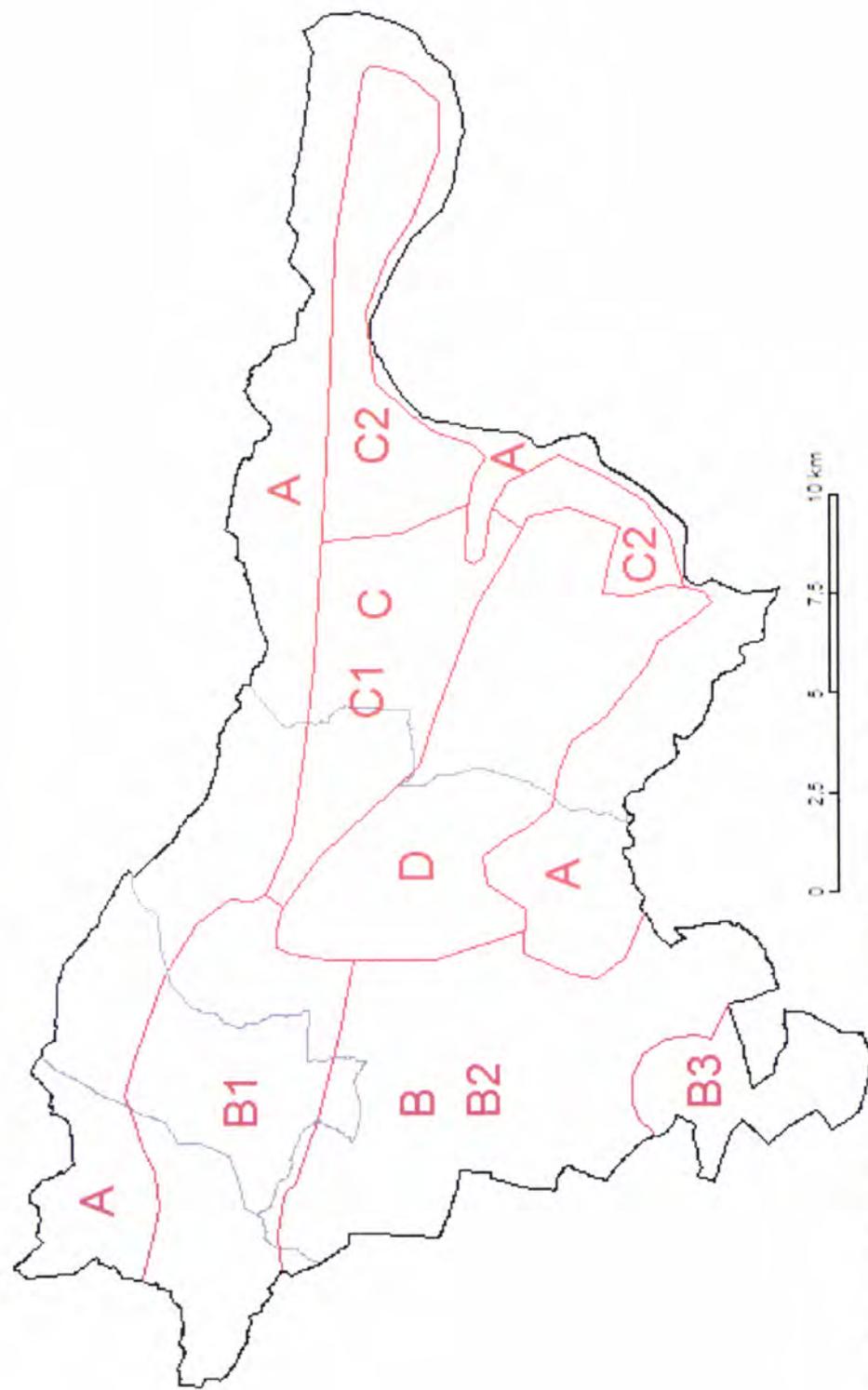


Figura 7 - Concelho de Vidigueira, zonas pedológicas, segundo o PDM de Vidigueira

Quadro 1 - Distribuição taxonómica dos solos

Ordem	Subordem	Grupo	Subgrupo	Família	Área (ha)	% na SL	
1.Solos Incipientes	Litossolos	Clima Xérico		Eg	1	00	
				Ep	129	00	
				Ex	4524	15	
	Aluviossolos	Modernos	Não Calcários		Al	81	00
					A	778	02
					Aa	29	00
			Calcários		Ac	64	00
					Aac	32	00
	Antigos	Não Calcários		Atl	32	00	
			At	193	01		
Coluviossolos		Não Calcários		Sb	94	00	
			Calcários		Sbc	6	00
					Sbac	35	00
2.Solos Litólicos	Não Húmidos	Pouco Insaturados	Normais	Par	1098	04	
				Pg	1485	05	
				PPg	703	02	
3.Solos Calcários	Pardos	Clima Xérico	Normais	Pc	129	00	
				Pcg	202	01	
				Per	174	01	
				Pcf	2	00	
				Pex	328	01	
				Spe	4	00	
				Para Barros	Pc'	80	00
	Vermelhos	Clima Xérico	Normais	Vc	196	01	
				Vcr	1109	04	
				Vct	3	00	
				Vcx	263	01	
Para Barros	Vc'	433	01				
4.Solos de Barros	Pretos	Não Calcários		Bp	15	00	
		Calcários	Muito Descarbonatados	Bpc	32	00	
			Pouco Descarbonatados	Cp	85	00	
		Não Descarbonatados	Cpc	21	00		
Castanho-Avermelhados	Não Calcários		Cb	16	00		

		Calcários	Muito Descarbonatados	Bvc	936	03
			Pouco Descarbonatados	Cpv	14	00
5.Solos Argiluvitados Pouco insaturados	Mediterrâneos Pardos	Materiais Calcários	Para Barros	Pac	573	02
		Materiais Calcários Não	Normais	Pgn	56	00
				Pmg	776	02
				Px	2035	07
			Para Barros	Pm	2421	08
			Para Hidromórficos	Pag	1059	03
	Mediterrâneos Vermelhos ou Amarelos	Materiais Calcários	Normais	Vcc	42	00
			Para Barros	Vcm	602	02
		Materiais Calcários Não	Normais	Pv	5068	16
				Pvx	18	00
				Sr	2834	09
				Vx	1673	05
				Va	8	00
			Para Barros	Vm	43	00
6.Solos Hidromórficos	Sem Horizonte Eluvial		Para Aluviossolos ou Para Coluviossolos	Ca Caa Caac	33 12 7	00 00 00
			Para Solos Argiluvitados Pouco Insaturados Para Barros	Pb Pcz	17 3	00 00
	Com Horizonte Eluvial	Planossolos		Ps	31	00
Afloramentos Rochosos					500	02
Total					31134	100

Anexos:

2ª Parte

Entrevistas sobre a taipa:

Srs. António João Trole, António Francisco Carraça e António Faisco.

Relato do Mestre Pedreiro António João Trole, 19-06-2007:

«Interlocutor – Ora então diga lá como funciona o sistema?»

Entrevistado – Existe com uma comporta só de um lado. Vês aberto deste? Aqui era o princípio, que seria o início da casa. Chegava-se e enchia-se meio taipal, ficava assim [a fazer uma cunha]. Depois a comporta abalava para a frente e fazia-se a outra parte. Depois o taipal abalava para a frente. [parte que não tinha a comporta no início]



I – Tinham um sistema bem organizado!

E – Isto era sempre assim. Chamava-lhe a gente um cutelo. Meio taipal. Depois dali para a frente continuava, com a comporta na frente, e pronto ia até ao comprimento da casa, dependendo do seu comprimento. Quando se chegava ao canto a comporta ia outra vez para a frente.

I – E porque é que se fazia esse cutelo?

E – Fazia-se o cutelo, porque era o travamento. E depois levava este pau aqui, que era o côvado. Que é meio metro. Depois ficava já um buraco que era onde entravam as agulhas do de cima. Daquele ali [o da ponta da frente, aquele que ao início não tinha comporta] fazia outro buraco. E depois lá na frente não precisava porque andava do lado de fora do taipal.

I – E para fazer os cantos?

E – Então o canto era feito junto à comporta.

I – Mas depois não havia nenhum tipo de travamento?

E – Havia depois em sentido contrário. Juntavam-se os taipais ao canto. Quando vinha, outra vez, passava por cima e fazia outra vez o canto.

I – O meu pai disse-me que havia um sistema que utilizavam que consistia em colocar um tronco em cotovelo, com pernadas saídas, com ramos, e colocavam-se taipal sim taipal não. Isto nas casas daqueles que tinham menos dinheiro. Então: tinha a primeira fiada, a seguinte já não

tinha e depois punha-se outra vez e assim sucessivamente que era para segurar um pouco mais a taipa.

E – Não, esse sistema já vem de uma coisa mais antiga. Nunca conheci. Aqui a gente tinha o travamento do taipal. O taipal que depois voltava aqui outra vez aos 50 cm. Fazia o tal cutelo, que é o mesmo que ‘tou ensinando daquele lado, fazia deste. Quer dizer quando seguia aqui por cima continuava. Contanto que só existe uma comporta. Continuava depois para à frente. Depois quando se virava, usando-se aqueles buracos no meio do taipal, punha-se nas outras seguranças, que ficavam para o lado de fora. Para levantar o taipal era um que o fazia e o outro punha as agulhas.

I – Pois, havia sempre um ritmo.

E – O ritmo era sempre o mesmo. Havia 3, 4 [homens], dependendo das alturas.

I - E para bater a terra, como é que era?

E - O bater tinha que ser sempre duas pessoas certas. Até porque aqui no bater tem um sistema, com os malhos, em que a pessoa faz isto [bateu no taipal com o malho na perpendicular], depois com o outro faz isto [bateu com os dois malhos alternadamente]. Quer dizer, não pode andar certo, têm de andar alternado.

I – Isso é para a terra andar sempre a mexer?

E – Não, é porque a gente apanhava aquele ritmo e o trabalho fazia-se melhor. Não pode parar.

I – E junto aos taipais? Não precisava de mais cuidado?

E – Isso era já manhosice. Porque a taipa para ser bem batida tem que ser sempre assim.

I – Sempre na perpendicular?

E – Quando se vai junto ao taipal já é para deixar o brilho na taipa. Porque aperta a terra contra a tábua. O meu pai ensinou-me assim. As primeiras malhadas eram essas [ao centro do taipal] e outras vezes cruzadas. Não andar assim [paralelamente ao taipal], ou andar cá a dançar e no meio não ter. No meio tinha que correr isto tudo assim. As primeiras malhadas eram estas. Se fizer só assim [malhar junto ao taipal, paralelamente, a apertar a terra contra o taipal] é estar a mostrar aquilo que não ‘tá feito.

I – Pois, “por fora cordas de viloa, por dentro pão bolorento”, não é?

E – É. Havia muitos que andavam no meio às voltas mas por dentro nada. O meu pai fazia era: quando os via a andar de um lado para o outro assim dava logo uma malhada além à biqueira do sapato para tomarem caminho. Pois, porque acompanhei isto durante muitos anos, e aprendi assim as lições logo de novo e só assim é que sei explicar como era.

I – Na altura em que fazia essas casas era nos anos 50/60?

E – Não, isso foi muito mais cedo?

I – Anos 40?

E – O meu pai fez aquela parte toda que vem das oficinas dos Saltas até aqui ao canto [rua dos Casões do Sindicato, antiga rua de S. João]. Fez as minhas casas naquela rua. Estava além com o meu filho hoje e disse-lhe: «olha aquelas pedras trouxe o teu bisavô da serra [serra do Mendro ou serra de Portel], com dois burrinhos». E aquela casa foi toda feita pelo meu pai. O meu pai tinha 20 anos, *narceu* [nasceu] em 1910, estás a ver que idade tinha quando fez aquilo tudo. Por último a taipa começou em decadência e pronto ficaram arrumadas as ferramentas. Foi o mesmo que aconteceu com as abobadilhas. As abobadilhas quantas eu fiz? Nessa altura de 60 eram os únicos tectos. Depois além de 65 para 70 é que começaram a aparecer os primeiros tectos. O primeiro que meti em 65 foi o Aviário do Aires Guerreiro. Foram as primeiras tijoleiras e as primeiras vigas que vi.

I – O cimento já cá chegou um pouco tarde. Não?

E – Olha, já em 58 eu tinha uma fabriqueta de mosaicos em cimento, não sabias?

I – Não.

E – Então o teu pai não te contou?

I – Não. Eu não lhe perguntei e ele não me disse. [isto porque o Mestre Manuel Francisco aprendeu o ofício e trabalhou durante muitos anos com o Mestre António João Trole]

627

E – E depois isto era como eu te disse. Depois dependia do comprimento da casa. Quanto a isto é como eu te expliquei: agora no início faz o primeiro taipal, depois arranca. Vai até ao final, chega lá a comporta volta, depois faz em sentido contrário e pronto.

I – E como era a forma mais usada das casas?

E – Isso geralmente era tudo casas de 4 metros. 4x4 e depois faziam as divisões interiores a tijolo cru. Que era feito no próprio lugar da própria casa.

I – Com a mesma terra?

E – Pois com a mesma terra.

I – E tinha algum molde para os fazer?

E – Pois então, tinham as formas. Eu tenho ali. Se quiseres ver eu mostro-te. Tenho as que eram do meu sogro

I – Já agora.

E – Com isto trabalhava-se naquela época que te disse ontem. Desde Abril... [ao chegar ao local onde tinha os moldes] Olha aqui as formas. Se calhar até conheces isto?

I – Sim já tinha visto. E havia só para esta espessura?

E – Não, isto era o tijolo

. Havia outros mais grossinhos que eram o lambás. Estes eram a 3 e meio e os outros eram a 7 cm.

I – E de comprimento?

E – 32x16, que eram as dimensões daquele tempo.

I – Pois, na casa do meu avô está lá assim.

E – Eu sei, ainda fiz lá uma parte. Era a construção que se fazia. Depois, entretanto, mudaram as construções que se faziam porque apareceu o tijolo novo. Na altura que o meu sogro tinha o telheiro houve além uma revolução porque tiveram que mudar as formas dos tijolos. Isto é assim. A força maior vai sempre atraindo a menor. Os mais pequenos tiveram que mudar. Depois acabou o tijolo de burro e a telha mourisca e ficou como se conhece. Eu sei porque acompanhei isso tudo.

I – E como eram as casas? Tinham um corredor central?

E – Não tinham corredor nenhum [de seguida vai afirmar que havia um corredor]. Na casa, praticamente, faziam-se as paredes à volta. 4 com mais 4 são 8, mais 2 pró corredor são 10 m.

Geralmente era assim. E depois faziam a divisão lá dentro. Portas não existiam, abriam-se depois.

I – E lá por dentro como é que se fazia a divisão?

E – Eram 4 casas iguais. E depois vinha o corredor que era dividido com 1, 80, 1, 70, 1, 60 m mais ou menos assim variáveis e deixava 4 metros para cada casa.

I – E a casa com um salão? Onde se entrava para uma divisão grande e depois havia pequenas alcovas ao lado e no topo das casas?

E – Isso naquela altura pouco se fazia, já não existia. Depois começaram a juntar o corredor com a casa, já não faziam parede do corredor e recebiam as pessoas numa sala. Geralmente tinham o capricho de fazer um arco redondo. Mas era mais dispendioso. Fazia-se depois de estar tudo feito. Abriam-se os portados, com arcos e sobre-arcos e ficava tudo a funcionar.

I – Os arcos eram feitos com tijolo cozido?

E – Pois. Iam buscar-se aos telheiros aqui da zona. E havia outra coisa que eram os tectos. Em caniço. Geralmente era o que se usava. Quem tinha lá a folha era o senhor “feital” [pessoas endinheiradas]. Existia a folha lá para o patrão e para a patroa e o resto era cana. Por último, comecei já com o calafetado. Que levava um bocado de cal por cima do caniço para não entrar o frio, que era melhor que a folha.

I – E entre os taipais o que é que se usava?

E – Não tinha nada. O cintamento dependia do dinheiro da pessoa.

I – Como é que o faziam?

E – Faziam-se logo lá dentro do taipal. Junto ao início da taipa, se houvesse pessoas com dinheiro, com condições, punha-se logo uma fiadinha de tijolo ali à volta. Depois tínhamos que proteger as saídas das agulhas.

I – E como é que o faziam?

E – Protegíamos com tijolos de um lado e do outro e outro por cima para poderem sair à vontade. Porque a gente apertava-as de tal maneira que já não saltavam [saíam]. Principalmente esta [a do meio] as outras nem tanto.

I – Quer dizer que era a do meio e a da ponta do lado de dentro [do lado em que encostava à taipa anterior], porque a outra estava de fora era mais fácil?

E – Pois. Era no seguimento disto. Se não houvesse dinheiro eram umas pedras. Chamávamos-lhe a gente a “pedra agulha”.

I – Pedras irregulares, portanto?

E – Eram assim. Chegava-se e dizia-se: “vai aí pedra para a primeira fiada” [no momento em que a iam buscar às pedreiras]. Depois levava um bocadinho de massa ali por cima, quando a pedra chegava agarrava-se àquela massa e ficava tudo encantado da vida.

I – A massa que se usava era argamassa de cal?

E – Era uma mistura de cal branca e da mesma terra que a taipa. Chamávamos-lhe a gente de *maçacote*.

I – E a cal preta?

E – Essa cal existia, até era melhor que a cal branca. Mas a cal preta tinha um inconveniente. Sabes qual é?

I – Era porque ficava rija mais depressa?

E – Não. Imitava uma espécie do cimento, era mais escura. Era feita de uma pedra mais rija. Para isto podia-se que não havia grande problema [para colocar no cintamento e no resto da construção da taipa], mas rebocar com ela ..., e chegava-se ao fim do ano e ainda rebentava na parede. Ainda estava a apagar. A gente até joeirava com joeiros finos e aquilo deixa um grãozinho de nada e a gente deitava aquilo fora. Se não se fizesse, depois chegava-se ao pé da parede e dizíamos logo: “olha, já lá estão as silarcas” [cogumelo que estala a terra]. A cal preta era mais forte mas não dava para acabamentos. Até era mais barata, mas não se queria nas obras por causa dos acabamentos. Se se descuidasse com ela era logo chamado: “olhe lá para aqui o que a cal me fez!” Era assim.

I – Quanto tempo depois de se acabar as paredes se podia rebocar?

E – Isto é como já expliquei, era feito desde princípios de Abril, Maio e Junho.

I – Que era carregar a terra, e ... já agora, onde é a iam buscar?

E – A terra era do próprio lugar. Se eu quisesse fazer aqui uma casa abria ali um buraco e depois disfarçava-se aquilo. Se abrisse ali meio metro dá muito metro cúbico. Geralmente a casa ficava mais alta que o quintal porque era de lá que vinha a terra.

I – E não escolhiam as terras?

E – Havia terras boas que faziam taipas boas e havia terras mais fracas, com mais saibro, que davam mais trabalho e faziam uma taipa mais fraca.

I – Porque também há muitos tipos de terra. Conheço casas cuja taipa tem muita pedra, tijolo, ossos, cerâmica e outras coisas.

E- Isso já são taipas feitas novamente. Chamávamos-lhes de entulhos, já não era terra virgem.

I – E terá já sido levantada assim?

E – Foi. Eram fracas. De entulho.

I – Noutras a taipa era muito boa. Muito rija.

E – Eram terras boas, terra virgem, feitas com condições. Por exemplo a Firma José Mendes Carvalho e Sobrinhos, o meu pai contava-me, que assistiu àquilo tudo, eram terras que iam buscar mais “desviadas” [ao que o Sr. “Zé do Ó” terá referido como *devio*; talvez *dévio*], com mais força, juntavam-na com terras mais fracas... Depois aquilo ficavam empilhadas aquele tempo, acabadas em Janeiro, ficavam a curtir e depois eram cavadas novamente quando iam fazer o trabalho, e aquilo dava mais consistência mesmo até no bater. Agora essas terras..., há muitas coisas dessas já feitas, isso é remendos. Já não é a própria terra, própria. Agora hoje para fazer isso..., eu até brincava com isso. Com máquinas e tudo. Fui além [a Vale de Rocins, à adega] para mostrar a eles, com as máquinas, fizemos em 4 horas, 4 taipais destes. E disseram-me: “então agora vai levantar isso e por em cima outra vez?”, perguntou o encarregado. E eu disse: “*Atão* não hei-de levantar”. Acabei de encher e pulei para cima disto e levantei. Ele ficou assim admirado: “então isso não vai cair?”, disse-lhe: “se fosse cair alguma vez me punha aqui em cima”. A gente chegava a fazer 4 fiadas seguidas, 2 m de altura, no mesmo dia. Até dizíamos que tínhamos que voltar para trás para não perder tempo. Porque a média disto eram 12 taipais por dia.

I – Já falou no cintamento, que era na horizontal. E de lado, na vertical, não levava nada para segurar mais a taipa?

E – Não senhor.

I – Nem argamassa de cal?

E – Só levava além um salpico. Quando se metia outra vez a fiada e depois para ligar ao taipal, com a própria cal, chegava-se além ao canto e fazia-se assim [fez que só se punha no rebordo].

I – Até porque há casos que se vê muito bem, como é na Firma. Tem cerca de 1 cm, talvez mais, de junta assim.

E – É assim como eu te digo, com o canto da colher. Firma a colher aqui e faz o cantinho.

I – Deveria segurar um pouco mais, não?

E – Não, aquilo não segura nada. É uma compostura.

I – Tem-se a ideia que segura mesmo.

E – Aquilo não vai segurar nada. Aquilo é só..., agente ‘tá a trabalhar e chega ali ao canto e corre a colher com um bocadinho de massa. Só fica é a vista.

I – Pensava que apanhava tudo.

E – Não, é só além no canto. Era assim que se fazia. O meu pai chegava e dizia: “dá-lhe aí uma *charetada* [uma passagem, pôr um bocadinho de argamassa] no canto e pronto”. E isso é tal e qual, quando não há cintas nenhuma, quer dizer, cintas será uma fiadinha de tijolo no início, e havia quem fizesse aqui ao centro outra fiada de tijolo. Chegava a aparecer no mesmo taipal aparecerem 3 fiadas. Era a primeira, outra ao meio e a de cima. Quando a gente chegava ali, as tábuas já tão marcadas, já sabíamos que era hora de fazer outra cinta. Cintávamos de um lado, cintávamos do outro, e quando começávamos novamente levava outra cinta. No taipal aparecia dividido em 25 cm. Não viste já disso?

I – Já, pensava era que usavam medidas mais pequenas.

E – Não, o próprio taipal era sempre o mesmo. Quando chegávamos aqui com a terra, cintávamos aqui [apontou a separação entre as tábuas], esta estava mais alta do que esta [a de baixo], quando começávamos outro era cintado novamente. Depois do taipal estar armado [montado] a gente metia as cintas e depois “toca a marchar”, dávamos-lhe.

I – Era um belo sistema.

E – Pois era assim. Diz lá à professora que se ela quiser faça outra para ela ver como é que é. Até lhe faça os tectos em caniço que é para ver quem eu sou.

I – E os caniços eram presos como?

E – Eram presos com ripas.

I – E eram atados com o quê?

E – Não eram atados. Bastava além 3 pessoas que faziam um caniço daqueles, numa casa dessas de 4 m, num dia de trabalho. Um mandava de um lado, e outro do outro, o outro segura e depois manda outro, e o outro e depois andam as ripas no ar. Quando chega à altura de “vamos a segurar”, prega-se um preguinho naquela brincadeira e fica pronto.

I – Outro belo sistema. Quem sabe nunca esquece.

E – Fiz poucos trabalhos desses! Nem sei quantos! O teu pai ainda assistiu.

I – Pois ele diz isso mesmo.

E – Fiz, sei lá.... Foi o princípio da minha vida. Era a vida da gente pobre. Era a parte séria, pura e boa da vida. Hoje faz-se coisas que até dá dó. Olha vai à casa dos Saltas que vez como era bom este sistema. As paredes de agora não são tão boas.

I – O progresso tem os seus problemas.

E – Isto no Inverno, podes deixá-la à chuva, ela passa além 3 a 4 cm. Já não passa dali. E se levar *atão*, mesmo por cima da própria taipa, duas demãos de cal, que ainda reflecte o calor e não deixa entrar E ainda tem outra coisa, os rebocos disto a cimento é perca de tempo. Quanto mais fraca a massa for melhor é para a terra.

I – E o traço de cal para os rebocos era qual?

E – Para um reboco fazia ali 3x1, era o máximo. E era as areias seja como for. Eram massas sempre mais fracas que fortes para segurar sempre junto a isto tudo. Porque rebocar isto em cimento, 2 cm ou outro Não tem força.

I – E uma rede entre a taipa e o reboco?

E – É tudo *charengas*. A massa tem que ser mais fraca que a parede.

I – O meu pai meteu uma rede plástica com meio de cimento, 1 de cal e 3 de areia branca joeirada.

E – Bom assim.... Ainda *p'rái* atrofiou isso. Mas com o cimento já se sabe. Uma grossura dessas aqui [2 cm de cimento] é o mesmo de a gente estar encostado a um pano de uma barraca.

I – Os cantos eram feitos assim, só com terra. Até que altura se construía assim sem que houvesse perigo? Porque havia alturas em que se tinha que por cunhais em tijolo.

E – A gente muitas vezes fazia um cunhalzinho sempre em tijolo.

I – Mas era nas casas mais altas?

E – Não, era nas casas a 4 m, ou coisa assim. A gente iniciava assim [demonstrou como se dispunha], não enchia o canto todo. Fazia aqui á volta. Por exemplo, dois tijolos daqueles era 64 cm, suponhamos que eram 2, e punham-se aqui [apontou para as faces, os dois tijolos um à frente do outro, a fazer o canto exterior do taipal].

I – Quer dizer que não faziam os cunhais completos?

E – Vinha logo lá de baixo. O que era é que quando começava com 2, vinha diminuindo que quando chegava cá acima só aparecia 1 assim. Vinha fazendo uma escadinha. Resultado, quando continuava com o outro [taipal], continuava na mesma vida: continuava outra vez com os 2, outros 2 deste lado, vinha um bocadinho ao centro e depois os 2 passavam a 1 e meio e em cima era já 1.

I – E naqueles em que aparecem completos, sem escadinhas? Parece que são todos cheios. Como ali na Firma que é o *mais fino* que já vi aqui na vila.

E – Isso já conta com o dinheiro que se tem, e isso conta muito. Mas os materiais eram os mesmos. Isso era o que expliquei com o cintar. Havia quem cintasse ao meio e só quem cintasse no princípio do taipal.

I – E por falar em princípio: então e os caboucos?

E – Isso dependia dos terrenos como eram e como não eram. Se eram terrenos rijos, de saibro bom, de boa qualidade, fazia-se aí de meio metro, 40 cm, 50. Depois levantava um pouco mais, sempre para evitar as humidades de vir à taipa. Lá ‘tava a pedra agulha que se usava sempre.

I – Quer dizer que afundava 40 ou 50 cm, e outras vezes que ficava logo encima da terra.

E – Não, nunca. Tinha que levar sempre um alicercezinho para firmar aquilo. Mais largo, até, que a taipa. Se isto [o taipal] tinha 50, aquilo ia sempre aos 55 no mínimo, 70, que era para ficar espaço de um lado e outro.

I – Acima da terra via-se a pedra até que altura?

E – Via-se aí à volta de 20 cm. Escolhiam-se sempre umas pedras boas para chegar e encostar e fazer logo um bocado também junto.

I – E nas ruas com algum desnível?

E – Isso era como eu disse. Dependia do terreno. O terreno também tinha influência. Isto depois tinha que andar sempre nivelado. Não podia andar de cabeça para baixo. Tinha que andar sempre nivelado, tal como um alicerce, para não mudar de sítio. Quando se fosse fazer o corte tinha que andar logo tudo, mais ou menos, nivelado. Se fosse preciso chegava aqui e mudava de posição e ia outra vez. Conforme o desequilíbrio. A taipa tinha que começar logo direita. Até podia começar com um taipal a mais, se era uma rua Depois chegava aqui e mudava. Levantava os taipais outra vez e mudava [isto é, começava outra fiada] e abalava. ‘Tás a perceber?

I – Exactamente, percebi.

E – Nunca devia era chegar a sítios de muitas humidades para evitar a subida das águas. Porque isto na altura era terra e isso levantava problemas.

I – Mas tinham menos salitre que agora?

E – Naquelas que tenho ali em cima não vejo salitres nenhuma e tive 20 e tal anos ali a viver. E nem um remendo lhe deitei e é tudo de terra e tijolo cru. E foi feito pelo meu pai. No entanto tinha os alicerces da rua organizados e era tudo feito com massas destas iguais, com cal e com uma misturazinha. E não tem além nenhuma salitre e estas... Pronto... É pena é isto: ver coisas boas que só dão em albrabices.

I – Também temos que ver quem faz isto hoje, as obras de construção. Antigamente era gente que aprendia logo desde pequeno. É o seu caso e do meu pai.

E – O teu pai veio para cá comigo..., naquela altura ‘tavam lá uns 3 ou 4 moços a aprender. E a gente tinha bons operários: era o meu pai, era o mestre *Manel Chocho*, era o mestre António e mais. Ensinavam de boa vontade e os rapazes respeitavam. Tudo [todos] o que queria era fazer o melhor. Agradar o patrão e até mesmo a pessoa própria. Mesmo até o aprendiz com o mestre. Era tudo. Agora já não há aprendizes nem mestres, já não há nada. Até cansa. É que isto foi a minha vida. Na minha família já vem desde 1930. Eu ligado ao meu pai e sempre com amizade a isto e, a ver se o meu pai não me *moia* [chateava muito] a cabeça, tentava ser sempre o melhor. E consegui ser melhor operário que o meu pai. A nossa política, e ensinei isso aos meus filhos, a nossa política é o trabalho. A gente aprende a trabalhar e a fazer e depois há-de haver alguma recompensa.

I – E havia malhos de forma diferente, ou eram sempre assim?

E – Eram iguais.

I – E os maços, que são direitos por baixo?

E – Isso é o maço.

I – Não se usava disso?

E – Não, até porque nem presta para isto. Isso não dá para isto. É bom é para bater a calçada. Se bater a terra com isto [malho] vai *acalcando* a terra e o maço *fazê-a* pular. Há-de dizer lá à professora, que quem te ensinou isso fui eu. Até para fazer uma eira, o sistema é o mesmo. Eram feitas era com rebanhos de borregos. Para *acalcar* bem a terra.

I – Ora pois, isso não sabia.

E – É o mesmo com o rolo, que passa por cima e muitas das vezes só *álcofa* a terra e não aperta[dá um pequeno aperto, a terra fica tipo almofada]. E isto não.

I – Isto aperta-a mesmo.

E – Aperta-a mesmo!?! Isto é que vai mesmo fazer isso. Se tu experimentares com um bocado de um barrote largo e se começares assim a bater na terra, a terra tende a saltar e isto aperta.

...

E – Isto são os costeiros e as agulhas, que é o que vem por baixo. As agulhas são furadas derivado a gente querer, muitas das vezes..., até o costeiro é chanfrado, se vê que não dá aperto volta ao contrário e aperta logo. O sistema é ali da parte de baixo. Se voltar ao contrário aperta mais. A parte do chanfre sobe e desce aqui na agulha.

I – Mas parece que aqui ao lado tem outro sistema?

E – É igual. É tudo igual. Só ‘tá ao contrário porque isto é só uma coisa provisória. Até porque tem os ferros próprios delas que chegam aqui Até porque a gente quando trabalhava dias nisto já vê os furos certos e sabe que eles entram ali e não falha nada. Isto agora foi assim ajeitado de maneira a que visses só o sistema. Mas isto sobem e descem [as agulhas] para o aperto.

I – E a medida das agulhas era igual?

E – A medida vai em relação aqui ao taipal: 50 cm.

I – E mais um tanto para o costeiro?

E – Exacto. E os buracos variam. Se a gente quiser, por exemplo, estreitar para uma taipa de 40 cm, arranja uma comporta e também lá vai. Estreita isto se quiser.

I – Resumindo e concluindo, não há medidas certas para as agulhas e para os taipais. Dependia da taipa que se quisesse fazer e se tivesse uma comporta.

E – A grossura da taipa, se quiser ir para os 60, aumenta 10 cm, e as agulhas estão preparadas.

I – E os costeiros a altura deles...?

E – É isto que aqui está. É este sistema. Porque se ficar mais baixo depois vai impedir, quando o malho chega aqui a cima, e ele bater nas cordas. Depois de estar cheio chega aqui e vai bater, bate na corda. E isto já ‘tava preparado para isso. ‘Tás a ver?

I – Sim, estou a compreender.

E – E quanto mais alto melhor é o sistema de segurança disto. Mais aperta o taipal. E ali o côvado existe sempre, que a gente quando dava aqui o aperto, deixava sempre pisar 1 cm, porque as cordas podiam dar esse centímetro no aperto. E quando chegava, a gente até experimentava, porque tinha que meter o côvado sempre para deixar o furo, os buracos, para meter as agulhas, quando às vezes deixava um bocadinho mais justo, quando chegava ali para o fim tinha que jogar umas malhadas mais fortes “d’encontro” [contra] às tábuas para as cordas cederem um bocadinho. Senão já não entrava o côvado. E o côvado é cónico, como vês.

I – Que será para entrar e sair bem?

E – Exactamente. É para chegar e, a gente já sabe qual é o lado mais estreito que deixa logo para ficar, e o outro vai ali com um martelo, com o cabo do martelo, e dá uma pancadinha que ele salta logo.

I – E ficava a que altura?

E – Ficava com esta altura mais ou menos. A altura a que eles ficavam e depois ficava um buraco [isto é: 2 ao centro, um em cima e outro em baixo, a fazerem força contra a tábua, na direcção do costeiro central; e outro em baixo do lado aberto, também centrado com o costeiro. Ficavam a cerca de 5 cm das extremidades das tábuas].

I – Era muito prático.

E – Então eu estou a dizer-te, aí 3 homens faziam 12 m de parede [queria dizer 12 taipais]. E quando chegava já além às 4 fiadas pedia-se o auxílio de mais 1 homem. Cada um deitava para

seu lado com as alcofas (naquele tempo não havia baldes), subiam além as escadinhas, um para um, o outro para o outro. Enquanto um ia encher o outro batia e pronto Quando chegava à parte de “toca a desarmar”, chegava aqui [junto ao taipal] o outro passava para a frente, tirava as agulhas do meio, meti-as logo que era para o taipal correr na agulha que ‘tavam nos buracos que já lá ‘tavam. Tirava-se a agulha de trás e passava para a frente. E a pessoa andava além encantado da vida, além em cima.

I – Realmente!

E – Pois então eu sei. Eu gostava disto. E fazia-se uma casa em grande com isto.

I – Pois mas hoje é preciso a intervenção de muitas pessoas nas obras: arquitectos, engenheiros,

E – Oh pá, então isto era preciso algum engenheiro! É pena é terem deixado chegar o país a uma coisa destas. Dantes chegava, desde que tivesse tudo em condições, diziam logo: “tá bem faça-se”. Agora se quiser fazer uma *moenga* destas e for dizer à Câmara ..., nem deixam. Por causa da papelada e licenças e sei lá mais o quê. (...) E só *arrumei a escrita* [deixei de trabalhar] porque tinha que andar pagando a este e aquele por causa dos papéis e depois faltava o dinheiro para pagar ao pessoal. Então isto pode ser!?

I – Realmente assim torna-se complicado.

E – E eu aborreci-me e deixei-me de *moengas*. Então agora tinha que aldrabar o trabalho para me virem chatear a cabeça? Nunca tive feito para isso.

“”

I – E as cordas? Eram de que material?

E – Eram de pita. Do cacto. Tiravam-se daí.

“”

I – Porque é que tem seguranças dos 2 lados?

E – Porque a comporta agora trabalha assim, e a gente quando avançavam os taipais, tínhamos que voltar os taipais no sentido contrário para a comporta andar sempre num lado e do outro já não precisava porque ‘tava a terra. Tinha que dar a volta. Não sei se ‘tás vendo? Aquela parte dali que ‘tá para fora passava para dentro, tanto que tão trocados.

I – Quer dizer que se virava por fora?

E – A gente pegava aqui no taipal [nas pegas ao meio das tábuas] e dava a volta em sentido contrário e ele avançava para encostar sempre. Porque se tivesse dos 2 lados o que é que ia acontecer? Agora daqui ia logo encostar ali à terra e ficava lá a marca da parte da segurança da comporta. E assim fica bem.

Relato do Sr. António Francisco Carraça¹, 02-06-2008:

Aprendeu em rapaz, aos 16 anos, entusiasmado por dois primos. Fez a casa dele em taipa, única que fez de raiz e terminou, em finais da década de 50. Nos anos 70 foi para a Alemanha aprender a ser pedreiro. Tem 74 anos e, à parte da estadia na Alemanha, viveu sempre em Santana, Portel.

«Entrevistado - Primeiramente abre-se os alicerces, não é verdade. Uma casa, “por comparação”, tem quatro divisões. Tem, “uma comparação”, dois quartos, nesse tempo eram só dois quartos, uma cozinha e uma despensa que era para as carnes e coisas dessas. E na altura agente fazia logo os alicerces, que tinham a mesma largura que a parede, 50 cm...

Interlocutor – E tinham sempre a largura da parede? Não se faziam, por vezes mais largos?

E – Não..., o alicerce, mesmo que fosse um bocadinho mais largo não fazia mal. O alicerce podia ficar com 60. O alicerce é que é que é a firmeza da casa. As minhas casas, há casas só de terreno direito, não é verdade, mas as minhas... [estão implantadas num terreno inclinado na rua, em Santana] Nessa altura agente ia trazendo o alicerce até encher o chão. O chão estava feito. Depois nessa altura tirava-se o nível, depois do chão estar feito, o nível da terra para ficar um bocadinho “o menos ou menos” 15 cm por cima do nível da terra. Quando o chão está a descer aqui [na extremidade mais baixa] fica com 50 ou 60.

I – Exactamente.

E – Para que quando começasse a bater a taipa o alicerce estar todo de nível.

I – Quer então dizer que ficava sempre 15 cm ou mais acima do nível da terra? Se fosse a direito ficava assim?

E – Se fosse a direito ficava assim. Ficava com a mesma altura por cima... Porque depois há o enchimento das casas e o enchimento nunca convém ficar encima da taipa, tem que ficar encima da pedra. Porque o alicerce era pedra nesse tempo. E hoje já não fazem isso, mas nesse tempo fazia-se o alicerce em pedra e era a barro, terra.

I – E a pedra que se usava era qual?

E – A pedra era aquela que se acareava aí nesses cabeços. [na serra de Portel]

¹ Até ao momento da entrega desta dissertação não foi possível obter nenhuma fotografia do Sr. António Francisco Carraça.

I – Estou a dizer isto porque segundo um outro mestre, lá na Vidigueira, a pedra que se usava era a chamada pedra agulha.

E – Mas isso é agora.

I – Não, na altura.

E – Escute lá, agente...

I – Era o que apanhavam!

E – E também fiz alguns alicerces, não para casas de taipa era para casas dessas que agora se usa, onde se ia buscar a Viana [do Alentejo], pedra dessa de mármore, aqueles desperdícios. Que sobrava daquilo e aí é que agente ia buscar pedra para fazer esses alicerces. Mas isso já era a cimento, não era a barro.

I – Os outros [das casas de taipa] eram com pedras aqui dos cabeços.

E – Era o que agente podia acarear. E eu tinha que a abrir toda. E nem toda a terra é boa para a taipa.

I – E qual é a melhor?

E – A melhor terra para taipa é a terra de “piçarra”. Sabe o que é a piçarra?

I – Não.

E – Agente vai cavar aqui agora esta terra, e se for cavar bem como também aquela “chapada” [encosta] além, não tem além mais que é 15 cm de terra. E depois está aquela terra assim encarniçada que agente vai cavar e desfaz-se mais em pedras. Isso é que é a terra de piçarra, essa é que é a terra mais prática para a taipa. Esta terra aqui não presta [sem pedra], porque depois não dá aperto nos taipais. Esta terra não dá aperto.

I – Depois de escolher a terra o que é que se fazia antes de se poder aplicar?

E – Antes de se poder aplicar fazíamos o seguinte... Olhe esse café aí que está à entrada, que é do “Pastana” [Pestana], dali, o “quental” [quintal] foi baixo, e “cargui” [carguei] muita carrada de terra, que era boa à mesma. Era a tal terra de “piçarra” à mesma. Depois leva-se, se for cavada lá ao pé, houve muitas casas feitas, cava-se a terra mesmo lá dentro das próprias casas.

I – Dos quintais, não?

E – Além mais para baixo, por onde vossemecê passou, aquela chapada toda, isso foi tudo as casas feitas com a própria terra. Que é a tal terra de piçarra. Que é a terra que, além 10 ou 15 cm tem aquela..., quer dizer, cava-se. Cava-se a terra, ela cava-se, mas é mais pedra com que é terra. Mas é aquela terra que dá aperto. Ela tem que dar aperto. E esta não dá aperto.

I – É só terra e não dá aperto suficiente.

E – Bem, depois disso, se tínhamos de ter a terra ao pé tinha, se não tinha, tinha que a carregar. Fazia-se um monte, como este aqui [apontou para um monte de terra], não é verdade. Depois, punha-se umas pingas de água ou de monda, porque tinha que ter tempero para assentar o maço. Para não pegar e para apertar.

Depois ia passando, como éramos..., era o pedreiro e era outro que andava a bater taipa com o pedreiro e era outro que andava carregar isto lá para cima.

I – Quer dizer que eram só três?

E – Só três homens. Noutra etapa, começava assim, começava-se a cavar e se viesse um bocadinho mais cedo via-se a terra para ir com aquele tempero para aceitar o maço para apertar.

I – Mas estava a perguntar a bocadinho qual era preparação da terra para saber com que tempo de antecedência se preparava, e se a deixam a repousar com algum tempo de antecedência para receber a humidade do clima.

E – Se terra estivesse um bocadinho fresca..., quer dizer, agente fazia sempre as taipas nesta altura de agora. Em Janeiro, Fevereiro é que começava a fazer as taipas. É quando a terra tinha aquela “necessão” de ter uma base fresca. Se for de Verão, a água e o tempero nunca é aquele que a terra tem. Se a terra estiver com aquela fresquidão como tem, “agente mal a mal dá” uma pinga de água. Se for de Verão não. Um homem “descuida-se” [se se distrai] ou leva menos ou ela vem de mais. Agora neste tempo ainda se batia taipa.

Bem, ia-se passando [a terra], com um enxadão [enxada grande, nos meios rurais era símbolo de vigorosidade] ou com uma enxada, via-se quando ela estava, mais ou menos, no tempero... Depois na mudança dos taipais sempre havia um bocadinho de termo, não é verdade. Dizia ao outro lá em baixo e depois era só preparar a terra para o outro taipal a seguir. Depois era só chegar e carregar. Mas isso também tinham que saber os dois lados, não é verdade.

I – Sabiam como é que ela caía lá, não é?

E – Tanto que um taipal carregava um e outro taipal carregava outro. “Sabiam-nos” [sabiam os] dois perfeitamente como é que ela estava lá boa.

I – Quer dizer que iam trocando, não? Não eram sempre os mesmos a fazer um tipo de trabalho?

E – Não, não era sempre o mesmo que estava a carregar. Só algum que não soubesse. E esse que não soubesse queria lá estar um dia “enteiro” [inteiro], que nesse tempo eram um dias “enteiros”, não eram as 8 horas de agora. Quem é que queria andar com um caixote à cabeça aqui em cima das escadas. Às vezes quando já eram 5, 6 ou 7 taipais, como era isso? Como um homem chega à noite? Por isso é que havia sempre um espaço ali [tempo de descanso] quando se mudavam os taipais, tirar as agulhas e meter as agulhas para a frente, sempre leva um bocadinho. Quem sabia isso, ... Mas isto aqui tinha mais ciência que andar só lá a bater.

I – Quando sabiam que a terra estava boa? Tinha alguma técnica para saber que já estava em condições?

E – Via-se mesmo a terra além ao passar [com a enxada], via-se logo que a terra ligava. Que não estava encharcada em água nem estava seca. Ia passando. Se via que não estava um bocadinho mais branda [mole], dava mais umas “passages”. Em chegando lá acima, esse que estava lá em cima dizia logo: “Pssst éi, dá lá mais uma passage.”

I – Porque custava mais a bater?

E – Não era porque custava mais a bater, era porque depois não ligava bem. Quando ia aos taipais, se fosse branda demais, não apertava, não sustinha nada.

I – Quando tirava os taipais começava a esfarelar-se?

E – Pois “atão”. Caía. E assim não, ficava além lisinha como está lá a minha ainda, lisinha.

I – Os trabalhos decorriam em que alturas do ano?

E – Se for uma terra que se tinha que cavar, ir cavando, a pessoa era só “dar à conta” cavar e bater. Nessa altura, se for própria, do mesmo sítio, faz um monte, como este aqui, não é verdade, ou maior, e é só dar uma “passage”. Depois é só dar uma “passage”, é só depois preciso mexer. Agora se forem carregadas para lá, não as pode ir molhar lá no... Ali tem que levar mais voltas. Se no Inverno “tem vagar” [tem tempo], cava, porque no Inverno a terra fica logo boa. Uma passagem ou duas..., às vezes não precisa levar água nenhuma. E depois em sendo a terra de “piçarra”, que eu digo que é com pedra misturada, ... se for terra dessa [a sem pedra] torna-se em barro. Em bloco.

I – Se não havia terra de piçarra nos quintais tinham que a ir buscar a outro lado qualquer.

E – Pois. Ali na Vidigueira, aquele saibro, aquilo valia alguma coisa para taipas. A terra da Vidigueira nunca prestou para taipas. Nem presta. Que aquilo metade é saibro. Muitas vezes têm de por uma carreira de lambazes. Faziam um taipal, não é verdade, e corriam uma carreira de lambazes de cada lado, com massa de cal, que nesse tempo não havia cimento, e depois é que começava a terra a bater. Portanto ainda se vê em certas terras, em certas casas, aquela carreira de lambaz em volta. E aqui não [em Santana]. Aqui punha-se era uma camadinha de massa e de cal, naquele tempo não havia cimento.

I – Era a terra com a cal.

E – Pois, naquele tempo não havia aqui cimento. E então fazia-se isso.

I – E para fazer as juntas?

E – Quando acabava um taipal, não é verdade, aquilo tem uma “tampazinha”, à ponta...

I – Uma comporta?

E – Uma “comportazinha”, uma “tampazinha”, uma “comportazinha”. Punha-se, quando se tirava, punha-se uma camadinha de cal, de areia e cal, ali para depois a massa quando caia ficava aquilo... aquilo só apresentava da parte de fora, não era da parte de dentro. Era para fazer vista, não é verdade. Uma divisão do taipal, mais nada.

I – Era sempre cal que usavam?

E – Pois, naquele tempo não havia cimento.

I – Não digo cimento, vê-se em muitos sítios que só usavam terra, ou barro.

E – Aquilo..., quer dizer, não é só isso, é que dava mais “pegamento” à outra camada de terra, dava mais “pegamento”. E depois..., mas era para o feitio, quando tirava os taipais via aquela coisa além, e por baixo o outro taipal era certo. Não é que desse grande força, não é, mas aquilo é mais uma espécie de feitio.

I – E a terra que se usava era a do sítio. Não era areia?

E – Não, não. Era areia, mas era areia aí dos barrancos. Nesse tempo não havia areia dos areiros. As minhas casas só viram areia depois quando eu as “comeci” [comecei] a “amanhar” [arranjar]. Nas taipas nunca cheguei a “empregar” [utilizar, colocar] areia.

I – Usavam essa areia porque era mais fina, não?

E – Ai essas terras que havia, essas estradas que havia aí, que havia anos de reserva, ia-se ai com um carrinho...

I – E carregava-se?

E – Eu carreguei, para que era agora... Agora é só comprar. Agora o mais é 4 ou 5 contos o metro de areia. Agora vou carregar?!

I – Exactamente.

E – Eu só fiz 4 casas. Na minha casa. O resto fiz tudo sozinho.

I – Depois das fundações feitas o que é que se colocava entre aquelas e os blocos de taipa? Ficava logo em cima da pedra, ou...?

E – Não, não senhora. Quando se fazia um alicerce completo, quando se deixa o alicerce completo para se começar o taipal da terra agente punha até primeiramente uma massa de cal, em cima da pedra. Não se punha a terra em cima da pedra só. Uma comparação, fazia-se o primeiro taipal, não é verdade, fazia-se além 2 ou 3 taipais e punha-se a cal com a areia, para não ficar a terra só própria em cima da pedra. Depois acabava-se a primeira volta das taipas a seguir punha-se aquela vista da parte de fora e mais nada.

I – Pois só da parte de fora.

E – Precisamente. Mas no canto da frente não leva nada. Os primeiros taipais ficavam certos, não é verdade. Depois, quando agente corria o segundo taipal..., que é este aqui, o outro a seguir seguia daqui, este já ficava a par do outro para o outro a seguir ficar apanhando as duas pontas, que era o travamento. Porque isto era assim, ... Isto é uma casa, “uma comparação” [por exemplo], não é verdade? [fez um desenho na terra] Agora este taipal chegava aqui, a este canto e este vinha a este canto. O taipal era isto, esta era a largura do taipal, e agora este, quando o segundo taipal viesse, este taipal já ficava assim a fazer o cruzamento e este chegava aqui... [fez um desenho na terra]

I – Quer dizer que só os travavam assim?

E – Exactamente.

I – E não punham tijolo? Tijolo de burro?

E – Isso era já. Era um que às vezes tinha mais algum “tostanito” [mais alguns tostões] lá punha. Mas isto também fazia diferença das terras, não é verdade, há terras mais frouxas que outras e às vezes punha. À base que havia. Até os cantos, ...as minhas os cantos foram todos feitos.

I – Em tijolo?

E – É verdade. Este canto [apontou para o desenho] que está aqui.

I – Mas punha só à face ou era...?

E – Não, era sempre a seguir. Este é o taipal, não é verdade, [fez um desenho na terra] agora chegava aqui este taipal, do cruzamento, no outro levava um lambas aqui que ia até aqui assim, e deste lado levava um lambaz aqui até aqui assim [levava só às faces, 1 ou 2 tijolos].

I – E no outro a seguir é igual?

E – É igual à mesma. Bom, levava 2 ou 3 fiadas de lambazes, não é, para fazer o canto. Quando não era isso era ferros, que agente arranjava. Ferros. Tinha que ser um ferro, dentro do taipal, daqui [desenhou na terra] até aqui, e outro daqui ..., ou até mais longe [a ligar os 2 blocos que formavam o canto], era conforme o dinheiro que tinha para arranjar o ferro. Isto é que dava a firmeza aos cantos das casas.

I – E depois nas juntas verticais era só uma camada de massa de cal? Para ligar uns aos outros.

E – Havia também noutros, se fosse uma parede comprida, não é verdade, as casas de 3 m, 3 m e tal. Depois se fosse uma parede mais comprida fazia-se o seguinte, “uma comparação”, aqui [fez um desenho na terra], o taipal a meio, um taipal, “uma comparação”, enchia o taipal até aqui. Depois aqui o outro, fazia-se o seguinte: metia-se meio taipal aqui..., e o meio taipal ficava assim.

I – Em cunha?

E – Em cunha. E outro ficava daqui à mesma, em cunha. Depois é que levava outro a travar aquele.

I – Mas nunca eram os primeiros, ou eram?

E – Bom, não eram os primeiros. Mas e depois lá se faziam a seguir. Isto também só dava despesa no tempo em que se fazia meio taipal, fazia-se um. Porque isto tudo queria era fugir... [às despesas].

I – Pois queriam fugir a despesas.

E – Pois. Mas a firmeza era outra.

I – E para bater esse meio taipal, como é que fazia?

E – Aquela parte ficava assim, descia em cunha. Depois o taipal naqueles dois meios e depois era bater ali...

I – E entre um e o outro levava alguma camada de barro ou massa de cal?

E – Não, sabe aquilo era o menos. Sabe, aquilo era uma cunha que ficava ali. E o outro ficava em cunha à mesma.

I – Entre um e o outro não levava nada.

E – Não, não precisava. Talvez alguns salpicos de cal. Só para o feitio e mais nada.

I – Pois só para o feitio.

E – Só para o feitio. Aquilo não dava firmeza nenhuma. [os salpicos de cal] Ainda se fosse naquele intervalo ...

I – O que dava firmeza era a cunha?

E – A cunha, é que... Aquilo era só uma impostura de serviço, mais nada.

I – Mas não serve também para segurar melhor o reboco?

E – “Atão” agente, já se sabe... Naquelas paredes, que é de tijoleira agora, com a porcária das areias e com a porcária que eles põem ai nos materiais, coisas finas e até..., quando chega ao fim de um ano sabe como elas estão?!

I – Descolam?!

E – Salta tudo! E depois com cais finas, com cais de caixas, que é a maior porcária. Olha, já disse à minha [esposa]: “se se usa outra vez dessas porcárias, já estão rebocadas para o resto da tua vida!” Porque 2, 3 ou 4 anos..., são caiadas todos os anos. Quando era aquela cal [de antigamente] até dava saúde às casas, e às abobadilhas. Isto agora é uma parvoíce que agente põe nas nossas casas. Aquele cheiro..., é um cheiro que faz mal a toda a gente. Tudo quer é trabalhar pouco e gastar muito.

I – O tipo de utensílio que se usava para bater, qual e como era?

E – Aquilo é um martelo. Quer ver? [fez um desenho na terra], era de madeira à mesma, isto usava um pau.

I – Era que madeira?

E – Aquilo já se sabe que, aquilo..., nesse tempo as madeiras havia poucas à venda. Tinha que arranjar uns paus, assim, que durassem mais tempo possível. De azinho era melhor.

Depois, isto é o pau, não é verdade, e depois aqui é o “coiso” que se chamava-se o... maceta, ou como é que é..., já não me lembra.

I – Maço, ou malho?

E – Maço. Pois o maço era assim. Depois fazia aqui uma cunha assim.

I – Ficava em bico no final?

E – Fazia em bico, mas não estava em bico porque o malho..., fazia em bico mas era neste lado, era assim [fez um desenho na terra]. Se fosse em bico espetava e não acalcava. Se fosse em bico não apertava. Aquilo era uma “curgeta” que era assim... [fez um desenho na terra], e depois aqui é que fazia o cabo.

I – Estou a ver.

E – Não era em bico. Por baixo era assim. O que é que não era grosso, desta parte “faceava” e da outra parte “faceava” à mesma. [desenhou um malho mas chamou-lhe maço]

I – Na Vidigueira, chama-se um malho.

E – Convinha ficar um bocadinho direito, ficava “esfaceado”, ficava erguido mas era a parte corrida toda.

I – Pois, é o mesmo utensílio. É a mesma coisa.

E – Isto em bico não apertava.

I – Então e quanto às aberturas das casas? Fazia as paredes todas inteiras, ou deixava logo o espaço para as portas, janelas e outras aberturas?

E – Não senhora. Isso, as aberturas faziam-se logo.

I – Faziam-se logo. E como é que as marcavam?

E – Ora, isso então..., como é que se marcavam. Eram um metro. Marcava-se aqui [fez um desenho na terra], era para um portal, não é verdade, o taipal chegava só até à parte de prumo, do outro lado até chegava a tapar a parte de cima do portal. Depois nessa altura faziam aquilo, e depois passavam o taipal por baixo..., quem tinha... [dinheiro para tijolo], quem não tinha, fazia-lhe o feitió depois, cavava a terra e fazia-lhe o feitió.

I – E o que usavam para fazer as ombreiras?

E – Aos cantos, depois cavava-se e metia-se ou bocados de tijolo, porque ficava sempre melhor que sempre só a taipa crua. Aos cantos, quem diz às quinas, ao canto que faz assim para a porta levava a obreira em obra, porque para firmar além as coisas das portas, não é verdade, as... [dobradiças], e se fosse só em terra já se sabe.

I – Pois, esfarelava mais depressa.

E – A ombreira pertencia sempre ser feita, ao menos, em tijolo, a ombreira.

I – E os lintéis? Eram em arco, com um barrote de madeira, como eram?

E – Eram a direito. Havia agora cá outras coisas. Havia alguns que punham era um bocado de tábuas e pronto, estava feita. Pois “atão”. Era tudo feito à base de muito dinheiro.

I – E só quem tinha algum mais é usava outros materiais, não? Quem tinha mais dinheiro é que faziam um arco em tijolo.

E – Nem esses faziam isso, nesse tempo. Mesmo esses que tinham muito dinheiro tinham pouco.

I – Mais ou menos o tempo que demorava a fazer uma casa?

E – Isso depende. A minha casa..., bom agente faz a parede e depois tem que estar aí mais um mês, ou dois para aquilo enxugar, para por os telhados e por os madeiros. Não pode logo fazer.

I – E por logo tudo.

E – Se corre tudo bem..., além 4 casas e um corredor..., para aí umas 3 semanas.

I – Demorava 3 semanas a fazer? E quantos blocos se faziam por dia, mais ou menos?

E – Isso ...

I – Não tem uma ideia?

E – Tenho ideia. Havia uns que faziam 12 e 13 e outros 17 e 18!

I – Isso é que era fartura.

E – Não é fartura, é que quanto mais tempo levasse mais bem batida ficava e quanto mais depressa, mas mal batida ficava. Era só advertir isso e mais nada. Aquilo para ficar bem feito eram 10 taipais por dia. Para ficar...

I – Num dia de trabalho, com três homens a bater com deve de ser...

E – Para ficar bem feita. E para ser 10 num dia já uma coisa boa. Havia aí “bichos” que faziam 17 e 18.

I – Ficavam com menos segurança, essas.

E – Às vezes diziam... [para fazer mais blocos num dia], mas “não, não se fazemos 10 fazemos 9”. Que aquilo era para mim, não era para os outros. Ora deixa, fazia bem para os outros e depois... [para mim ficava mal!]

I – E as coberturas, como fazia? Ficavam em madeira, não? E os telhados?

E – Havia alguma coisa nesse tempo? Havia alguma abobadilha, havia alguma naquelas como há agora?

I – Não fazia abobadilhas?

E – Então como? Ora! Hoje tenho tudo. Só no curral das vacas é que não tem nada. De resto tem tudo abobadilhas. Já as fiz eu.

I – Mas é placa, não é “abobadilha alentejana”?

E – Não. É daquela além. De telhas lusas. As minhas são todas lusas.

I – Mas o tecto da casa é a direito ou é doutro?

E – Não. É tudo direito. Os tectos são tudo direito.

I – Mas antigamente era tudo com a telha à vista?

E – Tenho lá dois inclinados. Um é a despensa, o outro é outra casa. Disse: “isto não vale a pena isto, deixo estar aqui as madeiras e a abobadilha [placa] serviu de tecto à mesma e pronto, e pus-lhe as telhas por cima e pronto. A telha da nossa.

I – Da lusa?

E – Não é da lusa...

I – Sim, desculpe. Da de canudo.

E – Na antiga. Mas as outras não, as outras são todas ...

I – Mas antigamente como era? Colocavam as ripas de madeira? Como era o normal fazer?

E – Uns de ripa e outros de folha. Esses que tinham tudo em folha, pois está claro... [tinham mais posses e gastavam mais dinheiro], o resto punha ripas. Era tudo a ripas. Ripas desta largura [c de 5 a 8 cm], e de uma à outra, para entrar bem o ar... [gracejar]

I – e como é que assentavam os barrotes nas paredes?

E – Não, aquilo não entravam na parede. Ficavam em cima.

I – Ficavam em cima.

E – E depois de estar..., aquilo com a folha [ripas] ficavam com esta diferença uma da outra [c de 5 a 8 cm], e depois de estarem todas pregadas nos barrotes, ficava aquele intervalo. Depois agente ia com uma “macheia” [mão cheia] de massa de cal, e ficava certinho com a madeira de um lado e do outro. Ficava tudo certo. Não ficava aquele buraco entre as madeiras. Ficava perfeito. Para, mais ou menos, a telha ficar toda a direito.

I – Estou a perguntar porque em alguns sítios cavavam na parede para encaixar os barrotes.

E – Pois, eu sei como é. Mas não valia a pena.

I – Depois “acompanhavam” era a estrutura?

E – Não é só isso, era mais limpo. “Mande” [por causa de] isso ficava mais limpo. A parede. E a madeira ficava dentro da massa. Quer dizer, durava mais tempo do que ficando dentro da terra.

I – Porque apanhava mais humidade?

E – Sim. Mas aquilo ficava mais limpinho. E até a telha assentava toda como assentava na madeira. E na madeira, às vezes, “háviam-nos” paus tortos e tínhamos que por vários cacos por baixo para elas ficarem direitas, não é verdade. Senão eram só covas. Tínhamos que ir buscar os paus...

I – E onde é que os iam buscar?

E – Ai nesses..., onde os havia.

I – E arranjavam-nos no sítio, ou...?

E – Não. Aquilo era às “macheias”. Em certos sítios eram inteiros. Aquelas pontas que não queriam para nada, cortavam lá e trazia-se só a medida que queria.

I – Traziam só o que precisavam, pois está claro.

E – Pois. Havia também quem comprasse. Olhe o sogro desse [do senhor da propriedade agrícola ao lado] que vendia, mas era mais caro também.

I – E os rebocos? Como é que se fazia?

E – Os rebocos? De dentro de casa?

I – Os de fora.

E – Nas minhas demoram aí uns seis anos. E depois é que fiz o reboco.

I – Porquê?

E – Porque, a vida nesse tempo estava má. E fui lá para as minhas casas só com porta para o quintal. Nem janelas nem porta para a rua. Só abri isso tudo passado 5 ou 6 anos.

I – Mas isso era prática corrente?

E – Essa parte era para quem...

I – Só para quem tinha mais dinheiro. De resto só abriam uma porta para o quintal e pronto?

E – Mais nada. E as portas..., as janelas fiz ai à 18 anos, quando vim da Alemanha.

I – E as portas de dentro como eram?

E – Eram reposteiros, e outras não eram nada. Eram livres para o ar circular.

I – As paredes interiores também eram em taipa?

E – Tudo. As minhas casas, mesmo as meias, são em taipa.

I – E nas outras que fez?

E – Bom, só aquelas que acabei foram aquelas 4, as minhas. As outras foram todas em obra. Na parte de baixo tenho mais duas, que já fiz eu sozinho..., tenho mais três, mas tudo em obra.

I – Estou a perguntar porque havia quem fizesse nas paredes de fora taipa e nas de dentro em...

E – Em lambaz de obra.

I – Ou em tijolo cru.

E – Eu também já fiz uma, mas depois..., “arrumi-lhe” outra ao pé daquela. Só para não a estar a desmanchar. Aquilo é alguma coisa? Lambaz cru?! Era metade do dinheiro, “atão”. Era há do “Balharico”..., à do “Balharico” é que... Na estada que vai para a Vera Cruz [de Vidigueira para Vera Cruz]. Lá é que fui buscar a obra para as minhas casas.

“”

I – Sobre os rebocos, havia quem só fizesse os rebocos passado um ano.

E – Exactamente. Porque aquilo sempre..., até as mulheres não caiavam. Mas, agente tínhamos uma vassoura áspera..., e aquilo era próprio fazerem aquilo porque, havia muita pedrinha que caía ao chão e ficavam aqueles buraquinhos. Dá mais processo para o reboco depois pegar na parede. Se a parede estiver lisa o reboco estala mais depressa. Mesmo agente, quando eu fazia isso, tinha umas escovas, quando eram paredes de taipa, íamos com uma escova de aço e raspávamos a parede, para assentar melhor o reboco.

I – E o reboco era de que materiais?

E – Já muita gente punha cimento. Depois acabou a cal e punha-se cimento, passados muitos anos.

I – Mas a maneira antiga não era misturar a terra do sítio com cal? Era o maçacote.

E – Pois “atão”, isso é a tal coisa. Para evitar a despesa. Ai, mesmo nas melhores terras que à ai..., nem todas as terras são boas para taipa. Ali a Vidigueira não tem. Nenhuma, nenhuma. Aquilo é tudo saibro, tudo saibro. Ainda estão lá umas velhas que metade já está tudo... Além à ponta dos taipais e ao meio... As que estão tapadas “sabe ele”, fará agora as que não estão tapadas. Não é própria para aquilo, pronto. E esta nossa terra aqui não. Estas que estão aqui está tudo feito.

“”

I – E que altura podia ter uma casa de taipa?

E – Quem é que fazia uma casa de primeiro andar?

I – Conhece as casas da Firma, na Vidigueira, foram feitas de taipa.

E – Fazia-se mais era por baixo. Se aumentava para cima era em tijolo, se tinha 3 m ficava com 3, 5 m. Nessa altura não havia falta de espaço para as casas. Pois então, quem é que comprava casa aqui? Ninguém.

I – E havia quem nem sequer rebocava as casas. Caiava só?

E – Eram caiadas, e pronto. Ainda deve haver aí muitas, ainda. Pois então. Deve haver muitas e muitas, ainda.

I – As caiações foram tantas que já devem ter uma boa grossura.

E – Às vezes caem aquelas “chapas”.

I – Aquelas que já foram caiadas durante 50 ou 60 anos, todos os anos, fica com uma grossura...

E – “Atão” aquilo alguma vez cai? O que é, é que mesmo depois de velhas começam a estalar. Depois têm que ir com uma colher e tirar aquilo. Eu já desmanchei algumas delas. Agora é que à 7 ou 8 anos que já não...

I – Os cintamentos que faziam eram como? O que colocavam entre os blocos de taipa? Pedra, tijolo ou só barro?

E – Isso agente se fosse muito grosso levava pedra. Agora se fosse uma coisa pequena, isso... se desse para caber umas pedras, ou duas fiadas de pedra, porque isso é sempre firmeza.

I – E assentavam as pedras com o quê? Com barro?

E – Exactamente. Nesse tempo, nas taipas, havia só aquela mistura de cal com a areia para a figura, mais nada.

I – De resto usava-se barro, não?

E – Com o barro e mais nada.

I – Na Vidigueira usava-se uma fiada de tijolo ao meio do taipal...

E – Porquê? Porque senão estava sujeito, quando tirava os taipais..., e assim aquela fiada de lambaz, de um lado e do outro, com o aperto, com o tempo que acabava o taipal e tudo, o

lambaz entre o taipal enxugava e dava logo o aperto. Sem ser nos cantos, aqui ninguém punha nenhuma.

I – Mas aqui não se punha muito? Pelo menos não se vê em sítio nenhum.

E – Não, aqui não.

I – Na Vidigueira usava-se muito. Devia de ser por a terra ser mais “esfarolenta”.

E – Havia muita terra ai, que tinha que ser partida. Ainda parti alguma, ainda. Cavar e parti-la. Enfim, ficava mais miúda e para apertar..., em sendo só pedra depois não dá aperto. Parti muita, muita, ainda parti muita. Lá para as minhas casas carregi muita e mas tinha que a partir. Senão depois não liga, não liga. Em sendo partida, com qualquer cunha a terra liga e dá aperto. E a pedra não dá aperto.

I – E os utensílio? Ainda os tem?

E – Oh, isso... Não... Logo quando acabei tinha 28 tábuas de andaime, tinha 16 andaimes, cruzetas. E já não tenho nada em casa.

I – E os utensílios de trabalhar com a taipa?

E – Isso, nada. Nada. Já ninguém tem isso. Mesmo aqueles quem tinham... Queriam lá essas coisas lá em casa. Deitaram-nas fora. Só um qualquer, que a mulher ainda é viva e os deixou ficar...

I – E os utensílios eram em que material?

E – Isso eram de madeira. Em pinho que era o mais barato nesse tempo.

I – Eram em pinho. E como é que atavam os costeiros uns aos outros?

E – Isso era com uma corda. Uma corda, mais ou menos, que fosse forte. Tinha que levar três. Um ao meio e um em cada ponta. Porque, quando se mudavam os taipais, tinha que... quando se mudava ficava lá o da ponta [o costeiro], ficava lá, puxava-se o taipal, tirava-se o do meio e punha-se logo à outra ponta, o do meio. Só nessa altura é que se tirava o terceiro e punha-se ao meio. Depois de estarem os três é que se apertava.

I – Quer dizer que um ficava sempre e os outros dois é que mudavam de sítio.

E – Pois, mudavam-se os taipais para a frente para ficarem...

I – E as agulhas eram de ferro?

E – Eram de ferro. A agulha eram o seguinte..., tinham assim..., [fez um desenho na terra] eram assim não é verdade, eram com estas duas partes e isto ia enfiar na agulha de baixo [fez um desenho do encaixe da comporta com a agulha], depois enfiava assim, porque a ponta da agulha tinha aqui um travessal. Que era para quando agente apertasse não abalar daqui. Da outra parte não abalava. Tinha uma cunhazinha para não abalar [na comporta].

I – E o cesto para carregar a terra?

E – Isso era, muita gente, aqui pouca gente, muita gente ai para fora que era com uma alcofa. Mas agente aqui era com um caixote. Uma “comparação”, o caixote era assim [fez um desenho na terra]... e depois, para não ser muito grande, ia assim em cunha para descarregar melhor. E depois deste lado tinha uma asa, de cada lado tinha uma asa.

I – Era assim para ser mais fácil descarregar.

E – À frente, dos dois lados que era um para descarregar e o outro para...

I – Na Vidigueira usava-se uma alcofa de esparto. Era mais barato.

E – Não. Eu mesmo é que fazia aquilo. Demorava algum tempo a fazer um caixote?! Em tendo madeira... Agora a alcova dava muito mais cabo da cabeça. Eu nunca usei isso. Mas havia ai homens que ai nas obras..., sabe o que é uma “sogra”?

I – Não.

E – “Atão” as padeiras, lá na Vidigueira, não usam um tabuleiro de madeira? E não levam, por baixo, na cabeça, uma rodilha enrolada?

I – Sim, já sei.

E – Isso é que é uma “sogra”. Usava-se à cabeça. Isso é o que se chamava uma sogra.

I – E as cordas que usavam, eram de que material? Na Vidigueira usava-se em pita.

E – Isso era a coisa que durava mais tempo, mas... isso, nesse tempo era o que arranjava. Esses custos eram do mestre pedreiro. Não eram... Os pedreiros aqui eram só para trabalhar, mais nada. Não tinha mais nada. O patrão é que tinha que arranjar tudo. O pedreiro era só chegar e trabalhar, e mais nada.

I – Era só chegar e trabalhar e mais nada.

E – Chegar e fazer e mais nada.

I – E quantos havia aqui nessa altura a fazer taipa?

E – Mestre Zé, Mestre Alfredo, António d’Aires, Mestre Justino, Moisés, Albino do Carcho...
Eram uns 7 ou 8.

I – Mas trabalhavam nisso o ano inteiro?

E – Não. Porque depois só fazia..., depois que um homem começava uma casa dessas, isso faziam pouca despesa, quer dizer fora os melhoramentos faziam pouca despesa. Com telhados..., demorava ali 5 ou 6 meses. E naquele tempo a pessoa que mandava fazer isso, às vezes ele sozinho com o pedreiro. Ele é que tinha que fazer tudo. Está a ver levava mais 1 mês ou 2. O outro coitado tinha que ir...

I – Ganhar o dinheiro para pagar ao pedreiro, não?

E – Exactamente, “chegi” a fazer moradas sozinho, eu.

I – Se calhar, muitas vezes, os familiares iam ajudar, ou não?

E – Não ajudava nada. Isso ajudas nesse tempo... Queriam mas era ir ganhar algum. Agora ajudas!

I – Quer dizer que não havia aquele sentido comunitário, onde “ora ajudava eu ora era ajudado”?

E – Isso eram só os muito amigos. E muita gente não sabia, muita gente não sabia. E outros iam fazer e faziam mal só para agente dizer: “é pá, vai... Amanhã já não venhas, estares aqui para não fazeres nada, deixa estar que faço eu.” Não sei como é que fazem isto agora! Tem que haver muito dinheiro nos bancos!»

A entrevista ao Sr. António Faisco sobre a taipa encontra-se em formato Vídeo no DVD anexo, p. 107.

Entrevistas sobre os telheiros:

Sr.^a Maria Emília Trole, Srs. Diogo Quarenta, Sebastião Cabaço, Francisco Bатуca e “Zé do Ó” (José Casadinho Baião).

Esposa de um fabricante de telhas e tijolos, dono de um forno e do telheiro.

Relato da Sr.^a Maria Emília Trole, 12-06-2008:

«Interlocutor – Podia então dizer-me onde era o forno do seu marido e que outros fornos havia aqui na Vidigueira? Estive a procurar nas matrizes prediais urbanas das mais antigas, na repartição de finanças e encontrei lá alguns.

Entrevistado – Então devias ter encontrado um na estrada do Carmo, que era o do meu sogro.



I – Era onde mesmo?

E – Na estrada do Carmo mesmo.

I – Mas encontrei 3 aí.

E – Mas o do meu sogro era o primeiro que era em frente..., era mesmo na terra do Matos Rosa. Na terra do Matos Rosa onde agora é a vinha. Aí é que era o do meu sogro. E o do Alfredo Prendinha era logo cá em cima, à estrada do Carmo, mas logo ai ao Fojo, logo ai. Depois estava o do Zé do Ó e estava o do Joaquim da Vizinha que eram os 4..., e era o do coiso..., como é que ele se chama?

I – Bom, se não se lembra não faz mal. Pode ser que se lembre mais para a frente.

E – Era o Beato também. Que era na estrada do Carmo, lá no Carmo mesmo.

I – Havia um mesmo na Quinta do Carmo.

E – Sim, na Quinta do Carmo. Agora não me lembro do nome homem. Era o bisavô do Zé Miguel [Fáisco].

I – Na Quinta do Carmo, aquele que encontrei, estava registado em nome de Joaquim Toscano de Sampaio. É o nome que lá está. Há outros nomes, ao longo dos tempos. Está um outro nome

que é logo dos primeiros de Manuel Caetano Beato e o último proprietário é José Manuel Tasquinhas Antunes.

E – Pois sei, é esse mesmo. Do homem que se matou agora.

I – Sim?! Então já sei qual é a casa.

E – Pois é esse mesmo que se matou agora. Era mesmo ai, é que era.

I – Estava a perceber que era do lado da vinha do Matos Rosa.

E – Não, era mesmo..., sabes onde morava aquele homem que se matou agora, morava nessa habitação.

I – Quer dizer que havia uma de um lado e outra do outro, não?

E – Pois. E esta estava ao meio. A do meu marido era na estrada do Carmo mas era na Vargem. Na Vargem.

I – Sim, vi o registo do “Imposto de Comércio e Indústria”, que estão na Câmara e estava lá esse nome.

E – José Francisco Marques Caetano. Eu até também tenho além o Alvará, vê lá. Até tenho além o Alvará. Porque..., tenho o Alvará e até tenho, quando o meu marido deixou..., sim, porque “desrriscou- -se” para não pagar contribuição e imposto, ainda tenho além esse papel. E ao fim de anos vieram com o imposto atrasado, que não se pagava. E eu tinha o papel e levei-o às Finanças, diz-me o velho Soeiro, diz-me o Soeiro assim: “Vá lá vizinha que já se safaram de uma boa multa”. Calcula, se eu não tivesse esse papel, da baixa que tinha dado, tinha uns poucos de anos por pagar. Os impostos.

I – E isso foi em que ano? A altura em que deixou a actividade, que se “desrriscou”?

E – Oh filho então..., isso foi ainda nos anos 50 ou 60.

I – E continuou a haver por aqui alguns, a partir dessa altura?

E – Não. Aquilo desapareceu. Nunca mais houve nenhum. Os que havia eram os que estavam, foram continuando mas foram desaparecendo, tanto que agora já não há nenhum.

I – E não se lembra de nenhum forno de cal?

E – Não. Aqui não havia nenhum.

Olha, agora lembrei-me, o velho Baganha. O velho Baganha, que era o daquele telheiro lá da estrada do Carmo.

I – Era aquele que ficava na Quinta do Carmo?

E – Sim, na Quinta do Carmo mesmo.

I – Por causa dos utensílios e das medidas dos produtos que havia, por acaso não tem uma ideia?

E – Olha, eu tinha de tudo, tinha de tudo. Tinha a medida do lambaz, do tijolo, do ladrilho, a forma da telha (o galápio), tinha a grade, a grade com que o barro, com a grade e depois o galápio vinha daqui..., o barro da telha na grade e era posta no galápio.

I – E o que era o galápio?

E – O galápio era o que aceitava... [o barro] era da forma da telha. A forma da telha era feita numa..., numa..., numa grade de ferro, numa grade de ferro, em cima de um ladrilho. Tinham até um “pialinho” [poial] assim alto. Faziam na forma, aquela forma de ferro, o barro era muito bem fabricado, posto naquela grade, lisinho, lisinho muito bem. Depois a grade era puxada e o barro era posto em cima do “galápio”, fazia a forma da telha.

I – Tinha então a forma da telha.

E – Tinha a forma da telha. Aquele “galápio”, com a telha posta em cima, era com a mão lavada, na água, muito bem, muito bem, e depois tinha que ser posto na eira, na eira para secar.

I – Ao sol, para secar?

E – Ao sol. Depois de estar seca é que ia para o forno.

I – E onde é que iam buscar as terras para fazer...?

E – Eram terrenos que havia, que eles descobriam se “havam” terras próprias para esse fabrico. Olha porque a terra do lambaz era uma terra grosseira, não era preciso muito fina, já a do tijolo era preciso ser uma terra mais fina, e a do ladrilho. E a da telha “atão”, era do barro da telha. O barro da telha que era o principal. Mais fininho de tudo, sem pedrinha nenhuma. Tanto que era o barro da telha.

I – Estive a falar com um senhor, que era talpeiro em Santana, que dizia que as terras mais finas as iam buscar aos ribeiros e barrancos, aqui não era assim, não?

E – Aqui era mesmo nos próprios terrenos, havia filas, filões de barro. Uns próprios para a telha, se o barro era muito forte faziam uma mistura, do outro barro mais fraco, percebes? Mas no próprio terreno, no telheiro do meu sogro, que onde eu conheci, e no do meu marido é que faziam a escolha para fazerem a telha, o lambaz, tijolo, ladrilho.

I – Quer dizer que só havia esses três tipos de tijolo.

E – O lambaz era o grosso, o tijolo era mais fino e o ladrilho, quer dizer o ladrilho era da mesma massa do tijolo, mas o que é o ladrilho era isto [apontou para os azulejos de dimensão parecida no chão da sua casa], era isto. Isto era o ladrilho.

I – E a grossura, tinha a mesma grossura do tijolo?

E – Do tijolo. O lambaz é que era o dobro, o lambaz é que era muito grosso. Tanto que era com o que levantavam as paredes.

I – O Sr. António João Trole ainda tem um molde de uma “meia” [um tijolo de meia, isto é metade da grossura de um tijolo] ...

E – Quem? Diz lá o nome.

I – O António João Trole, que mora lá à Estrada Nova, para lá do Ciclo.

E – *Atão*, o António João Trole, ele era pedreiro, ele é que fez os arcos do forno do meu marido. Quando o meu marido fez o telheiro, lá nesse sítio, na Várzea, ele e que foi fazer os arcos, e foi mobilizado para ir para o Ultramar. Vê lá se haverá anos! Foi nos anos 60, lá está. Foi nos anos 60. O António João Trole estava a fazer os arcos, do forno, para cozer a obra, cozer a obra, foi ele mobilizado nessa altura.

I – Mas já havia algum telheiro nesse sítio?

E – Já havia muitos. Já havia muitos, já havia muitos. Porque aquele do meu marido foi dos últimos que talvez se fizesse. Havia já mais.

I – Mas havia já algum nesse sítio?

E – Não, ele é que o fez. Ele é que o fez.

I – Quer dizer que durou pouco tempo?

E – Durou pouco tempo, sim, durou pouco tempo. Porque depois começou a haver muitas obras, muitas indústrias por fora de fabrico de tijolo deste mais moderno, furado e parece que eram

mais largos, não eram tão pesados e dava mais saída, enfim..., e o pessoal começou a deixar de trabalhar porque ninguém queria amassar barro.

I – Não faziam, para vender, tijolo cru?

E – Vendia-se, então a maioria, quem não tinha muito dinheiro..., para [em vez de] pagar o tijolo cozido, lambaz cozido, iam buscar o lambaz cru. Para fazer as divisões nas casas, aí essas pessoas mais pobres, faziam as divisões com tijolo cru, com lambaz cru.

I – E qual era diferença de preço? Não se lembra?

E – Não, isso não me lembra.

Neto da Sr.^a – E eram as pessoas que coziavam os próprios tijolos?

E – Não. Os próprios telheiros..., havia um forno, um forno para cozer a obra, para cozer o material. Aquilo, a obra, era feita nas eiras, na eira é que secava, a gente..., só o que não fiz obra, mas “gaspiei” [o mesmo que “cantear”] muito ladrilho e muito tijolo e muito lambaz. Porque depois de secos, a gente com uma foicinha, foicinho, raspávamos as “aresteas” todas dos cantos... assim... [demonstrou como se raspava] para ficar tudo mais..., porque fazia sempre uma “babugesinha” [babugem]. Depois era tudo posto em boneco, assim... em boneco em cima uns dos outros, da altura de..., parece que levava 10, 10 lambazes cada boneco. Ficava tudo a secar nas eiras. Quando aquele tijolo já estava seco, “em jeitos de” [parecendo estar pronto para] cozer, é que era metido no forno.

I – Como é que se fazia para saber se a terra era boa para cozer? Via-se isso ao deixar secar o tijolo?

E – Essa experiência era feita antes de fazerem o lambaz, antes de fazerem a obra. Havia uma experiência para experimentar se o barro dava para lambaz, para telha, para tijolo...

I – Como é que faziam essa experiência?

E – Qualquer bocadinho de barro noutra forno, e iam experimentar. Faziam uma bola, ou uma coisa qualquer e experimentavam. Para saberem se a terra dava para isso.

I – Mas voltando à questão dos preços, não sabe, nem tem uma ideia da diferença do preço entre um lambaz cozido de um cru?

E – Ah filho, isso não me lembra. O meu marido não chegou a vender lambaz cru. No tempo do meu sogro vendeu muito, mas eu nessa altura não sabia. Agora no tempo do meu sogro, que

havia os primeiros telheiros, havia muito quem comprasse tijolo cru para dividir as casas por dentro.

I – E isso era usual? Usar tijolo cru, ou a maioria usava cozido?

E – Sempre acontecia, mas era uma coisa rara. Não era muito usual. O maior era tudo comprado cozido.

I – Estava a perguntar porque o meu avô, na altura, utilizou tijolo cru para as paredes interiores.

E – Cru, para fazer as divisões. Cá está como eu já te disse. Eu não te disse que havia quem comprasse para fazer as divisões por dentro. Porque por fora era com o cozido. Por dentro com o lambaz cru fazia a divisão à mesma e não receavam que a chuva o derretesse. O cozido só se usava por fora.»

Relato do Sr. Diogo Quarenta, 20-12-2008:

Genro de um fabricante de telhas e tijolos, dono de um forno e do telheiro. Trabalhou esporadicamente no mesmo e modernizou o telheiro para fábrica de tijolo furado.

«Entrevistado – Tinham um ferro [grade], em que..., punham aqui a massa, espalhavam, faziam assim [demonstra como se alisava a argamassa] para ficar lisinho. Era a correr por uma telha. O Justino então..., o Sebastião era quem fazia a telha, eu nem sei como eles aguentavam.

Interlocutor – Já estavam habituados.

E – Não sei como é que aguentavam isto. Era a correr, a correr. Bem, ...porque aquilo era: quanto mais faziam melhor. E então ficava tudo assim. A telha era diferente. A telha..., isto é antes da massa ser preparada. Normalmente eram as pessoas assim de mais idade que cortavam a telha. Era com cinza também...



I – Com cinza?

E – Com cinza. Quer dizer, tinham cinza num alguidar, que era mais ou menos um alguidar como este aqui [mostrou um alguidar de metal com cerca de 1 m de diâmetro] e, quer dizer, punham a cinza por baixo, por baixo daquela coisa de ferro [a grade], depois punham lá a massa preparada, depois tinham uma coisa e chegavam ali e cortavam. Depois vinha o Justino, ou vinha o Sebastião, vinha o homem que deitava a telha, com um canudo [galápio]..., chegava ali puxava aquilo de cima de uma pedra, uma pedra lisinha, ficava ali aquela coisinha de massa da telha em cima, chegava ali..., eu não sei como é que eles conseguiam aguentar aquilo ali e não caia. Tiravam aquilo de repente e ficava a telha ali em cima. Em cima porque aquilo era uma eira e, era tudo varridinho todos os dias, era tudo muito bem varridinho para não ficar além nada, tudo preparado, e então ficavam ali. Eram 5, 6. Faziam assim em género de triângulo, em 6. Depois iam sempre fazendo, em frente, que era para contarem. A telha, quando chegava a uma certa altura..., eram umas 4 ou 5 horas, conforme às vezes o tempo, chegavam ali e levantavam-nas e punham-nas ao alto, para elas se aguentarem, para secarem mesmo. Punham-se em medas para ir ao forno.

Isto aqui é diferente, o tijolo é diferente. O tijolo..., tinham uma foice, com que tiravam isto. As arestas, com a foice, eram cortadas para ficar tudo certo.

I – Voltando um pouco atrás, se calhar começávamos pelo princípio, que seria a escolha do local do telheiro. Qual seria o melhor local para ir buscar barro e para instalar um telheiro?

E – O meu sogro, por exemplo tinha o dele ali na Vargém, o barro era mesmo dali. Era barro..., eles é que escolhiam e sabiam qual era o barro bom. Eles é que sabiam qual era o barro.

I – E qual é que era o melhor barro?

E – Isso, não lhe sei dizer. Aquilo é..., talvez o Sebastião lhe possa dizer isso. O meu sogro dizia-me assim..., ele mandava lá sempre uma “reta” [retroescavadora], no verão cortar o barro, cortavam o barro e faziam um grande monte. Para quê? Para o barro não ser virgem. Porque o barro está coiso... [na terra], é virgem. Depois, com o cortar, dá a impressão que ia apodrecendo, perdia força, perdia elasticidade, perdia força. Porque senão havia uma coisa, quando o barro era muito forte eles estalavam. As telhas e os tijolos estalavam, quer dizer com a temperatura do calor, ao encolherem, estalavam. Que é o que a gente às vezes vê aí estalados. E então tinham que fazer aquilo. Todos os anos tinha lá um monte de barro lá daqueles. Depois todos os dias, com uma enxada cortava um bocado, mesmo lá no sítio, com um carro levava para um sítio que eles lá escolhiam, que era o género de..., não era um poço, era uma “covasinha” que eles lá faziam. O meu sogro levava além umas 2/3 horas. Era amassar o barro com os pés, amassar, amassar...

I – Faziam alguma mistura?

E – Não fazia mistura nenhuma. Aquele barro não era preciso. Era com os pés, com os pés, com os pés.... E depois, até formar que ele chegava ali e agarrava numa bola e ela não se desmanchava. Parece mentira. Parece que estava a amassar pão, com farinha. Parece mentira. Quer dizer, com a farinha chegam ali e fazem aquilo assim. Com isto é a mesma coisa. Pegavam naquelas bolas muito grandes e ia lá para ao pé do homenzinho da telha. Os outros não, este aqui o barro do tijolo, não era amassado tanto. Era menos. Agora o da telha tinha que ser muito bem amassado.

I – Mas o barro era do mesmo sítio?

E – O barro era do mesmo sítio.

I – Da telha para o tijolo faziam alguma mistura no barro?

E – Da telha para o tijolo havia uma coisa que era..., eles quando era telha tinham que joeirar o barro. Havia além uma coisa que eles faziam que era joeirar o barro. O outro não era preciso tanto porque não fazia mal levar pedra. Se a telha levasse a pedra ficava um buraco. E eles às

vezes escolhiam o barro, que às vezes aquele barro, que também lá aparecia, que tem aquela pedra que coze, eles já não o punham. Eles é que sabiam qual era o local do barro. Talvez o Sebastião lhe possa dizer melhor, porque ele está mais dentro disso do que eu.

Pois era assim, quer o homem a fazer a telha tinha sempre uma cabana para não estar ao sol. Estava sempre à sombra. Uma pedra à altura da barriga, que era para chegar ali, tinha ali ao lado..., era sempre com cinza, porque a cinza é que não deixava colar à pedra. Era como se fosse a farinha. Para não pegar por baixo. Há-de reparar que por baixo das telhas tem sempre aqueles coisos..., não é uma coisa lisa. Era disso. Quer dizer ficava...

I – Metiam a cinza em cima da pedra para não pegar?

E – Ficava por cima daquela cinza e quando tiravam não ficava agarrado à pedra. Porque senão o barro ficava agarrado à pedra e aquilo não ficava como devia de ser. Aquilo era muito rápido. Chegavam ali, então, quer dizer..., a pessoa que estava a deitar a telha, por vezes o homem que estava a cortar o barro para a telha, o que estava a deitar a telha tinha que esperar para que o outro fizesse aquilo. O Justino [Canelas] a correr e o Sebastião [Cabaço] a correr..., porque aquilo era grande, a cira era deste tamanho, pelo menos [do tamanho do quintal do Sr. Diogo, cerca de 10x15 m] eles faziam, por dia, às vezes 1000 e tal telhas. Era muita telha. E só telhas. Depois tinham que ir por ali tudo, e depois com um vasculho áspero varrer mais um bocado quando não faziam [telha]. Bem, eles já arranjavam aquilo. Era ao desenrascar. Era a maneira que eles tinham, se calhar assim. Depois de estar tudo seco ia ao forno.

I – Para fazer o tijolo, o ladrilho e o “adobo” a terra era a mesma?

E – Era a mesma. Sem mistura nenhuma. Poderá haver outras terras, mais fortes, que precisava de levar. Eu, por exemplo, sei que onde eu tenho uma terra que comprei, que era lá outro telheiro também, que ele [o sogro] de lá tirava barro daquela fazenda mas tinha que ir misturá-lo com outro. Porque às tantas com as misturas é que encontravam as misturas certas. Esta não era preciso. Era o ideal. Que chegava ali e não levavam carradas de terra nenhuma para ali. Só foi preciso pôr ali terra de argila vinda de Marmelar quando nós começamos a fazer tijolo do outro. Porque o outro ainda rachava mais que era paredes mais fininhas. Ai é que vinha de Marmelar. Quer dizer, fazia uma mistura e ai conseguia fazer alguma coisa. Porque só com aquele não dava. Rachava todo. Era fazer rachar, fazer rachar, fazer rachar... O que racha vai fora. É só desperdício.

I – Os utensílios que se utilizavam para fazer estes três eram quais?

E – Este é o do tijolo, depois havia o do tijolo fino, que não tenho aí. O tijolo fino era outra madeira um bocadinho mais fina. Era metade desta. Mas era tudo aos dois e dois. Eles quando faziam. Hás-de reparar que este é deste tamanho [do tamanho da forma do ladrilho].

I – O tijolo mais fino era só metade da grossura mas o resto era tudo igual?

E – Era tudo igual. Porque é que eles utilizavam o tijolo grosso e o tijolo mais fininho, acho eu, porque às vezes a fazer uma parede era preciso por outros mais fininhos, e eles para não os partirem faziam assim. Devia ser para usar assim. Eu sei é que o processo é todo o mesmo. Eram os moldes feitos em madeira e o resto tudo igual.

I – Colocavam, então, a terra dentro dos moldes...

E – A terra fabricada. E depois com água..., tinham sempre uma coisa que era um balde com água. As mãos andavam sempre molhadas em água que era para não pegar. Era aquilo é que fazia que não pegasse. No fim passavam a mão assim por cima com um bocadinho de água e ficava aquele brilhinho. Tiravam fora e punham ao lado. Conforme punham ao lado isto ia ficando assim, ao lado uns dos outros. E depois para os empinar, ficavam assim [em boneco, dois de cada lado com dois transversais por cima]. Eles faziam ali um sistema que era aquela coisa de gente dizer assim o que custava lá mais..., eu não sei o que custava lá mais. Era um trabalho muito duro. Especialmente a cozer. Quer dizer, para além de andar sempre a correr..., o trabalho deles era sempre assim, sempre dobrado. Era dor de rins, era muito custoso. Sempre a correr. Aquilo como era, quanto mais fizessem mais ganhavam, não era aquele trabalho..., portanto era um trabalho muito duro. E depois, mesmo no enformar, no enformar..., vamos agora à parte do enformar o tijolo, como é que é? O forno era..., aí uns 1, 80 m... Quer dizer vamos falar nele todo, vamos falar nele todo. O forno devia ter aí 2,50 m dentro da terra. De fundo dentro da terra. A partir daí é que era diferente. E depois tinha uns arcos, em tijolo também que era onde esses tijolos, primeiro punha-se o tijolo, depois punha-se o quadrado [ladrilho] era tudo encostadinho um ao outro, e por fim é que levava a telha. A telha ficava sempre por cima.

I – Quer dizer que primeiro levava o lambás, depois o ladrilho, o tijolo e a telha ficava sempre em cima?

E – Pois. A telha ficava sempre em cima. E depois, de isso ficar tudo junto uns aos outros... A gente nem podíamos olhar. Era assim: “toma...”. O outro se olhasse para o lado caia-lhe o tijolo das mãos, nos pés. No cozer, levava além 24 horas, 30 horas.

I – E antes de cozer, quanto tempo ficavam a secar?

E – Conforme o tempo.

I – Sim, mas mais ou menos uma média.

E – Sim, quer dizer, pelo menos uns 4/5 dias. Eles coziavam pelo menos sempre uma vez por semana. Ao fim-de-semana é que coziavam. O meu sogro cozia sempre ao fim-de-semana. Depois tinha o arrefecimento e depois é que tirava. Ficavam sempre quase uma semana a enxugar.

I – Mas iam rodando os tijolos? Não ficavam sempre na mesma posição?

E – Pois, iam modificando. Era conforme o Sol. Quer dizer, quando chegava uma certa altura do tempo, que eles diziam que a telha já não prestava. Ora deixa ver se me lembro bem. Janeiro, Fevereiro... Havia aí uma certa fase, não sei se era no princípio se era no fim, que o Sebastião saberá dizer isso..., porquê, porque o Sol andava mais de lado. Como andava mais de lado, enxugava a telha mais de um lado e então às vezes elas dobravam, o Sol..., o barro puxava-as. Então eram obrigados a mudá-las outra vez. É uma fase qualquer que eles diziam: “agora nesta altura temos que fazer isto”. Depois o Sol já estava mais em cima e já não fazia mal.

I – Todos os dias as viravam?

E – À noite. Em princípio era assim. E depois, porque eles, por exemplo, para tirar as arestas era quando eles estavam mesmo na conta e que estavam um bocadinho moles. Se estavam muito duros não eram capazes, não é? Encostavam aquilo à perna e toma. Viam que ficava tudo certo. E depois iam pondo e iam mudando. Iam..., quer dizer, conforme o tempo. Havia alturas em que era mais preciso que outras. E também para arranjar espaços. Quando o tijolo estava seco ia sendo emedado ao pé do forno. E depois quando lá estava é que entrava lá por cima. No cozer, como ia a dizer, era duro. Porque era uma boca grande e a pessoa tinha que mandar para lá, cozi muitas vezes, paus grossos, às vezes não podíamos quase com eles, ultimamente era assim. E outras vezes era com “feixa” [feixes]. E havia um perigo muito grande. Parece mentira, quer dizer, lá dentro aquilo ficava tudo num bloco de brasa. O barro ficava todo, todo num bloco de brasa. Até o bloco de brasa chegar a cima. E nós sabíamos quando o tijolo estava cozido porque ele ao meio descaía um bocadinho, fazia, quer dizer, fazia um género de uma “covazinha”.

I – Eram postos os tijolos e tudo o resto e como é que cobria o forno?

E – Por cima era tudo na mesma, só assim mais nada. O fogo saía, não é? E depois nós lá em cima víamos: “olha já vem lá além o lume”. Quer dizer, por baixo estava o barro a ficar em fogo e depois ia a pouco e pouco o fogo para cima. Até chegar o fogo a cima.

I – Quando chegava lá acima...?

E – Quando chegava lá acima estava. Mas era preciso a gente ver aquela pancada.

I – E onde é que se notava essa pancada?

E – A pancada era uma parte..., o forno era quadrado, não é. E a pancada era..., nós deixávamos a telha e o tijolo era posto e deixávamos tudo direito, não é? E depois a pancada como a gente chamava era quando chegava ali ao meio e fazia assim, uma depressão. Dava a impressão que quando ela enxugava mais fazia assim um bocadinho. Fazia aquela pancada, quando estava enxuto. Também não podia dar muito..., eram tudo segredos, porque se a gente pusesse fogo a mais coríamos o risco de muitas telhas por baixo ficarem tortas. Quando era só telha. Quando era lambás e tijolo não havia problemas. Agora quando era telha tínhamos que ter muito cuidado porque coríamos o risco de quando a telha apanhasse fogo a mais virem para baixo e apanhando fogo a menos no telhado começavam a desfazer-se. Quando ficavam mal cozidas. Havia além um ponto certo em que a pessoa, muitas vezes, era eu, era o meu sogro, era o Sebastião, dizíamos: “vamos lá ver o forno”. E todos davam opinião: “olha lá, deixa mais um bocadinho”, “vá mais um bocado de lenha”... A lenha era um bocado perigosa por causa de uma coisa, a gente quando mandava a lenha..., parece mentira que, aquele fogo lá dentro a arder puxava-nos lá para dentro do fogo. A gente para mandarmos para lá lenha não podíamos olhar lá para dentro. Era pormos assim de lado e mandar lá para dentro assim. E não podíamos aproximar muito que ele puxava. Quer dizer, parece mentira, o fogo..., eu nunca tinha visto, como foi além em Portel, o fogo passar de uma árvore, dum lado da estrada, para outra. Quer dizer, esta árvore começou a arder aquela começou a fazer assim [a inclinar-se para a que estava a arder] e fora também, cá está o que acontecia. O meu sogro avisava-me muito: “cuidado não te podes por muito ali que uma pessoa pode começar a arder”. O calor é muito, para estar tudo em brasa! O calor é muito, muito grande. E depois mais tarde já começámos a fazer..., mas isso não deu muito resultado, ainda comprámos para lá um maçarico a gásóleo, mas isso não deu resultado. Não tinha calor suficiente. Acabou por fazer um buraco lá na parede, da pressão, mas não dava calor suficiente.

I – Havia fornadas de um só material?

E – Nunca se podia fazer uma fornada só de telha. Pelo menos até metade tinha que levar só tijolo.

I – Que era para a telha não apanhar muito calor?

E – Pois, era para a telha não apanhar muito calor. Do meio para cima é que era a telha. E tenho impressão que eles no fim, não tenho bem a certeza, no fim da telha punham duas camadas de tijolo que era para ficar mais fechado. Pouco. Para ficar com menos abertura. Esse tijolo, era um

tijolo sempre..., era o género de uma tampa com uma respiraçõzinha. O tijolo, por baixo fazíamos uma coisa que era: íamos abrindo, o tijolo ia ficando com uma certa dimensão, consoante ia para cima íamos fechando. Porque aquilo não eram os buracos todos iguais. Quer dizer, chegávamos ali e púnhamos assim, e depois daquela maneira, às tantas já... Como é que agente fechava o tijolo: o primeiro a gente punha-o aqui assim, depois púnhamos aqui assim, mas depois começávamos a puxar mais para aqui, e então como ele vinha vindo ficava com menos fugas para cima. Quer dizer, primeiro púnhamos aqui, ficava com uma abertura muito grande lá em baixo, depois outro aqui, mas o outro já vinha mais aqui e ia fechando mais um pouco. Era o sistema de fechar que era assim.

I – Para ficarem os espaços todos fechados e aproveitar-se o espaço e o calor interior.

E – Pois. Penso eu, se deixássemos os espaços todos abertos o calor desaparecia todo dali e não cozia. Era começar a fechar para o calor não sair tão rapidamente.

I – E para desenformar?

E – Para desenformar, quando ficar frio era só tirar fora. Quer dizer, o forno estava ali uns três dias a arrefecer, nós se vissemos que o forno estava muito quente (isso quase nunca acontecia) deitávamos água lá para dentro e depois era só desenformar que era tirar, tirar, tirar. Eram 3/4 pessoas, eram 2 lá dentro sempre, para enformar e desenformar, 2 lá dentro sempre e 3 cá fora umas vezes a emedar, muitas vezes iam logo para cima do carro. Encostavam lá os carros e pronto, ia logo.

I – Na altura ainda havia muitos fornos?

E – Na altura em que eu vim para cá só conheci este aqui do meu sogro e penso que havia um ali, que trabalhava também, no caminho de Vera Cruz. Ao lado direito. Mais ou menos em frente daquela horta que é do..., daquele que vende na praça que é o...

I – Em frente da casa do Alfarrobinha, onde mora agora o filho?

E – Sim, mais ou menos aí. Sim. Mas é, ao lado direito é que havia o forno. Agora está lá uma grande vivenda. É isso. Penso que esse era só o que havia já. Porque os outros foram desaparecendo. E depois eles, pronto... O meu sogro ainda queria continuar lá com aquilo.

I – Só para confirmar, é aquele telheiro que ficava onde agora está a vinha do Matos Rosa?

E – Não, é mais para a frente. É em frente, mais ou menos, do Cró. Aí é que era. Esse é que me parece que ainda estava activo. E depois as pessoas escolhiam, este do meu sogro tinha sempre

muita venda, as pessoas escolhiam o tijolo deste ou do outro forno porque os barros eram melhores uns que outros. Lá está, este do meu sogro não era preciso ter mistura e o tijolo não chegava. Muitas fornadas chegaram a ele telefonar aos homens: “olha, vem cá buscar”. Porque muitas casas, como em Évora, são feitas só com tijolo de burro, havia ali construtores que só queriam fazer disso. Era só chegar e telefonava-lhes: “tal dia desenformamos”. Ora, sempre poupava mão-de-obra. Chegava ali e tirava de dentro do forno, e era contar... Para contar como é que eles contavam? Não era, 1, 2, 3, 4... Quer dizer, chegava ali e..., está uma pilha “2, 4, 6, 8”. De 2 em 2. Depois quando chegava a 100 faziam um risquinho, depois outro risquinho, e depois outro. Contavam aos 100. 1 a 1 era mais difícil. Se um se engana era logo um enrolo. Estavam lá as pessoas que queriam levar, com o dono, e começava a contar de 50 a 50 ou a 100 e fazia um risquinho, e depois outra vez para não haver enganar.

I – Estive a fazer uma entrevista à esposa do Sr. Caetano Trole, o Bailarico, que me disse que havia o forno do sogro na Vargém, e depois o marido mandou fazer outro mais à frente, que só foi explorado durante dois anos. Que foi construir os arcos do forno foi o António João Trole. Era para perguntar se tinha ideia disso.

E – Não me lembro disso, porque eu lidava mais para aqui. Eu vim para aqui, eu estava em Lisboa, depois vim para aqui trabalhar... Quando vim mesmo para cá foi para fazer o tijolo do outro. Portanto, trabalhei durante muito tempo com eles, ainda vim para cá durante alguns meses para trabalhar, mas... O Sebastião, como digo, é um homem que sabe disso tudo, nesse sentido. Porque foi homem que só o que fez foi aquilo. Foi só o trabalho dele. Enquanto o seu pai era pedreiro, foi só o trabalho que teve. Era o que ele fazia. Era só começar uma campanha e ele ia sempre com o meu sogro. Depois vínhamos todos para aqui. Ali [ao canto do quintal do Sr. Diogo] é que eles se sentavam a beber o garrafão de vinho. Todas as semanas um garrafão de vinho, para eles.

I – Era o vinho do trabalho. Acho bem. Era uma adiafa todas as semanas.

E – Aquilo dava uma grande alegria às pessoas. Quer dizer, dava uma grande alegria às pessoas. Lembro-me do meu sogro chegar aí e “vá, um garrafão de vinho”. Chegava a minha sogra e aviava sempre um petisco. Saía tudo daqui a cantar e “vá, tomem lá o dinheirinho da semana”. Tudo a cantar. Tudo bem-disposto. O vinho dava-lhes uma grande alegria. Pronto, era a maneira deles.

I – Havia então altura que não se fazia.

E – Aquilo era só três meses. Agora [em Dezembro] não dava enxugo. Aquilo começava..., o meu sogro a partir de Fevereiro, fins de Fevereiro era o trabalho o trabalho dele. Com uma

enxada, começar a arranjar as eiras, começar o coiso do barro, começar a arranjar o forno e outra qualquer coisa que era preciso, não é. E pronto, o trabalho dele era esse já. Fazia as contas dele, mas era esse já. Quando chegava aquela altura, combinavam todos, e diziam “amanhã começamos”. Fazíamos a barraca...

I – Quer dizer que começavam só lá para Março ou Abril?

E – Sim, sim, lá para Março... Eu não sei bem as datas, mas o Sebastião saberá isso melhor. Ainda era assim que eles faziam. O dono primeiro arranjava tudo e depois “amanhã começamos”, e pronto estava tudo preparado e arrancava. E depois, olha... o tempo também mandava, no tirar do..., no acabar. “Já não fazemos porque fica muito assim ou assado”, estás a perceber? E então concordavam: “olha acabou a faina deste ano”.

I – E faziam também tijolo cru para vender?

E – Não, não. Nunca, nunca, ninguém queria. Penso eu que não. Podia haver uma ou outra pessoa que queria. Porque o tijolo cru, aqui quase não era usado também, era como o adobo. O meu sogro fazia aí uns 20. Não fazia mais porque era só para dizer que tinha aqui, porque aquilo era só para forrar o forno, mais nada. Hoje é feito..., já não há disso. Hoje já não se fazem. Para fazer isto, depois de cozido e isso tudo, dava muito trabalho porque a massa está naquele ponto, uma pessoa não pode deitar um bocado de água e pôr lá dentro. Porque senão não dá nada. A massa tem que estar em bola, em que ter aquela consistência. Eu por exemplo estive em Angola e vi lá muitos tijolos feitos com palha também. Mas crus, não cozidos. Em Angola, despertou-me isso eles lá não coziam. Aqui era tudo cozido porque dura mais tempo.

I – E não punha nenhuma misturas? Como cal ou outra?

E – Não, não. Era só a argila, só o barro.

I – A casa do meu avô é de taipa, mas as paredes interiores são em tijolo cru.

E – Mas porque é que talvez o faziam? Isso antigamente, por essa altura, porque é que o faziam? Porque poupavam dinheiro. Porque já não tinham o custo de cozer.

I – Alguns faziam-nos logo em casa.

E – É capaz de não. Podia ser que fizessem. Também qualquer pessoa faz. Vai buscar um bocado de barro e faz a massa, é só amassar. Lembro-me do meu sogro andar naquilo. Era para aí umas 3 horas que ele levava ali, depois com uma enxada puxava para aqui e depois mais. Às tantas já era com as mãos, quer dizer quando eles começavam a fazer aquelas bolas..., pareciam

aquelas bolas que os “abesoiros” faziam, daquelas bolas pequeninas. Só que as deles eram bolas grandes. Depois levavam-nas para ao pé deles, bola com bolas. Depois tapavam-nas com plásticos..., porque ele amassava uma vez telha e dava muitas vezes para uma semana, porque estava ali sempre tapado e em condições.

I – E antes de tapar com plástico era com o quê?

E – Isso não sei, eu vi sempre com plástico. Ele andava sempre à procura dessas coisas para cobrir. Outros duravam de uns anos para os outros. Porque não havia.

I – Agora é o que não falta.

E – Isto é como tudo, tudo falta e tudo sobra.

...

E – Tijolo para o forno, havia uma parte que era aberta do chão até lá acima. E depois quando tínhamos essas fiadas íamos pondo tijolo, que era para ir tapando a porta, e depois barrada com barro. O barro é que servia de... Era barrada com barro que era para o calor não sair. Quando estava a cozer, íamos dar uma volta. Se havia uma fenda, pegava-se num bocado de barro e “pumba”, barro lá para dentro para não deixar sair o calor.

I – Faziam o que estava lá dentro e o que estava cá fora. [gracejar]

E – Pois. Quer dizer, era raro o forno ter rachas, às vezes tinha mas era raro. Mas a porta era assim..., para entrar os primeiros não podia entrar por cima, tinha que entrar por baixo. Mas quando tinha, por exemplo, aí 80 cm ou 1 metro “olha vamos já fazer uma porta”, até essa parte e depois “olha outra vez lá para dentro”, e depois mais outra. Porque para o fim já era preciso outro homem lá em cima. Porque se o forno tinha aí, do chão até lá acima 2,50 m não podia mandar as telhas lá para cima. Tinha que ficar um homem ali porque senão partia-se tudo. Mas aquilo era uma coisa..., como estávamos habituados aquilo movíamos com uma velocidade tremenda. É como os gajos dos vidros. A gente..., o meu sogro dizia “ponho aqui uma quantidade de telhas em cima [do ombro] e não parto nenhuma”, ainda me lembro disso. Mas era a maneira de pegar nas coisas. Foram adquirindo, a pouco e pouco, com a experiência uns com os outros qual era a melhor maneira de fazerem isto. E mesmo lá no arranjar..., no arranjar tinham que ser uma assim e outra assim, a telha é mais larga dum lado que do outro, ora havia uma fiada que era assim, a parte mais larga para baixo, mas a outra fiada tinha que ser ao contrário, a parte mais fina para baixo. Porque as duas em conjunto iam ocupando o espaço.

I – Era como ficavam no telhado que ficavam?

Técnicas tradicionais de construção, em Vidigueira: a taipa e as coberturas tradicionais

E – Não, não. Eles no telhado punham assim..., ora se a telha é assim, começava por pôr uma fiada assim [de pé e com a parte mais larga para baixo], encostava lá o pé para elas não caírem, e venha mais até chegar à ponta. A outra fiada que ia ter, em vez de ficar assim já se punha assim para encaixarem umas nas outras.

I – Sim era o que dizia, encaixavam umas nas outras mas na vertical e não na horizontal.

E – Ao fim e ao cabo o espaço dum lado era igual. Porque se fossemos pôr assim as duas [com a parte larga para baixo ou para cima] havia aqui um grande espaço. Assim, ficavam ali coiso. Assim o espaço era igual.

I – Era segredos que havia.

E – É, em tudo. Porque isto é como eu digo, os mestres sabem muito porque muito fazem. Até mesmo, às vezes mesmo nas enxertias, “a gente é que sabe”, todos sabemos tudo e o que ele soube alguém lhe ensinou que é para não se perder as coisas. Porque ninguém nasceu ensinado. Ele aprendeu porque alguém lhe disse. A pessoa que souber uma coisa qualquer deve dizer ao outro para que isso vá evoluindo nesse sentido. Porque todos nós aprendemos uns com os outros e era o que eles faziam também e é o que continua tudo a fazer.

I – E é o que eu aqui estou a fazer também. A aprender com os outros que sabem mais.

E – Pois, é assim mesmo. Para fazer um trabalho e dar uma ideia aos outros também de como as coisas se faziam antigamente. Agora se for falar com o Sebastião a partir daí haverá algumas coisas ou factos que ele irá dizer melhor, mas à coisas que uma pessoa falha. Mas o Sebastião pode ser muito útil nisso, porque ele nessa matéria é mestre.»

Relato do Sr. Sebastião Cabaço, 21-12-2008:

Dono de um telheiro e trabalhador de outros, inclusive o do sogro do Sr. Diogo Quarenta. Tem 86 anos.

«Interlocutor – Onde é que ficava o telheiro em que trabalhou?

Entrevistado – Bem, eu trabalhei em vários. Em muitos. Naquele tempo havia aqui muitos telheiros. Muitos, muitos, muitos. E depois trabalhei em vários. Mesmo lá fora, aí nesses montes, nessas coisas. Agora, por minha conta trabalhei, parece-me, que foram 10 anos. Chamava-se além nos Pisões. Eu e mais pessoal. Trabalhava além com eles.



I – Qual eram os melhores sítios para se montar um telheiro?

E – Quer dizer, ele havia vários e havia diferenças. Os barros não eram todos iguais.

I – E qual eram os melhores barros?

E – Uns eram mais finos outros eram mais abertos, de “maneiras” que... Esta região aqui, chamavam-lhe aqui os “Freixiais”, é aqui onde lhe chamam a ponte de Vila de Frades, ali aquela região ali foi sempre onde se faziam melhores “obras” também. E lá esses dos Pisões o mesmo. Agora aqui à estrada da Vera Cruz os também havia uma meia dúzia deles, mas era assim uma coisa mais aberta, mais ensaibrado, até era um barro melhor de lidar que não se pegava tanto, não se agarrava tanto nem aos pés nem às mãos, que se tinha que andar descalço.

I – Onde ficavam os telheiros era onde passavam certas linhas de água, barrancos ou ribeiras...?

E – Mesmo sem haver isso. É que houve tempo, nos meus princípios, abria-se aí um, chamava-lhe a gente um pego, é quase como agora uma charca, com uma rampa com uma escada mesmo em terra, e enchíamos os baldes lá em baixo e carregávamos a água cá para cima para o barro. E buscava-se os sítios onde havia o barro capaz de se trabalhar, pois.

I – E como é que se sabia qual era o melhor barro?

E – Era a gente trabalhar com ele. Via-se bem, via-se bem pois.

I – Mas havia alguma técnica especial?

E – Não, a gente mexia no barro, a gente trabalhava, e via logo o que era próprio e o que era melhor, o que era mais frágil. Às vezes tinha que ser todo misturado. Se era muito forte ia-se buscar arcia, uma terra mais fraca, uma nata mais fraca.

I – E onde é que iam buscar essas areias?

E – Onde a havia. Onde podíamos apanhar.

I – Na exploração havia sítios definidos para cada ofício? Ficava perto do local onde se recolhia o barro, certamente?

E – Ah pois, não. O barro era todo dali. Só se ia buscar algum mais longe para alguma mistura. Algum..., às vezes ia-se buscar um mais fraco para se misturar com outro que era muito forte. Outras vezes aquele era muito fraco ia-se buscar outro, a outro lado mais forte, para se misturar com aquele. Ia-se buscar o tempero das coisas.

I – Mas as várias partes não ficavam com uma certa orientação no terreno? Por exemplo a eira dum lado ou de outro, a barraca, para não apanhar muito sol...

E – Não. Quer dizer, aquilo convinha era enxugar. Desde que se estendessem na eira convinha era enxugar.

I – Pois, pergunto porque nem foi o Sr. Diogo Quarenta que me disse, foi a sua esposa, que havia uma certa disposição das ciras para receber mais ou menos exposição solar, e também da parte em que se fazia a telha que estava mais à sombra...

E – Não isso não quer dizer nada. Sabes o que é que havia sempre no coiso..., talvez fosse por causa disso? Todos os telheiros no forno onde se fazia obra, a parte, a boca por onde se metia a lenha geralmente enfiava toda voltada para o norte. Em tantos que trabalhei, não conheci nenhum que não tivesse a boca voltada para o norte. Agora tinha aquela outra parte, cá em cima,

que era por onde se enformava e desenformava, isso podia estar tanto dum lado como do outro. Mas, aquilo era tudo mais fundo, porque aquilo tinha uns arcos, até cá ao piso do chão. Às vezes havia uns com 1,50 m, outros com 1 m, que era o mais baixo. Depois para se meter a lenha o que tinha que ter por baixo dos arcos e dessas coisas era uma rampa, uma rampa. E essa ficava, mais ou menos, virada para o norte.

I – A eira podia ficar em qualquer sítio?

E – A eira, não queria dizer nada. Para o enxugo, só o que havia pior do enxugo, que a gente tinha que mudar, conforme o passar do verão: no princípio até ao meio do Verão, até ai Agosto vá, até aos dias de Agosto, o Sol está num tempero e dali até ao fim, que era enquanto o Verão dava, às vezes podia chegar até aos fins de Setembro, às vezes até se parava e depois chovia e depois se levantava e fazia-se outra vez até o resto do Outubro se fazia, mas isso não era todos os anos.

I – Então qual eram os tempos do trabalhos?

E – Aquilo..., quer dizer, aqui na nossa região, aqui no nosso sítio, naquele tempo, a “aceifa” não havia máquinas, era tudo feito à mão pelo pessoal, e o pessoal é que geralmente comandava o seu tempo.

I – O dono tinha que preparar as coisas antes, ou não?

E – Bem, preparar..., isso ia o pessoal ali e estava tudo em bruto, cheio de ervas, cheio de pasto. O barreiro de onde cavavam a obra estava tudo cheio de pasto e erva tinha que ser tudo raspado e preparado. Levava-se ali 3 ou 4 dias a preparar as coisas e depois começava-se a fazer a obra.

I – 3 ou 4 dias antes é que se preparava o sítio?

E – Pois claro, então aquilo chegávamos lá e estava o Inverno inteiro a chover-lhe em cima, havia erva...

I – Então não preparavam a terra tempo antes nem tomavam cuidados com o forno antes?

E – Quer dizer, nesse tempo... do principio até quase ao fim que se trabalhou nisso, agora nestes últimos anos já não era assim, a gente tínhamos que cavar a terra, cavar o barro, fazíamos, conforme era o pessoal a trabalhar, um bocado grande, tínhamos que andar a carregar a água com 2 latas, dessas latas que havia naquele tempo, eram latas, ainda agora são baldes, mas eram umas latas ai que havia de petróleo ou de gásóleo ou o que era aquilo, ai de 20 lt.. A gente tirávamos-lhes a tampa e púnhamos-lhes um pau, pregado e íamos a esse dito poço, que era um poço com escadas em terra, que às vezes para não escorregar, com um ladrilho desses cozidos, púnhamos em cima dos degraus da escada porque aquilo patinava. Carregávamos água a braço, em sendo muito longe punha-se um (...) a meio do caminho a aceitar à gente, a gente trazia as despejadas e depois ele enchia, e depois o outro ia ao encontro, para não andar sempre carregado. Só que..., depois mais tarde..., e o barro cavado ao enxadão, havia homens que não sabiam fazer obra, empatavam-se nisso e a fazer aquilo que a gente lhe dizia: “vá agora endireita-o ai e ...”, pronto lá o que havia que fazer. Mas, ao fim de anos, já apareceram ai as “retas” [retroescavadoras], depois já faziam um grande monte logo a partir da Primavera...

I – A partir de Março?

E – Pois exactamente, ou em Março mesmo. Ia máquina e fazia um grande monte para se fazer um Verão inteiro e às vezes não se gastava, e depois era só puxar para ajeitar.

I – Mas essa terra tinha que ser tratada de alguma maneira, ou não?

E – Só quando era à mão, aquilo ficava de uma maneira. Sendo à máquina puxava pedras, puxava tudo, tudo num monte. Só depois quando se ia endireitar a dita terra é que tinha que se estar a tirar a pedra e aquilo e aqueloutro e tudo o mais. E depois apareceram os motores. Era já com uma mangueira, com um motor lá ao pego, com uma mangueira era só..., enchíamos ali, chamávamos-lhe a gente, as leiras ali em menos de nada, pois.

I – Quer dizer que tiravam a terra, a terra ficava nesse monte e ficava assim destapada?

E – Destapada pois. De maneira que depois, ali à noite, ali de tarde, antes de acabar o serviço, chamávamos-lhe a gente picar o barro, era..., havia homens que era só para amassar o barro e outros que era para fazer os..., eu por acaso amassei muito mas era nas faltas. Se faltava um que tinha que amassar lá ia eu ou outro qualquer, mas praticamente havia homens que não sabiam fazer, era só para amassar o barro. Esse barro era todo picado e ficava todo em papas, durante toda a noite.

I – Era picado com o quê?

E – Com as enxadas. Quer dizer era..., íamos passando para trás [o barro], cavando, passando-o para trás. Com os calções até aqui, pumba... Como andam aí os das adegas, cheios de vinho. E a gente com o barro era o mesmo. No outro dia de manhã, esse dito amassador tinha que ir mais cedo para preparar o barro, para quando a gente chegava estar em ordem de estender, fosse a qualidade de obra que fosse. Fosse o lambaz, fosse o tijolo, fosse o ladrilho, fosse telha. Fosse aquilo que fosse.

I – A preparação desse barro tinha preceitos para o tijolo, o ladrilho, a telha...?

E – Pois, um tinha que ficar num tempero, outro tinha que ficar noutra..., nem o barro era o mesmo. O barro sempre mais fraco, e mesmo para a peça não rebentar, era sempre para os lambazes. Era sempre o barro mais fraco..., qualquer terra que tivesse assim uma ligazinha assim que pegasse era para esses lambazes. Para o tijolo já não podia ser assim, tinha que ser assim..., tinha que ser um barro assim mais fino, para o ladrilho, que era o que se via aí nas casas, aí nessas mais velhas que têm quase todas, era também um barro mais fino com menos pedras, que era “arrezoirado”...

I – “Arrezoirado”?

E – Pois, a gente fazia com uma “rezoira”, uma tábua assim desta largura [c. de 20 cm.], uma “rezoirazinha” que passava antes de ir para o forno.

I – Que era para alisar o barro?

E – Que era para alisar. Esses e os mais delgados. Os lambazes é que eram só com a mão.

I – Quando picavam o barro com a enxada, ajudavam também com os pés?

E – Os pés era só para andar lá por dentro dele. A área era grande e tínhamos que andar por dentro dele. Tínhamos que andar descalços e arregaçados. De maneiras que era à enxada e íamos batendo, mexendo, até que ficasse em condições.

I – Depois era ainda molhado?

E – Pois. Sempre com água em cima. Quer dizer, pois é isso, um tinha um fabrico e outro tinha outro. Para as qualidades de obra, a qualidade da massa, do barro, já não era a mesma. Depois cada maneira de fabrico tinha outra. Conforme era a qualidade de fabrico dele.

I – Quer dizer que havia pessoas para fazer os vários serviços num telheiro?

E – Isso depende. Isso depende da saída do material. Havia telheiros que trabalhavam com 3/4 homens, pelos menos com 3/4 homens. Havia outros que trabalhavam com 6, havia outros que..., ainda trabalhei num que era ali aqui ao pé da que chamam a ponte de Vila de Frades, onde havia aquela horta ali que agora está tudo arrancado, aquilo havia ali muitos fornos ali, trabalhei ali num por conta do tio do Justo Galinha. Era o Manuel João Manso, não ouviste falar? O mestre Manuel João Manso, que era tio do Justo. Ele era rapaz e andava lá. Era rapaz de escola mas andava lá a ajudar. De maneiras que..., ah o fabrico do barro, o barro ainda levava mais fabrico, e tínhamos mesmo que buscá-lo pelas qualidades era esse para fazer a telha. A peça é mais delgada, tem o quê..., 1 cm. ou 1cm. e meio, no máximo, era a grossura. É dessas que se usa aí no telhado, dessas aí vermelhas. De maneiras que para a telha se suster depois de pé..., há uma forma que a gente chama o galápio, primeiro é a grade. A grade, chama-se a grade, é de ferro, é logo a forma que faz o coiso..., eles tinham o barro e depois era (...), e depois vinha o galápio, chamava-lhe a gente o galápio, arrimava-se, puxava-o, e depois ia levantado e levava para a eira. Levava para a eira, e tinha o barro que ficar muito bom, muito bom e ter força para ficar de pé, por isso não podia ser muito fraco. Para a gente depois pô-la lá e fazer-lhe uma festa e puxar e ela ficar lá de pé. Pois então. Era uma eira grande. Levávamos às carreiras. E enxugava todos os dias. Quando vínhamos à tarde, esse dito amassador era quem levantava isso tudo para a gente, no outro dia de manhã, começar outra vez. Só que eu puxei a conversa do enxugo..., na telha, é que, por causa da volta do Sol a gente tinha que puxar as voltas da carreira das telhas. Quer dizer, em o Sol caindo em cima da telha assim a direito, a telha ficava direita. Que o barro tivesse o tratamento preciso, se não fosse muito forte. Agora, em o Sol andando assim mais baixo..., cá está aquilo que eu disse, aí até Agosto, apertava mais de um lado, e ela torcia. Ficava entrouxada. Parecia que não era feita com a mesma forma nem com as mesmas mãos. Era mesmo o Sol é que as voltava.

I – Ficava mais de um lado que do outro e isso é que as voltava.

E – Pois, isso mesmo. E de maneiras que, a gente buscava-lhe a posição. O Sol estava mais baixo, já nascia mais daqui..., e a gente tinha que torcer a carreira para o rabo da telha ficar mesmo direito à volta do Sol.

I – E como é que as especavam?

E – Especavam-se elas. Em a gente passando com a mão por cima elas ficavam logo lá.

I – Ficavam logo lá e já não lhes mexiam?

E – Às vezes, em o barro não estando no tempero, começava logo a..., algumas até caíam. Algumas até caíam. Mas tinham que ficar no próprio tempero para a gente passar com a mão e já não lhe mexer.

I – Ficavam logo no chão, espalhadas pela eira.

E – Espalhadas não. Levávamos uma carreira, todas pegadas umas nas outras. Depois levávamos outra carreira.

I – Ficavam de pé ou ficavam deitadas?

E – Não, ficavam deitadas. E depois puxava a forma, que era o dito galápio como lhe digo, e ficavam lá no tempero. Depois, era como todas as coisas, nem toda a gente fazia tudo. Eu por acaso, desde o cavar do barro, comecei logo cedo, e sou da idade do “Zé Mau”, do teu avô, tenho 85 anos, e de maneiras que desde o cavar do barro até ela estar cozida, tirada de dentro do forno, correu tudo pelas minhas mãos. E havia homens que só faziam, chamávamos-lhe nós, a obra grossa que era lambás e tijolos, outros só cortavam telha que era estendê-la, outros só deitavam..., mas eu não, por acaso, mexi em tudo. Era onde fazia mais falta é que eu ia. Depois,

o trabalho que me agradava, em podendo escolher..., pois cá está, estender telha era dos trabalhos mais leves.

I – Mas também era dos mais especializados, não é? Precisava de saber mais.

E – Pois com certeza. Havia homens que trabalharam uma vida inteira num telheiro e só amassavam barro. Havia outros que não passavam de só fazerem obra grossa. E depois havia outros que cortavam..., cortar era o que estendia a telha, fazia isso mas não era capaz de a ir deitar, e outros que deitavam mas não eram capazes de a vir cortar. E havia muita gente que começava numa ponta até outra e faziam tudo.

I – Podia acontecer um estender e outro enformar...

E – Um estendia na pedra, estendia o barro na pedra, e depois outro com o galápio levava-a para a eira. Esse trabalho só o que tinha era um tardamento. A gente tínhamos uma média de..., naquele tempo o trabalho andava mais obrigado, não era como agora. Tu sabes como é acabar..., acabou porque o gasto do material, deixou de se gastar aqueles materiais e o custo era muito, à mão. Depois apareceram as máquinas, e pronto, é como quaisquer outros trabalhos. Desde que apareceram as máquinas, o trabalho manual...

I – Perdeu rendimento.

E – Exactamente. Ora esse que andava para a eira, que era o que eu digo, aquele que as deixava de pé..., a gente tínhamos uma média, quer dizer, o trabalho não era de empreitada..., um trabalho era de empreitada mas geralmente era quase tudo à jorna, mas em não ficando lá 1200 telhas na eira o patrão ficava logo..., pronto naquele tempo era assim. Era à jorna mas era para fazer como se fosse de empreitada. Essa pessoa, para deixar lá 1200 telhas, com alguma que ficava mal feita ou que caía, o que já não era 1200 era mais 50 ou mais, essas pernas é que andavam muito. Se aquilo fosse só andar para a frente..., às vezes a gente mangava uns com os outros: “quantas vezes não tenho eu ido a Beja durante o Verão, só neste bocadinho quantas vezes não tenho ido a Beja”.

I – Andavam muito, pois então. As eiras também deveriam ser bastante compridas. Para lá deixar 1200 telhas...

E – E depois era sempre fugindo, sempre fugindo. Aquilo era um trabalho leve..., era ligeireza nas mãos e nas pernas. Aquilo era um trabalho leve. Um trabalho de obra era preciso fazer mais força, um trabalho de mais força, mas era um trabalho mais parado.

I – E não misturavam a terra para os lambazes com cal ou outra coisa?

E – Não, não.

I – Nem com areia?

E – Às vezes havia barros, que chamava-lhe a gente “cariço”. “Caliço” ou cariço, tinha esse nome. Tinha uma pedrinha miudinha, que essa pedra em indo ao forno cozia. Às vezes estava a gente a cozer elas a “estremar” [estalar] lá dentro do forno, dizíamos: “olha, lá estão elas a arrebentar”. E outras arrebentavam dentro do forno, mas em saindo cá para fora, que arrefecessem mesmo, aquilo arrebentava daquele lado. Derregava ai como a cal. Era uma pedra que cozia.

I – Era uma pedra para fazer a cal mesmo, não?

E – Era pois. Havia muitos terrenos, bem como há ai, como a gente lhe chama ai cascalho, para poder misturar, às vezes havia com pedrinhas dessas. De maneiras, que para se fazer, esse barro

era coado. Eram uns tanques. Passava de um tanque para o outro. A gente usava uma ou duas carradas, naquele tempo era um carro com uma besta, não era em camionetas! Era cheio de água, punha-se a gente além de um lado para o outro...

I – A mexer a terra?

E – A fazer aquilo tudo em papa. Aquilo era um caldo que ali ficava. E depois à saída aquilo tinha um “boquete” [bocal] mais baixo, com um cano, como aqueles das hortas de um tanque, para passar para outro tanque. Tínhamos um arneiro, uma ciranda, um arneiro, pronto, que era para aparar a água. Era para a água cair toda nesse arneiro, para a terra..., as pedrinhas geralmente ficavam no fundo do tanque. A terra desfazia toda. Ficava em calda grossa, pronto. Mas, a pedra ficava no fundo, mas com o correr da água sempre vinha alguma e ficava assim no arneiro. Aquela era uma obra finíssima, era um do barro coado.

I – Essa era para a telha?

E – Esse era para a telha. E para a outra obra não era coado porque a quantidade de barro era muito que tinha que se amassar. Mas, deixava-se, não se fabricava desta maneira.

I – Para fazer a telha quais eram os utensílios. Havia a pedra, as formas, um balde com água para molhar as mãos, ... O Sr. Diogo disse-me que havia ainda um balde com cinza.

E – Havia, não vê aí os lavadouros de cimento em que as mulheres lavavam a roupa? Os tanques de cimento? A gente chamava-lhe uma “tulha”, feita de tijolo, lambazes, em ar de tanquezinho, e depois tinha uma pedra onde se estendia o barro. E ali, a cinza, a gente tinha o carregador que trazia o barro para trás d’ a gente, que fazia um queijo grande, quase da largura aqui deste tapete aqui [cerca de 1, 5 m de diâmetro], um queijo grande, que dava para todo o dia e às vezes dava mais para outro. A gente cortava uma manchinha de barro, qualquer manchinha dava para fazer uma telha, mais ou menos assim [um pequeno monte de barro que enchesse a mão]. Depois, deitava a mão à cinza, que tinha ali em cima da paredinha dessa dita tulha, a gente chamava-lhe a tulha, que era um tanquezinho, punha a cinza ali, ensaburralhava ali o barro na cinza, fazendo um rebolo, e depois estendia-se. Ah, e depois uma manchinha de cinza em cima da pedra, a grade..., não sei se já viste alguma grade, é uma coisinha de ferro, punha-se com cinza e estendia-se o rebolo ali, para o outro que andava carregando para a eira puxar e ele despegar. Se não levasse essa cinza não era capaz de a arrancar dali. Tanto que esse que andava a deitar dizia logo: “a cinza já não está boa, a cinza já está muito grossa...”, ou estando húmida, já não dava resultado.

I – Metia-se também a cinza no galápio?

E – Pois. Tinha que andar sempre tudo enxuto. A gente tinha sempre ali uma vassoura que a gente usava muito aí de “mata-pulga”, que é uma erva que há aí no campo, a gente fazíamos daí as vassouras para varrer. Arranjávamos umas vassouras dessas para varrer para andar sempre tudo enxutinho. Era um vasculho. De maneiras que o galápio, que era o que carregava a telha lá para a eira, em não andando bem enxuto agarrava e a telha custava a ficar lá. E depois para ficar lá era a poder de moer, a passar a mão por cima, a fazer-lhe festas. A fazer-lhe festas mas a apertar onde fazia falta apertar. Havia fases se não apertasse ela não ficava lá. E às vezes a gente a apertar e ela a vir atrás porque o galápio e a cinza estavam húmidos.

I – E quanto tempo ficava a obra na eira? Os tijolos e as telhas.

E – Então aquilo ficava a secar.

I – Sim, mas mais ou menos quanto tempo demorava?

E – Isso às vezes dependia. Dependia do tempo, dependia da temperatura. Ai, nessa obra dos tijolos e dos lambazes, nessa obra grossa, era estendida num dia e no outro dia, se tivesse um dia bom, era para levantar. E a telha, como era muito delgadinha..., quer dizer, a gente estendia de manhã..., naquele tempo a agente almoçava e jantava, às 10 horas era o almoço e depois por volta das 2 horas [14 h] era o jantar, até essas duas horas trabalhávamos de um lado da eira, porque a volta do Sol era uma. Depois dessa hora, do jantar em diante até à noite, o Sol já vinha de outro lado começávamos a estender telha desse lado. Quer dizer, estendíamos de manhã, até essas duas horas, até..., o dito amassador, que amassava o barro, pertencia-lhe levanta-la toda e carregá-la logo lá para dentro, chamávamos-lhe a gente um alpendre, perto do forno para ficar logo em ordem de enforar. E a que era feita de tarde só se podia levantar no outro dia, porque apanhava a noite toda e não enxugava nada de noite.

I – E no alpendre ficava quanto tempo?

E – Ficava lá até ter a quantidade que fazia falta para se meter dentro do forno. Ficava lá 8 dias, podia estar 3 dias..., em se levantando da eira estava logo em ordem de entrar dentro do forno.

I – Se estivesse muito calor, e se estivessem no alpendre durante muitos dias, não podiam começar a estalar?

E – Depois de estar enxuta já não. O tempero tinha que ser muito bom. O cuidado era no enxugo. Se o barro fosse muito forte tinha que se ter cuidado com ele senão rebentava muito e empenava muito. Tinha que ter o seu tempero.

I – Quando mudava para o alpendre já não havia problema?

E – Não. Ai já estava enxuta. Pronta para ir para o forno.

I – E no alpendre, como é que as colocavam?

E – Eram encostadas umas nas outras. Às camadas.

I – A esposa do Sr. Diogo falou-me de uma maneira própria em que se colocavam as telhas. Colocavam-se 4 ou 5 telhas com 1 ao centro a especar.

E – Isso era quando se andava raspando. Quando se andava a raspar na eira. Aquilo tinha uma quantidade, não se podia por mais para não se partirem, aquilo estavam cruas e eram delgadas, para a gente as carregar e depois partiam-se. A gente punha 10 telha, assim empinadas, e depois levava uma assim [na diagonal, mais ou menos ao centro das restantes, a especá-las].

I – Isso era para quê?

E – Andávamo-las a levantar e a raspar para depois as podermos carregar. Primeiro levantávamos e depois é que carregávamos.

I – E limpar as arestas?

E – Isso era quando as levantávamos. Apanhávamos uma e fazíamos assim [fez o gesto de raspar na diagonal], logo fazíamos assim ficava logo no sítio. Até fazer 10. Era tudo quase sempre a 10, sabe porquê?

I – Porquê?

E – Era para o conto. Para contar. Em estando lá 50 braçadas a 10 eram 500. E os tijolos e os lambazes, isso eram os bonecos, eram empinados uns em cima dos outros, era a 10. Em estando lá 100 já sabíamos, tínhamos 1000. Não havia grandes apontamentos pois.

I – E para meter no forno? Ficavam como. O Sr. Diogo disse-me que por baixo ficava a obra grossa e à medida que iam subindo colocavam as peças mais frágeis.

E – Não admira ele ou a mulher, dizer mais ou menos como era. Mas nunca pode dizer como é porque o sogro, eu trabalhei por conta dele, e o sogro nem sabia. Eu é que as metia lá para dentro do forno. Havia sempre um encarregado daquilo. Achou lá que eu devia estar à frente daquilo. Tanto que tive. Só que um dia mais tarde..., olha quando se acabou mais com essas coisas foi no 25 de Abril. Depois pensaram em fazer lá uma fábrica mecânica, e fez, mas isso correu mal. E de maneiras que: “olha lá, tens que tomar conta disto”. Eu disse que não queria moengas [chatices], eu enquanto trabalhei..., éramos dois, trabalhámos por nossa conta durante 10 anos, era o meu irmão também, o José Cabaço. Tínhamos lá um ou dois homens sempre a trabalhar com a gente. O Francisco Canelas lá é que aprendeu. O irmão, não sei se o conheces, o José Emídio, também lá é que aprendeu. O pai deles pô-los lá. Depois acabei aquilo e o “Sopa Velha” [o sogro do Sr. Diogo] arrendou aquele e fui para lá. Quer dizer, ele só entrava dentro do forno para desenformar. Em sendo para desmanchar qualquer um podia fazer. Nem sabia fazer, pois então. Ele só amassava barro, nem se punha a fazer uma peça. Ele não sabia.

I – Como é que se punha as peças no forno?

E – Era às camadas, com buracos. Porque se ficassem todas pegadas o calor não chegava lá acima. Ficava tudo “abelhento”, com buracos. Era posto assim, e depois trocávamos. Isto era o quadrado do forno, era posto assim, a outra camada era encostada à outra parede. Mas tudo com buracos. E praticamente o que ficava logo por cima dos arcos eram esses ditos lambazes, que era obra mais grossa, mais forte. Depois eram os tijolos, os ladrilhos, os adobes. E só depois é que eram as telhas, ao meio do forno.

I – E como é que se sabia que já estava bom?

E – Íamos lá acima ver. Lá mais para o final íamos ver. Cá está, que ele nem lá acima ia ver, tinha medo. Nem sabia meter dentro do forno, não sabia enformar..., se não fosse eu era outro, com o que eu fazia metade aqui da Vidigueira quase tudo trabalhava em telheiros e quase toda a gente..., uns pegavam de uma ponta até à outra e faziam tudo, outros faziam uma coisa e outros faziam outra.

I – Mas qual era o sinal que o forno dava?

E – Então o sinal que dava era, em se pondo tudo em brasa..., porque aquilo punha-se tudo em brasa, aquilo era um forno ai da altura de qualquer casa destas, da altura de uma casa destas ou até mais alto [cerca de 2 metros], que era um piso em roda e a gente estava de pé e olhava para lá e víamos muito alto. Estava também aqueles aterros [espécie de contrafortes de terra, em declive a acompanhar as paredes do forno] encostados ao forno, para o forno não rebentar, levava aqueles aterros tudo encostados de terra. E então estava tudo em brasa. Se não estivesse já tudo mascarrado, pronto. E outros estavam em brasa e estavam limpos já estavam bons.

I – E quantos dias é que ficavam a cozer?

E – Não eram dias, aquilo era horas. Aquilo..., 14, 15, 16 horas. Dependia da qualidade dos barros e do tamanho dos fornos. Se fossem barros mais fechados levava mais tempo a passar, se fossem barros mais abertos passava-se mais depressa. E depois..., dessas terras que há ai que a gente chama de saibro, essas terras, em tendo dessa passava mais depressa. Em sendo doutra, que fosse barro mais fechado, demorava muito tempo, muito tempo. Levava para ai 16 horas, 17 horas.

I – E depois para desenformar?

E – Ao fim de 2 dias podia-se desenformar. Quente mas já se desenformava.

I – Ia logo para quem o encomendava?

E – Pois. Quem o podia levar era logo. Às vezes fazia-se um monte. Fazia-se mais com que se vendia, que há saída. Ia-se fazendo. Realmente em se deixando de fazer, de fabricar, no outro ano já lá não havia nenhum outra vez.

I – Quantos telheiros havia aqui na zona na altura?

E – Eu até não sei se não haverá ainda para ai algum!

I – Pois, parece que o do sogro do Sr. Diogo ainda lá estará.

E – Não está. Aquilo já é tudo vinha. Na estrada da Vera Cruz, o último que acabou, era do Alfredo Prendinha. Havia um que era do avô aqui do “Bailarico” [o do sogro da Sr. Maria]; havia outro que era do Matos Rosa, havia outro que era do pai do Chico, desse lá da Rita [do pai do Sr. Chico Bacalaj]; aquele que era do pai do Zé do Ó; havia um que era do pai do Chico Caetano Beato. E esses eram só ali. E depois havia um que era lá na Quinta do Carmo, esse era o mais velho de todos. Foi o primeiro a acabar. E depois para aqui era o mesmo. Havia outros tantos. Ali em baixo eram dois, além aos Pisões, na estrada do Pedrógão, onde acabam as fazendas, volta-se à direita era ai. Havia logo dois. Havia este aqui, que era do avô do Justo [Galinha], ao chegar à ponte [de Santa Clara na ribeira do Freixo], logo à direita. E do lado esquerdo havia dois. Ao passar da ponte havia outro que era do Contento. Na estrada velha de Vila de Frades, a seguir à ponte de Cem, ali estava um prédio novo, ali havia outro. Era do José Pinto, o avô do Carlos Pinto [antigo presidente da Câmara Municipal de Vidigueira]. E lá mais à frente havia um que era do Carvalho. Isso havia fornos ai por todo o lado. E em Vila de Frades, ainda eu lá trabalhei, havia outro. E agora ai nesses montes e nas veredas?!

I – Pois haveria muitos por ai espalhados.

E – Pois então. Ainda havia de haver outros. Esse que era mais novo era do Sopa Velho, que quis fazer tijolo novo, ai desse furado, pelo 25 de Abril. Depois deixou-se de usar esse material e acabou.

Isso qualquer monte, qualquer herdade tinha um telheiro.

I – Desde que houvesse a terra para se poder fazer?

E – Deixar de trabalhar não teve nada a ver com a falta de terra para fazer o material. O que foi é que começou a vir essa obra mais barata. Levanta-se mais depressa um prédio com esse tijolo que com o outro. Enquanto este é assim, aquele tinha que ser posto assim. Pois então, poupa-se material. A construção sai mais barata e noutro lado também custava mais barato, porque feito à mão as coisas já se sabe. As coisas começaram a ser feitas à máquina e isso faz com que fiquem mais baratas, já se sabe.

I – E não havia quem comprasse tijolo cru?

E – Havia. E havia muitas paredes feitas de tijolo cru. Talvez lá nas casas do teu avô tenha lá tijolo cru. Naquelas lá onde vocês moram já não digo, mas as do “Zé Mau”, com certeza que são desse tijolo. E essas mais grossas eram de taipa e as outras de tijolo cru. De três ou de quatro em quatro fiadas levava uma de cozido. O resto era de cru.

I – Mas havia quem comprasse nos telheiros ou faziam em casa?

E – Havia quem fosse buscar aos telheiros. Vendia-se mais barato, pois então. Havia quem fizesse em casa, pois. Havia quem os sabia fazer e outros..., aquilo era para vender em sendo as formas feitas era para dar despacho, pois então.

I – E fornos de cal? Havia por aqui alguns?

E – Para ai..., nunca mexi em cal, mas o que havia aqui mais perto, a gente ainda trabalhou no tempo do Barahona, era ali onde é agora o “Nichó” [na estrada para o Alto do Mendro], daquele lado da estrada..., não sei se lá está agora ou não. Entre a estrada que vai para cima e aquela outra que vai lá para o Mendro, naquela encosta ali, entre o meio daquelas estradas ali, estava um forno de cal.

I – Aqui, na vila ou mais perto, não havia?

E – Não aqui não. Nas herdades havia mais. Havia um, que chamavam ali na Balsa, antes de chegar à quinta do Ramalho, além ao Vale das Dúvidas, sabes onde é? Chamavam-lhe dos Valhascos, quando se vai para Portel, ai a seguir ao distrito, havia uma paragem ai à esquerda..., ai é a herdade do Vale das Dúvidas. Mais á frente havia um à rés da estrada. Isso..., faziam mais esses fornos de cal é onde havia a pedra própria para eles. E aqui não havia tanta.

“”

I – Desde quando trabalhou neste ofício?

E – Desde os treze anos. Até essa altura era só brincadeira, mas depois já se sabe..., a vida andava custosa para os nossos pais e começavam a puxar a gente... Eu só andei à escola até à terceira classe. Quer dizer, comecei a aborrecer a escola aos nove anos, que era da saída da terceira para a quarta, comecei a aborrecer a escola, não havia exames nenhuns. Mais tarde começou a haver exames da terceira, na passagem da terceira para a quarta. E já nos últimos tempos comecei a aborrecer. Comecei a aborrecer, mas pendia logo para o mal. Ia esconder a mala e depois vinha almoçar e à tarde ia buscar a mala e vinha para casa como se tivesse vindo da escola. Só que depois a professora, era uma professora má que ai havia naquela altura, era a Dona Cândida, andei três anos com ela, mandou chamar os meus pais porque é que eu faltava. Eles não sabiam. Levei uma grande tarefa e puseram-me à monda. As mulheres, ou os homens, levavam dois regos e eu levava um. E mesmo assim elas é que me colhiam o mais. E era a “aceifa”, as mulheres levavam duas e eu só levava uma.

I – Era novo e não sabia...

E – A gente éramos três, em casa. Três irmãos, eu era o mais velho. Os meus pais andavam a fazer esse sacrifício de andar na escola e eu..., pronto deixei a escola. Daí para diante, pronto, não fazia mais não era por não saber, era porque não tinha poder para isso. Dessa idade para a frente, até ao 25 de Abril..., é mesmo depois ainda fiz obra. Nessa altura tinha, parece-me, 52 anos. Só daquela idade até essa altura não fazia mais nada senão..., ainda trabalhei numa debulhadora. Mas no Verão só em telheiros.

I – Começavam para ai em Maio...

E – Era como eu digo, ao acabar da “aceifa”..., a “aceifa” só acabou quando apareceram as ceifeiras, pois isso já apareceram muito antes do 25 de Abril, pois. De maneiras que a gente laborava a partir dessa altura. Depois começámos a trabalhar mais cedo. Pois.»

Relato do Sr. Francisco Batuca, 28-12-2008:

Dono de um telheiro com o seu pai e irmãos. Tem 76 anos.



«Interlocutor – Onde é que se localizavam os telheiros onde trabalhou?

Entrevistado – Trabalhei sempre à do meu pai. Não trabalhei em mais lado nenhum sem ser à do meu pai. Depois, nesta dos Pisões, tivemos quatro anos em sócios. Eu mais o “Manuel Pincel”, era o “Sabina” e o “Sopa Velha” [o sogro do Sr. Quarenta]. Éramos os quatro sócios, tivemos lá a trabalhar durante quatro anos. É preciso dizer da obra do trabalho?

I – Bem, sim. Pensei em começar por onde é que tinha trabalhado, mas gostaria que explicasse tudo. Por exemplo qual o sítio do telheiro a sua orientação.

E – O telheiro, o sítio..., pronto. Havia um ferragial, com um barro bom aqui, e vai-se abrir um telheiro. Aquele há estrada do Carmo, o meu pai e do José Eduardo, e ele arrendou e o meu pai: “isto está aqui um belo barro, a gente vai aqui fazer um telheiro”. Começou-se a fazer o telheiro. Começou-se a abrir um buraco, fez-se o buraco para o forno, teve a fazer-se o forno numa caldeira [num buraco/cova] grande e fizemos o forno. Começámos, daquele buraco a fazer a obra: os lambazes, os tijolos e essas coisas todas. Menos as telhas, primeiro era essas “lambazias” e essas coisas. E começou-se, nesse barro, a fazer as eiras. E a gente, só gente da casa, amassávamos o barro e fazíamos as eiras e com um aventalzinho, era novo, a carregar o barro para perto do meu pai e ele fazia a obra. E a gente íamos trabalhando, trabalhando. E depois era “cantear”, depois de cantear carregava-se para perto do forno...

I – Como é que se sabia que o barro era do melhor para se trabalhar?

E – Ora, a gente sabia, conhecia já o barro. O meu pai já trabalhava já muito ano em telheiros, aqui e em Vila Alva, havia telheiros em Vila Alva. O meu pai já há muito ano que trabalhava, desde rapaz, em telheiros.

I – Mas de todos os modos, tinha que haver uma maneira de saber se a terra era boa.

E – Pois então. A gente via logo que a terra era boa. Depois começou-se a fazer os lambazes, a primeira fornada..., aquilo era do melhor. Toda bem cozidinha, toda além..., uma bela obra. Aquela terra dava para tudo. Dava para “obra grossa” e dava para telha. Havia um sítio onde havia uma nata..., era uma nata e era um barro preto, e depois ia o amassador com um carro e carregava 4 “caradinhas” cá para o coiso [alpendre] da telha. Além fazia-se depois as leiras, regava-se, e depois amassavam o “barrinho”, punham dentro da cabana um “moitão” grande além a coiso. Depois ia eu mais o meu Zé [o irmão] fazer a telha. Eu fazia telha, ele tratava lá da eira..., andava lá com um regador, que era regada primeiro. Regava a eira e tratava da cinza, tinha lá uma coisa, assim funda, tudo cheio de cinza.

I – Um buraco no chão ou um recipiente?

E – Não, era feito em obra. Fazia-se em obra. Depois fazia-se um pilar onde se punha a “pedra”, para a gente estender a telha. Depois tinha uma coisa assim em obra, e depois era cheio de cinza. Depois tinha a “grade”, que a gente..., cortávamos o barro, “fazia em ar” de [parecido a] um pão, rebolávamo-lo além em cima de um tijolo, bem reboladinho. Tirava a grade, molhava, tirava cinza para não pegar ao coiso, estendia o..., quer dizer, punha a grade e depois por cima

estendia o barro e depois com a *resoira* [rasoira], molhada além no alguidar, aquilo ficava além muito lisinho...

I – Quer dizer que a *resoira* era para alisar o barro? E era em tábua ou em ferro?

E – Era em tábua, em ferro era a grade. A gente estendia o barro, e depois molhava a “*resoira*”..., ao meu *Zé* punha-lhe em cima do galápio, puxava-o e ficava, chegava além e..., passava-lhe a mão assim por cima e: truz, ficava além [na pedra].

I – De que tamanho eram as eiras?

E – As eiras levavam, mais ou menos, 1500 telhas. Era assim do tamanho desta casa toda, mais ou menos. Ou maior. Desde que levasse 1500 telhas.

I – E como é que distribuíamos o trabalho ao longo do dia?

E – Do lado do sol era de um lado, começava daquele lado da parte da manhã, e da parte da tarde era do outro lado. Era por que da parte do Inverno, quando o sol já estava mais baixo entortava as telhas deixava-as tortas. Tínhamos que buscar a maneira de ficarem direitas.

I – Os trabalhos no telheiro começavam quando?

E – Era só durante o Verão. Era durante os meses do Verão. Chegámos a fazer obra quase até Novembro. Ainda em Novembro, com aqueles frios assim. Mas aquilo era nosso e a gente trabalhava até que aquilo desse. Era sempre para a frente! Tínhamos que fazer obra. Depois às vezes, depois de já estar as eiras tudo cheio, vinham aquelas trovoadas e abalava tudo. Desaparecia tudo! Aquilo era assim.

Era fazer obra lá nas eiras..., o meu pai *canteava*, ele é que canteava e punha em *boneco* [em pilha] e depois levava para perto do forno, carregava-se para perto do forno. Depois punha-se 4 ou 5 homens a enfornar e *vestia-se o forno*, era todo bem barradinho. Depois era..., de noite, fazia-se de noite, cozido com a lenha. A gente a carregar aquilo de noite, ao ombro lá para a rampa, depois era metido com uma “forqueta” [forquilha com os dentes mais pequenos] lá para dentro. Depois tínhamos um *ranhador* [também chamado de *ranhadouro*], com um ferro na ponta, que tinha para aí uns 6 metros, ou 7, que a gente metia lá dentro da caldeira para mexer aquela coisa, que ela ficava com um calor danado [em brasa]. Com o calor, depois saíam aquelas *brasuras* grandes [vapores quentes], aquilo era um trabalho..., um trabalho esforçado.

I – Quantos homens é que trabalhavam normalmente no telheiro?

E – No telheiro? Era eu, o meu *Zé*, era o meu pai, era o amassador, que era o “*Zé Espanhol*”, e era o..., era mais um, ou 2 ou 3. Para além de a gente, era o amassador..., também foi o “*Alacrau*”, foram muitos os amassadores.

I – Mesmo assim ainda metia muita gente.

E – Muita gente. Quando havia mais encomendas de obra tínhamos que meter mais homens para fazer-se mais fornadas. Para se ganhar mais, não é verdade. Tinha que ser assim. Só a gente era pouco [o pai e os irmãos]. A gente tínhamos sempre amassadores, a gente era só para fazer, para fazer as obras mais nada.

I – Como é que o trabalho era distribuído no telheiro?

E – O Sebastião [Cabaço] cortava e o “*Manel Pencil*” deitava, e eu cortava e deitava [para a telha]. A gente fazia mais telha, fazia-se mais dinheiro. Não era só obra grossa. A gente fazia menos obra grossa e mais telha. Numa fornada a telha delgada metia 20 milheiros, e se fosse em lambazes só metia 10. Era o dobro, fazia-se mais. Então fazíamos assim, o “*Pencil*” deitava o

Sebastião Cabaço cortava, na mesma barraca, eu tinha outra pedra e cortava e deitava, cortava e deitava, sozinho. Fazia os dois trabalhos sozinho.

I – “Deitar” é ir pôr na eira?

E – Pois, na eira. Cortava na pedra e depois tirava e ia lá pôr na eira.

I – Tinha que haver água em abundância disponível, como é que se socorriam?

E – Tínhamos lá um poço. Havia lá um furo. Havia lá um poço com um furo. Tinha um furo pegado ao bocal [do poço] e depois aquele furo estava a correr para dentro do poço. Mas a água não prestava, não era boa para beber. Era ruim.

I – De todos os modos, tinha que haver sempre água para se poder trabalhar.

E – Ora então, é lá onde está o furo da Câmara. É lá onde está o furo da Câmara [a captação n.º2]. Aquilo é um rio de água! Cheguei lá a trabalhar durante 8 dias sem parar, e de noite, sem secar.

I – Já ontem me tinha descrito qual o processo de fazer a telha. Podia descrever-me novamente, assim com todos os pormenores.

E – Com os pormenores é assim..., estender a telha, e depois era o meu Zé chegar além em cima, punha o galápio, puxava a grade que caía em cima do galápio, depois ele metia a mão por debaixo do galápio e depois com a outra, passada por água, passava-lhe com a mão por cima para ficar bonita. Passava-lhe com a mão. Depois chegava além [à eira] e punha o galápio no chão, passava outra vez assim [com a mão suavemente pela telha], amanhava além a “cabeça” [parte de cima da telha, ou parte mais larga] com o dedo, para ficar bonita, e depois “pumba”. Vinha a fugir, quando chegava já estava outra feita em cima da pedra. Era sempre assim. Sempre a andar.

I – Ele trazia-lhe o barro para cima da grade?

E – Pois.

I – E entretanto o Sr. é que...

E – Ele é que punha o barro da telha em cima da grade. A gente já tinha tudo feito, lá no alpendre, feito em obra, “em ar de” bacía, feito em obra, depois era cheia de cinza..., a gente com um arneiro arneirava a cinza lá para dentro, depois a grade era “molhada” além na cinza, depois era uma mão cheia de cinza além por cima na pedra, para não pegar a telha, o barro. Molhava-se além, punha-se a grade, tinha já o rebole [o barro amassado] estendia-o, e depois de já estar todo estendido, além dentro da grade, trazia a “rezoira”, molhada além num alguidar que tínhamos além ao lado, passava 2 vezes..., dava para fazer tanta coisa. Tinha que dar à conta. Aquilo às vezes era lá longe, mas quando era além ao pé, quando vinha da carreira era logo ao pé, era chegar e “truz, truz”, mas já tinha que estar feita. Pensando bem, agora, como é que fazia aquelas coisas todas!? Como!?

I – Cada um fazia um certo trabalho? Estavam distribuídos pelas várias partes.

E – A gente fazia a telha. E o meu “Manel” e os outros faziam obra grossa. Andavam cá no barreiro, cá em baixo.

I – Para isso era preciso menos perícia?

E – A gente estava na telha e eles na obra grossa. Havia um amassador para a obra grossa e eles tinham o barro e as eiras feitas, tinham um carrinho de mão para carregar o barro lá para ao pé da forma, e então eles faziam. A gente estava na telha e eles na obra grossa. Quando às vezes era preciso adiantar a obra grossa, íamos todos. Trazia-se uma grande *mondice* [grande quantidade] de barro e depois ia a malta toda, todos encarreirados uns atrás dos outros, depois de empreitada..., tínhamos que dar além o litro. Senão era logo apanhado. Mas tínhamos que saber a conta do barro para encher a forma, tínhamos que saber para não andar depois a tirar. Tínhamos que saber para não atrasar. Mas já tínhamos muita prática e tirávamos logo à conta e truz, fazia aqueles. Depois era assim lavada [a forma] com a mão, chegava lisinha, punha ao lado e truz outra. Aquilo era sempre a andar. Fazia-se além *eiradas* e *eiradas* de obra. Depois era “cantear”, a malta tudo uns atrás uns dos outros.

I – Quanto tempo secavam os tijolos depois de terem sido feitos?

E – Estavam 1 dia ou 2. Mais 2 dias, 2 dias a secar.

I – E depois para colocá-las em “boneco”?

E – Depois de estarem secas íamos “cantear”. Íamos 3 ou 4, outras vezes íamos todos, uns atrás uns dos outros. Depois eram os “bonecos”, fazíamos os “bonecos” a 10. Depois iam secando.

I – Estavam quanto tempo em “boneco”?

E – Podiam estar além 2 dias, conforme o calor era muito ou não. Depois de estarem secos eram carregados com o carro e o burro cá para o alpendre. Iam-se carregando e iam-se “medando” [colocando em medas], até chegar à conta de fazer uma fornada. Depois para a fornada, íamos 4 ou 5, íamos enchendo, a gente ia lá para dentro e íamos montando. Íamos fazendo aquilo bem feito. Ficavam uns ao meio, uns às pontas, uns buracos que era para o calor subir para não tomar mascarra. Tinha que estar tudo bem trabalhado, como a gente aprendeu.

I – Como era a disposição das obras no forno?

E – Era, até ao meio era tudo em obra grossa. Levava o lambaz, levava o tijolo..., levava as encomendas e depois de estar os andares tudo coiso, levava a telha. Levava 4 ou 5 andares de telha, em cima umas das outras, tudo encarreirado, tudo aquilo era bem amanhado dentro do forno. Depois era cozida. Uma noitada em grande, além às escuras.

I – Era toda a noite? Quanto tempo demorava a cozer?

E – Era uma noite inteira. Era a noite. Começava-se assim ao serão, começava-se de tarde, para aí às 6 horas ou às 7 para aí, começava-se devagarinho. Depois era a noitada. Levava-se um garrafão de vinho para a malta beber. Depois um homem enchia lá a rampa [com lenha], e às vezes um homem deitava-se, conforme se deitava vinha logo o outro à pressa, metia a lenha dele e dizia: “vamos lá deitar outra”. Vá de ir carregar com a lenha e tojos. E depois, com uma forqueta, vá de meter lá para dentro. Depois era o “esburrallar” com um ferro..., havia lá uns novos que ficavam logo despachados com o calor. Fazia aquelas chamas que parece que apanhavam um homem no meio. Um perigo, mas era assim.

I – E quanto tempo, depois de cozidos, ficavam a arrefecer antes de ser retirados?

E – Depois de cozer ficava além 1 dia, ou 2 ou 3, a arrefecer. Tinha que estar bem frio. Depois era, quando havia além em Beja uns empreiteiros..., quando eles vinham com umas camionetas, iam logo para cima delas. Carregava-se logo as camionetas. Íamos logo contando. Levavam mil ou 2 mil, um camião daqueles. Em vez de irem para o chão iam logo para cima das camionetas.

I – Como é que sabiam que a obra já estava cozida?

E – Lá em cima, agente via logo. Lá em cima, destapa-se lá os tijolos e via-se logo se já estava bem cozido.

I – E como é que era?

E – Era ver o tijolo, se já estava encarnado. Os tijolos, tudo encarnadinho. Além depois via-se: “pronto já está. Pronto está boa. Não precisa de mais lenha, já chega.”

I – Deixavam de pôr lenha e deixavam arder aquela que estava?

E – Ardía aquela que estava e pronto. Depois ia arrefecendo, arrefecendo, depois quando ia a tirar via-se que estava boa. Assim toda encarnadinha. Não havia nenhuma *porrinha*. *Porrinha* é o que chamávamos quando estava assim queimada. E então era assim.

I – Isto mexia muito, não? Vinha gente de fora buscar aqui obra?

E – Muita gente!? Vinha gente de fora! Vinham de Portel, havia além em Portel os Farinhos..., eram uns bons fregueses. Carregavam ali muita obra. Para venderem lá. Era para venderem no negócio. Além em Beja era o mesmo. Iam para os armazéns para venderem. Quer dizer, carregavam e depois vendiam.

I – Isso é porque para esses lados havia menos fornos?

E – Pois, havia menos. Aqui é que havia mais. Aqui, na ribeira de Vila de Frades [ribeira de Freixo], aqui, ao pé da ponte, havia uma remessa deles [havia muitos]. Havia o do “Lança”, do “Fiscal”..., havia muitos telheiros aqui. Só que de barro era o meu, era o do “Banhanha”, era o do “Zé do Ó” e era um, onde a gente ainda trabalhou, onde hoje é o “Franganito”, que era do Matos Rosa. Onde está agora a vinha dele, aí. Também trabalhava lá o “Bailarico” mais o filho [o sogro e o marido da Sr. Maria Trole]. Trabalharam lá os dois. Quer dizer, trabalharam lá todos, mas quem ficou com aquilo foi o João mais o “Zé Leão”. O “Zé Leão” deitava a telha e o pai cortava. Também... Era o Zé a trabalhar, traziam mais 1 homem, ou 2, mais 1 homem para fazer o lambaz e eles era só para fazerem telha.

I – A telha era o trabalho mais especializado?

E – Era a telha. Era o mais fino era a telha. O outro era trabalho mais grosseiro.

I – Qualquer pessoa conseguia fazer, não?

E – Não, qualquer pessoa. Havia pessoas, bem como esse da telha, que não conseguiam “encarrilar”. Às vezes iam experimentar, lá a deitar a telha, partiam logo o barro todo. Não conseguiam..., o “Sopa Velha” [o sogro do Sr. Diogo Quarenta] tantas vezes que ele por..., ele tinha as mãos enroladas, tinha as mãos assim [com artrite], não era capaz de abrir as mãos, que... “é..., não sou capaz de fazer uma telha”. Ele já fazia às escondidas, para a gente não ver. Punha a grade, estendia o barro... Ó! Aquilo partia tudo. Muita gente..., o meu mano “Manel” também nunca foi capaz de deitar uma telha, nem cortar nem nada. E outros mais lá tentaram fazer mas não conseguiram de maneira nenhuma. É uma maneira de ser. Logo de pequenino fui logo para além, tinha para aí 7 anos, com o meu pai. Ia levar o almoço por essas estradas, ainda aquilo estava tudo aí em poeira [em terra], quando aquilo começou lá..., e depois eu, punham-me um aventalinho aqui ao peito e vá de descarregar lá do buraco, das “caleiras” [de onde tiravam o barro para a telha]. Era um buraco fundo, para aí com 1 metro e tal já. Eu subia e carregava barro para ao pé do meu pai para fazer os tijolos e as outras coisas. E era assim.

I – E para “cantear”? Como é que era?

E – Esperava-se 1 dia ou 2 para secar. Só depois é que era “canteada”.

I – E o que é que usavam para “cantear”?

E – Com umas foices. Com umas foices velhas. Quando já estavam assim muito estragadas, a gente tirava além os coisos do lado. As ombreirinhas de lado e mais algumas coisas que ficavam agarradas que vinha da eira. A gente punha-os aqui de pé na perna e depois fazia assim [raspavam] e ficavam todos bonitos. Quando se punha o tijolo na terra às vezes pegava e vinha aquele solo e a gente tinha que o cortar e endireitá-lo. E de lado, assim as barbelas de lado. Era tudo cortadinho e depois e depois eram os “bonecos” de 10 [pilhas].

I – E as telhas? Como é que se punham as telhas?

E – As telhas eram..., para raspar?

I – Sim, e para arrumar.

E – Empinavam-se as telhas e raspavam-se encostadas à perna para tirar as ombreiras de lado. E depois eram postas às 10. Punha-se uma telha encostada ao montinho de 10 e ficavam todas empinadas. E depois era carregar cá para o alpendre. Tudo às costas, era tudo carregado. Punham-se dentro do alpendre. Pois era assim. Íamos 3 ou 4, uns atrás dos outros, sempre esfregando. E depois púnhamos encostados num montinho. Com uma telha assim [as 10 telhas ficavam encostadas numa telha na diagonal]. Uma a segurar. Depois era carregar para o alpendre. E do alpendre para dentro do forno.

I – Para amassar a terra, como era?

E – Com os pés. O amassador em se metendo lá dentro do barro da telha, aquilo era muito duro, às vezes para sair de lá tinham que lhe arranjar a perna [tinham que ajudá-lo], aquilo é um barro muito forte. Aquele barro tinha que ficar duro, tinha que ser um barro especial que era para a telha ficar de pé. Não era como alguns que lá iam e deixavam o barro ficar mole e depois as telhas estavam sempre a cair.

I – E o barro para o tijolo?

E – O barro para o tijolo, mesmo que ficasse mais brando não fazia mal.

I – Não se corria o risco de, ao secar, o tijolo estalar?

E – Não, não ficava. Como agora, ficava o barro sempre bem feito. Os amassadores sabiam trabalhar e deixavam o barro sempre bem. Davam-lhe duas voltas, depois era tapado, passava-se e depois ia-se tirando.

I – Tapava-se com o quê?

E – Com uns panos. Tínhamos uns panos, aí como os da azeitona, uns panos velhos, aquilo era tapado para não secar até que se fosse fazendo, carregando com uns carrinhos. Com um carrinho de mão que pesava quase “500 kg”, depois cheio de barro! Para um homem arrancar aquilo dos buracos um homem tinha que penar. Ainda carregámos lá 2 fornadas de obra com o carrinho de mão, que o burro estava doente, carregar aquilo do barreiro. Chegámos a levar 60 lambazes em cima de um carrinho de mão. Cada um pesava 6 kg, vê lá quantos kg eram [360 kg ?]?! Para subir aquela rampa, cá do buraco para o alpendre, e a gente a carregar com um carrinho de mão... Era um trabalho duro.

I – E fornos de cal, não havia por aqui?

E – Não. Aqui não. Só ali para Marmelar é que havia fornos de cal.

I – Perguntei ao Sr. Sebastião Cabaço, ele disse-me que havia um ali para o Mendro. Não tem ideia?

E – No Mendro?

I – Sim. Na estrada velha que dá ao alto do Mendro. Que havia aí um forno de cal.

E – Não, não tenho ideia.

...

[Sobre as fotografias que emprestou do trabalho no telheiro]

E – E as fotografias ficaram boas?

I – Sim, ficaram. Têm aqui uma boa recordação. Não há por aqui muitos registos, que se conheçam.

E – [esposa do Sr. Francisco] Pois, é sempre bonito. Ele [o Sr. Francisco] tem o galápio na mão e o mano tem o...

E – [Sr. Francisco] Aquilo foi já no fim.

E – [esposa do Sr. Francisco] No fim? Qual fim?

E – [Sr. Francisco] Então não foi?! Já estávamos a cozer a última fornada. Já estávamos no fim do trabalho. Então não vês que já estava o alpendre desmanchado. Já estávamos cozendo...

E – [esposa do Sr. Francisco] A boca do forno...

E – [Sr. Francisco] Não, aquilo é o alpendre. Não vês o fumo a sair? E aqui é onde estava a lenha. Pois.

I – Há pouco falávamos do amassar, aqui na fotografia estão todos agarrados às enxadas.

E – E o meu “Manel” está com a lata, que estava a carregar a água para eles amassarem. A gente estava amassando e ele andava a carregar a água para deitar no barro. E as enxadas..., o barro era metido lá dentro com os pés mas era “passado” [remexido] com a enxada. Com a enxada a gente ia passando o barro até ao fim. Depois, se não ficava bom, tínhamos que dar outra volta.

I – Como é que sabiam quando estava bom?

E – Então a gente sabia. Quando a gente via que o barro estava uma maravilha. Quantas mais voltas levava melhor ficava. É como o barro da telha. Esse tinha que levar muitas voltas. Depois, era amassado primeiro com a enxada. Depois era com a mão fazerem bonecos, tudo bem batido, lá no sítio onde estavam amassando. Depois era carregado cá para dentro do alpendre e depois era tudo bem batido e esfregado, ali bem, com a mão e depois era batido e iam fazendo os bonecos... Aquilo era um barro trabalhoso, o barro da telha.

I – O Sr. Sebastião Cabaço até disse que passavam o barro por água para retirar algumas pedras que teria.

E – Isso era barro coado. Lá à da gente isso era barro coado. Mas aqui na estrada do Carmo não havia barro coado. Era mesmo o barro que era mesmo bom, não tinha pedras nenhuma. Agora lá [nos Pisões] tinha. Era coado e aquilo retirava as pedras tudo para o lado. Tínhamos um tanque e depois ia para outro... Aquilo era assim.

I – Quando é que acabou com os trabalhos nos telheiros?

E – Acabei quando fui trabalhar para a horta do Aires Guerreiro. Deixei de trabalhar com o meu pai. Os meus manos ainda continuaram, mas eu fui para lá. Fiquei lá durante 3 anos. Depois, quando viemos embora os meus manos vieram convencer-me para alugarmos o telheiro do “Sopa Velha” [o sogro do Sr. Diogo], nos Pisões. Os quatro, ficámos lá 4 anos. Até ia morrendo lá. Uma fornada estava cheia até acima e a gente, quando está cheio, além para pôr a lenha no forno, já lenha grossa, acabámos de encher o forno e ele *amesendou* [abateu sobre si mesmo]. Se a gente estivesse metidos lá debaixo tínhamos lá ficado. Foi por um triz. Depois ainda fizemos um forno novo e trabalhámos lá uns anos até o meu mano “Manel” ir para a Suíça e eu para a França e ficou o “Sopa Velha” de posse do telheiro. Da última vez que trabalhei mesmo com a obra foi quando fiz uns ladrilhos lá para as ruínas... [de S. Cucufate] Uns ladrilhos que eles lá acharam com uns 500 ou 1000 anos e depois fizemos lá uns quantos mil, lá para o pedreiro fazer as abobadilhas [os arcos e abóbadas]. Depois aqueles ladrilhos eram feitos e faziam-se uns riscos assim como aqueles que lá estão. Mas não eram todos iguais. Pusemos lá uns quantos. Mas isso foi antes de ir lá para fora.

I – Foi mais ou menos por que anos?

E – Isso dos anos é que eu não... Eu tinha 40 anos quando fui para a Suíça e o meu Jorge [filho mais novo] era pequeno. Agora tenho 75... Foi à 30 e tal anos.

I – Foi por altura do 25 de Abril. Pouco antes, não?

E – Sim, foi por essa altura.

I – E a partir daí como é que foi com os telheiros?

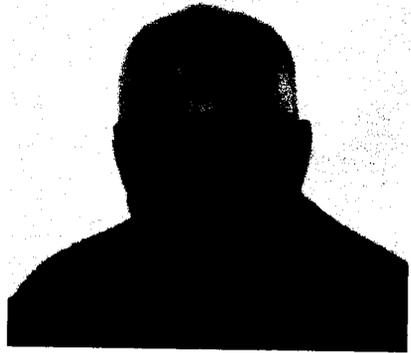
E – Acabou. Por essa altura acabaram muitos. O “Sopa Velha” ainda ficou além [nos Pisões] um tempo a trabalhar com aquele, mas depois acabou. Depois foi ainda a fábrica do tijolo furado. Já era outra qualidade de barro. Vinha de outro lado. Quando a gente acabou com o telheiro foi quando eles fizeram a fábrica. Depois a “Agrária” [Cooperativa Agrária de Vidigueira, hoje extinta] comprou aquilo. Hoje já não existe nada. Já está tudo em vinha.»

Relato do Sr. “Zé do Ó” [José A. Casadinho Baião], 28-12-2008:

Dono de um telheiro com o seu pai.

«Interlocutor – Será melhor começar por dizer onde é que tinha o telheiro.

Entrevistado – Então, o telheiro foi ali à estrada do Carmo, e foi ao pé de Alqueva, que foi meu, e depois foi ali à estrada do Carmo, no caminho para Vera Cruz, e depois ainda fizemos outro lá para Vale de Marcos, numa fazenda quase pegada à terra do teu avô, um bocadinho mais à frente.



I – Ainda foram alguns. Trabalhou nisto durante quantos anos?

E – Comecei a trabalhar aos 16 anos no telheiro. Lá para Vale de Marcos fui com 1 ano e meio e depois viemos de lá com 16 anos. O meu pai arrendou aquele além..., o meu pai queria comprar aquele do “Zé Coelhoinho”, depois arrendámos aquilo por 9 anos [na estrada do Carmo] e ao fim desses 9 anos fomos lá fazer aquele de Vale de Marcos.

I – E quando é que acabou com este serviço?

E – Quando sai deste ainda fui trabalhar para o Alfredo [Prendinha], ali à estrada de Vera Cruz. Estava com o “Sobrinho”, com o “Joaquim Florinhas”, com o “Jacinto Lino, o “Zé Espanhol”...

I – Nessa estrada havia muitos telheiros. Porque é que se localizavam aí?

E – Antigamente..., bem agora já há fábricas. Naquele tempo...

I – Sim, mas porquê nesse sítio haver tantos?

E – Ora então, não havia mais nada e então era... Era o do Alfredo [Prendinha], lá mais à frente era o do Matos Rosa, depois onde é a horta do Artur, depois o do “Joaquim da Vizinha” [pai do Sr. Francisco Batuca], que o meu cunhado ainda comprou aquilo, e depois era o nosso. E depois lá mais à frente era o do “Zé Bailarico” [marido da Sr. Maria Trole], e era um do “Zé Fidalgo” e depois havia outro lá na Quinta do Carmo, que era o mais antigo. Não sei se te lembras ali de algum?

I – Não, já não foi do meu tempo. Não vi nenhum.

E – E ali à estrada de Vila de Frades também havia ali uns quantos. Havia um que era do “Manços”, do avô aí do Justo [Galinha], e era um onde estava o “Chico Melão” e depois havia mais dois lá para aquele lado, que chamamos nós da Cancelinha”. E além à do Quarenta, no meu primo “Sopa Velha”, havia também dois. Dois juntos [Pisões].

I – Mas como é que se escolhiam os sítios?

E – Tinha que se escolher um sítio onde houvesse barro bom.

I – Como é que se sabia que o barro era bom?

E – Porque se conhece o barro. Há o barro preto, que era para misturar com..., há o preto e há um que chama-lhe a gente “nata”, que é para misturar para fazer a telha, o ladrilho, o tijolo... Tem que haver essas qualidades de barro que é para... Aquilo não é só saibro. Tem que ser aqueles filões de barro preto, e depois há uma nata debaixo desse barro preto, e depois mistura-se e dessa mistura é que... Aquilo era tudo muito bem amassado.

I – E tinha que haver água?

E – Pois então. E por ali à muita.

I – Depois de escolher o sítio, como é que dispunham as várias partes do telheiro no espaço?

E – O forno tinha 4 arcos, e depois punham-se, chamávamos-lhe a gente, as roscas. Punham-se 2 fileiras de lambaz, em cima um do outro, e começava-se a chegar os lambazes às paredes, e depois punha-se um “andaino” [andar], de ladrilho ou tijolo, que era para pôr a telha que ficava ao meio do forno, e depois começava-se a por o resto das obras, o tijolo e outras coisas até se chegar lá acima.

I – Estava a dizer como é que se punham as coisas no espaço. Como as eiras e outras coisas.

E – Pois então, havia uma eira que era onde se estender a obra. O alpendre era pegado ao telheiro que era para quando a obra fosse ficando seca ia-se encostando lá ao alpendre. Para o caso de vir uma trovoada e ir tudo...

I – Quer dizer que não havia nenhuma ordem ou disposição rigorosa?

E – Havia sempre. O lambaz ficava logo à boca do forno que era o primeiro a ir para dentro do forno. E a depois a telha ficava um bocadinho mais à retaguarda. A gente fazia mais ou menos aquilo para se pôr primeiro os lambazes, depois o tijolo e depois a telha até chegar lá acima. Conforme era o sítio das coisas, ficavam logo postas na eira. Carregavam-se para o alpendre quando estava enxuta. A telha tinha uma eira própria, e a outra obra também. Era direita, tinha que ser tudo arranjadinho, para depois..., a telha era esfregada, umas nas outras para *abalar* [retirar] aquelas arestas, e o lambaz e o tijolo e o ladrilho eram com uma foice. Chamávamos-lhe a gente a “foicinha”, uma que fosse já usada. E depois raspava-se além as faces do tijolo, ou lambaz ou do ladrilho. E depois punha-se em espiga..., o lambaz era em boneco. A 2 e 2 até 12. O ladrilho e o tijolo era em espiga, era assim [colocavam-se empinados, uns encostados aos outros], fazia-se um cordão e ia-se enfiando e ia-se fazendo um cordão atrás da gente para enxugar. A telha em estando a enxugar punha-se em braçados de 10 ou 12. Canteava-se e uma é que segurava as outras. Quer dizer, era o braçado da telha isto e depois punha-se a outra assim encostada [na diagonal a especar as restantes].

I – Até fazer quantas?

E – 10 ou 12. 10 ou 12, e depois..., quer dizer, a telha quando estava enxuta, tal como a outra obra quando estava enxuta, ficava ali e depois levava-se para o alpendre para ir para o forno para ser cozida.

I – A disposição dos materiais já moldados pelo telheiro também dizia respeito à incidência do sol.

E – Pois. A obra era..., de tarde estava sempre mais calor. Quando estava bem enxuta é que ia para o alpendre para ir para o forno.

I – Quanto tempo é que demorava a enxugar?

E – A telha..., fazia-se a telha de manhã, à tarde já dava *canteação* e a que se fazia depois de tarde já era canteada no outro dia depois de almoço [depois da 10h da manhã]. E o tijolo também. Fazia-se hoje de manhã e amanhã à tarde era canteado. Demorava 1 dia. Tinha que vir calores suficientes para se irem estendendo e secando.

I – Como é que se escolhia a terra para cada uma das obras?

E – Tinha que se escolher. Quer dizer, a telha tinha que ser com barro preto e “nata”, era uma terra mais escura que era o barro preto e a nata. Misturava-se e depois amassava-se. Ficava já da véspera, o da telha. E o outro barro também era picado. Depois no dia que era feito é que era amassado. Quer dizer, levava uma voltinha à enxada e depois no outro dia é que era amassado.

I – A terra era retirada do barreiro só no dia anterior?

E – Normalmente o barro preto tinha que se cavar 2 ou 3 dias antes que era para enxugar. Não podia ir brando, senão havia lá partes em que ficava amaçarocado. Tinha que andar o barro preto sempre adiantado. A nata não, a nata era uma coisa que deslaçava mais..., a nossa até podia ser tirada mesmo à hora. Era aquela que não tinha mesmo pedra nenhuma. A que a gente chamava de nata, para misturar com o barro preto.

I – 2 dias, ou 3, antes cavava-se a terra, no dia anterior à moldagem picava-se e no próprio dia era amassada.

E – Pois. Havia uns sítios mesmo próprios para amassar o barro da telha. Em ar de um tanquezinho..., carregava-se para lá uma porção de barro preto e de nata..., primeiro punha-se o barro preto e depois a nata por cima, e depois punha-se umas paredezinhas para se encher de água. Depois picava-se as paredes, dava-se uma volta na véspera e depois no dia é que se amassava.

I – Amassavam-na como?

E – Com uma enxada. Ao olho da enxada [com o bico e a lâmina da enxada]. Era com uma enxada e depois passava-se para trás para se fazer um rebolo. Fazia-se um bolo assim da coisa. Depois metia-se para dentro e depois a gente estendia o barro, a fazer a telha, com uma grade, estendia-se e depois passava-se com uma “resoira” [rasoira].

I – Os utensílios para fazer o tijolo eram quais?

E – Para o tijolo, o lambaz e o ladrilho eram umas formas em madeira. E para a telha era uma grade em ferro, assim da grossura de um dedo, com a cabeça da telha e o rabo, e depois havia um..., a forma da telha era o galápio, chamava-lhe a gente um galápio. Tinha o feitio da telha. A gente puxava aquilo com uns pauzinhos, punha-se ali o galápio, debaixo além do coiso [da grade] e puxava-se, puxava-se a telha... Eu comecei a deitar a telha com 11 anos, veja lá.

I – Têm-me dito que nem todos faziam telha. Só alguns é que conseguiam controlar a técnica.

E – Nem todos, nem todos. A maior partes deles só fazia obra. Olha, lá o “Joaquim Florinhas” era só obra grossa, e o Jacinto Lino. Eu graças a Deus aprendi a fazer tudo.

I – Mas havia mais utensílios para fazer o tijolo?

E – O tijolo tinha uma forma própria, como era para o lambaz. O tijolo era por metade do lambaz, a forma tinha que ser mais delgada. Havia aquilo além uns alguidares, para cada par que fazíamos de tijolo, ou lambaz, tínhamos que lavar a forma. Se não se lavasse a forma o barro começava a agarrar-se à forma e não... A par tinha que se lavar. Havia sempre uns alguidares com água, acabava-se de estender o barro nas formas, raspava-se e depois alisava-se

com a mão, assim, para ficar aquilo liso. Depois levantava-se a forma, tornava-se a lavar, punha-se a forma, punha-se o barro e assim se fazia.

I – O barro era apertado ou era só posto?

E – Era só posto e depois a gente molhava as mãos e “acalcava” o barro, e depois fazia além uma coisa de lado [alisava de lado] e depois do outro e depois lavava-se com a mão [o molde].

I – Quantos tipos de obra produziam? Para além do tijolo e do lambaz.

E – Havia “adobos” [grandes blocos de cerâmica cm 40 ou 45 cm de lado e 3 de espessura que se colocava nas lareiras], havia “pandeiretes”...

I – O que são “pandeiretes”?

E – “Pandeiretes” é uma espécie de fogão de sala que eu ali tenho. É uma espécie mais pequena, uma espécie mais pequena [as chamadas “meias”, com metade da espessura do tijolo].

I – E para fazer as abobadilhas?

E – Isso era o tijolo. Essas aí [as da casa do Sr. José] foram feitas em tijolo. Essas até foram feitas por mim. Esse tijolo que está aí nessas abobadilhas foi feito por mim. Foi o mestre “Chocho” é que andou aí a fazer essas abobadilhas. Já não conheceu. Além o mestre Justino ainda faz. E o Eduardo também faz. O Eduardo Pires também faz. O seu pai também andou aqui a trabalhar. Mas as abobadilhas já estavam feitas. O mestre “Chocho”, o mestre “António Chocho”, que morava além por cima onde era o meu compadre Piteira...

I – Quantas pessoas havia normalmente no telheiro para executar o trabalho?

E – Ora no telheiro..., na telha eram 3: era o amassador para amassar o barro, era um para cortar a telha, que era estender o barro na forma, e era o do galápio. Eram 3.

I – E para o tijolo?

E – Para o tijolo podiam ser outros 2 ou 3. 1 para amassar o barro e os outros para fazer o tijolo. O tijolo, o ladrilho, os “adobos” para pôr aí na chaminé... Ainda fiz uma quantidade deles aí para o pai do “Lelicha”. O moço, o “Zé Bacala”, tinha lá uma fazenda e foi-me pedir se eu podia fazer uns “adobos” para pôr lá uns coisões das abelhas. Quer dizer, antigamente era aqueles cortiços. Então foi-me lá pedir. Era maior que o ladrilho. Esses que púnhamos aí nas chaminés.

I – Os trabalhos duravam entre que períodos?

E – Duravam passado à nossa feira [Julho] até que o tempo o permitisse. Em chovendo tinha que se arrumar aquilo porque aquilo era uma profissão que em chovendo não se podia utilizar.

I – Mas depois da feira já era tarde.

E – Mas era quase sempre. A gente lá para Vale de Marco só passado à feira é que iamos. Agora aqui já começávamos mais cedo. Só quando o tempo estava bom. Em chovendo pronto, acabava-se logo. A obra tinha que ser enxuta.

I – Quanto tempo ficavam a secar?

E – Ficava 3 ou 4 dias, ou 5 ou 6, conforme. Depois ia para o forno, era enfiado, aquilo enchia-se o forno com 30 e tal andares, chamava-lhe a gente andares. Cada fieira era um andar. Depois puxava-se fogo, aí por volta da 1 hora da noite..., às vezes abalava daqui [de casa] quase

à 1 hora da noite e só vinha de lá [do telheiro] às 10 e tal! Puxava fogo àquilo à 1 hora e ia até o outro dia às 10 horas.

I – Passava toda a noite a arder?

E – Não, quer dizer, puxava-se fogo por volta da 1 ou das 2 da noite na véspera e depois continuava o dia todo até a gente ver que estava cozida, a obra.

I – Como é que sabiam que estava cozido?

E – Aquilo dava sempre uma pancadinha. A gente íamos lá acima ver o forno. Quando aquilo estava cozido “amagava”. Fazia uma espécie de “caldeirazinha”. E a gente via assim, mais ou menos, quando aquilo estava cozido. Ficava tudo em brasa. Pelo menos umas 16 ou 18 horas lá ficava a arder. Depois estavam aí uns 2 ou 3 dias a arrefecer. Às vezes, quando havia mais freguesia, tinha que ser mesmo com eles quentes. A queimar os dedos.

Depois levava umas “cobrideiras” lá em cima [o forno], em tijolo, deitados, com intervalos assim da grossura do meu dedo e depois tiravam aquelas “cobrideiras” para arejar e depois, ao fim de 2 ou 3 dias, é que se despejava o forno.

I – Tinham lá algum poço perto do forno?

E – Claro. Aquilo não se fazia sem água. Dois poços é que a gente lá tinha, à estrada do Carmo. Aquilo não se fazia sem água. Para o forno tinha que se encontrar um sítio mais enxuto. Tem uma caldeira para a gente pôr a lenha, tem os arcos, tem a boca para se meter a lenha... Tinha que se achar um sítio mais enxuto, a gente tinha o forno um bocadinho cá mais em cima e depois “por baixo” do forno, aí uns 15 ou 20 metros, tínhamos o poço que era para sangrar mais a caldeira do forno. E mesmo assim, às vezes, enchia-se de água, a caldeira. Tínhamos que ir lá dentro com o burro que estava tudo cheio.

“”

[sobre deitar a telha na eira]

E – Aquilo tem que se passar com a mão pela aresta da telha com o galápio para ficar agarrado à eira. Depois puxa-se um bocadinho, arranja-se ali a cabeça da telha e... Nem todos eram capazes de fazer isto. Eu fazia aquilo “sem querer” [estava muito habituado].

I – A pedra ficava ao meio?

E – A pedra estava firme. Estava a tulha [da cinza], estava a pedra... e o deitador tinha que ir buscar lá a telha sempre àquele sítio. Depois tinha que deixar as telhas de pé, se as deixasse deitadas como é que era?!

I – Esse trabalho fazia-se sentado?

E – Não, era curvado. A gente puxava o galápio e fazia-se assim [curvava-se para deitar a telha] e depois fazia assim [puxava o galápio].

I – Estava a dizer para fazer a telha, na pedra.

E – Para fazer a telha era na pedra. Aquilo era sempre a mesma coisa. O do galápio [o deitador] é que tinha que ir buscar a que se acabava de fazer. Enquanto a pessoa ia levar aquela para a eira, o outro [o cortador] ficava estendendo a outra.

I – O deitador é que trazia o barro para fazer a outra?

E – O cortador tinha que fazer o rebolo e estendê-la. O deitador era só puxar a telha e deitá-la na eira. O trabalho estava organizado. Quando o outro ia deitar a telha lá na eira, a gente dizia “lançar a telha à eira”, fazia-se a outra telha.

I – Não se misturava cal?

E – Não, não. Era só a nata e o barro. A cal não dá. Aquilo não conduz [não serve]. Depois reventava a peça. Não era ficar forte demais, é que ela [a obra] não quer. Não dá para isso. Era só o barro que era para aquilo não reventar.

I – Vendiam também tijolo cru?

E – Não. Foi sempre cozido.

I – Mas havia quem usasse nas casas.

E – Sim. Para as paredes interiores. Quer dizer, aquilo levava cru mas tinha que levar umas fiadas... Aquilo era no tempo da miséria, para poupar. Levava umas fiadas de lambaz cru e outras de cozido. Tinha que levar cozido para sustar como deve de ser. Só cru não.

I – As pessoas faziam quando estavam a fazer a casa?

E – Não. Isso era muito raro. Tinham que comprar. Há uma coisa porque não tinham barro e não tinham as formas... Tinham que ir aos telheiros comprar.

I – Eram feitos da mesma maneira que os cozidos?

E – Pois. Era da mesma maneira. O feitiço é o mesmo. A forma é igual. Quer dizer, a obra crua era por metade do dinheiro. Por isso é que nas paredes interiores se punha metade cru e metade cozido. Quem tinha mais dificuldades na vida... Agora quem tinha assim posses era tudo cozido. Fica mas sólido. Agora, os crus eram do mesmo feitiço.

I – Não misturavam nada nessa terra? Para os crus.

E – Não. Era tudo tal e qual. Fazia-se hoje e no outro dia era canteado e depois de 1 dia ou 2 estava capaz de forno ou cru.

I – Para carregar isso tudo era com...

E – Era com um carro e um burro. Com uma besta. Era aí desses carros. E às vezes era com uma parelha, com 2 bestas, era mais prático. Quando era mais longe era com uma parelha e um carro. Quando era mais próximo, ali com um carrinho, como esses que há aí, com um burrinho.

I – De onde escavavam o barro ficava bastante fundo não?

E – Ora então, não ficava não!

I – Aquilo ficava a que altura?

E – Era conforme o barro delas. Há sítios que têm mais quantidade que outros. Conforme é o terreno.

I – Por baixo desse barro surgiam os saibros?

E – Pois então, e às vezes pedra. Primeiro era o “devio” [talvez dévio: tresmalhado, desviado; intransitável (latim *deviu-*, “desviado”)], depois era o barro preto e por baixo do barro preto era

a nata. E depois, em função de ser mais fundo, já começava a aparecer aquele cascalho e aquela coisa. E essa já não dava.

I – O forno tinha que medidas?

E – Então o forno talvez tivesse aí uns 4 metros de diâmetro. De profundidade..., tinha a caldeira, tinha os arcos..., a altura era à volta para aí uns 15 metros. Com o coiso da caldeira..., a caldeira metia-se a gente lá dentro e ficava de pé quando a íamos limpar. Todas as fornadas tínhamos que ir limpar aquela caldeira. Ficava com aquelas cinzas, aquela coisa. Aquelas cinzas serviam, era então, para a telha. Tirava-se de lá e metia-se num sítio onde não fizesse mal e depois ia-se arneirando e ia para a telha. A cada fornada tinha que se limpar a caldeira.

I – E o tamanho da eira?

E – O tamanho da eira..., quer dizer, até ao jantar [cerca das 14h] era de um lado, depois da parte da tarde era do outro... Levava para aí umas 1200 telhas. 1200, 1200 e pouco.

I – Como é que preparavam a eira?

E – A eira era toda raspadinha e depois era esfregada com uma metade de um tijolo. Tudo esfregado, tudo esfregadinho. Que era para ficar tudo lisinho, por causa do galápio que ia à eira. Primeiro aquela erva era toda raspada, tinha que se raspar toda aquela erva. Depois aquilo limpava-se tudo, regava-se com um regador e, em estando ali mais “ensombrado”, era esfregado com um bocado de tijolo. Isto fazia-se mais que uma vez por ano. Havia aquele que com o “andamento” daqui para acolá começava a fazer buracos, uns aqui e outros ali. Tínhamos que lá ir com um tijolo e alisar aquilo. E tinha que ficar tudo lisinho que era para o galápio assentar bem na eira. Para não ficar nada agarrado.»

Entrevistas sobre as coberturas tradicionais:

Srs. António Faisco (texto e 1ª parte em vídeo), Manuel Francisco Fialho, José Luís Faisco (vídeo: 1ª parte e 2ª parte) e António João Trole (vídeo).

Continuação da entrevista ao Sr. António Faisco. 28-08-2009:

«Entrevistado – Quem tinha menos dinheiro punha barrotes quadrados e abriam-nos ao meio. Ainda há aí muitos desses com paus redondos abertos ao meio. Eram abertos, serravam-nos e depois era posto ao meio. E vendiam também já abertos, aí o Matos Rosa. Em vez de levar 10 paus redondos levavam 5.



Interlocutor – Como é que se colocavam as ripas por cima dos barrotes? Os barrotes ficavam a uma certa distância uns dos outros?

E – 45-50. E as ripas..., as ripas depende. 5 cm, de 5 em 5 leva uma ripa. A folha era montada uma em cima da outra 3 cm. As minhas, estas [da sua casa], encolheram todas.

I – E montavam-se como, de baixo para cima?

E – De baixo para cima. Sempre para cima. Não podia ser ao contrário. Se há uma goteira, ela vem aí a baixo, e se fosse para baixo entrava logo aí. Os paus montam-se sempre de baixo para cima. O pau grosso sempre para baixo.

I – Antes de haver essas ripas e folhas...

E – Havia cana. Fiz muita cana. O meu [a cobertura da sua casa] é de cana. O meu da frente é de cana. Mas não é do tempo da casa. É calafetado, sabe o que é? É pôr cal e areia por cima da cana e depois pôr telhas em cima. Dura anos e anos. Até as abóbadas, essas abóbadas de caixão, são feitas com cana. Leva cana aberta ao meio, entre os paus da armação, para segurar o reboco. Ainda há aí coisas dessas.

I – Onde é que haverá?

E – Há uma, nessa já eu pus uns remendos de rede com gesso para não sair [rua 25 de Abril nº 19] ... à do Falcão [rua Longa, nº 22, hoje demolido] já desmancharam tudo, havia aí uma grande. Essas duravam também. Aqui na vila também havia casas com o fasquiado. Sabe como

é? É as paredes, em vez de levar tijolo é fasquiado. Leva uns barrotes e depois leva fasquiado assim cruzado, que é para a massa entrar e agarrar. Usávamos umas ripas fininhas que havia por aqui. Com uns bicos fininhos, mas não eram quadrados, eram assim com os cantos cortos para a massa agarrar, senão tem tendência a escorregar. Olha, quem tinha isso era aqui o Manuel [rua dos Mercadores, nº 21], ali é quase tudo fasquiado. Em Lisboa é assim, só tem pedra e tijolo em volta, lá dentro é tudo fasquiado. E aqui também havia. É capaz de ali em Vila de Frades ainda haver. Ali fazia-se muita coisa dessa. Ali havia tinha eu 13 anos, ou 12.

I – Voltando às canas, como é que colocavam os barrotes e prendiam as canas?

E – Os barrotes eram postos como outros quaisquer. E as canas levavam umas ripas, ... agente espetava a ripa e depois ia metendo as canas. Depois iam pregando-se os pregos nos barrotes. E dura muito. Aquele da oficina do “Zé Bicho”, aqueles 3 pus eu. Eu é que fiz esse telhado com cana; era rapaz.

I – Nessa altura já batia taipa?

E – Nesse tempo já quase não se fazia. O velho Bábá morreu... Eu só fiz um bocado. Fiz para aí meio-dia à do Alfredo de Sousa e pronto. Mas aprendi a fazer com o meu pai e ainda carreguei terra para algumas. Agora, o meu pai e mano mais velho fizeram muito. Olha, o meu pai fez a casa dele em taipa, de noite! Andavam de noite. As pessoas faziam as casas mas não tinham dinheiro. Quem é que tinha umas casas nesse tempo? Quando e casei aventava-se o chapéu [o mesmo que “tirava-se o chapéu”] a quem levava umas casas.

“”

Lá o meu primo Farinho tem lá 6 abobadilhas..., lá estava o lambaz cru junto aos cozidos. Foram picar aquilo tudo [retirar o reboco], lá estava isso por debaixo.

I – E os rebocos que se faziam nas paredes taipas e nas de tijolo cru e cozido?

E – Era cal e areia. E *maçacote*. Sabe o que era o maçacote? Era barro com cal. A primeira que eu assisti a fazer foi a do Soromenho, foi com maçacote. Eram todas rebocadas a maçacote.

I – O reboco era logo posto na taipa quando acabassem as paredes?

E – Não, esperava-se.

I – Quanto tempo?

Técnicas tradicionais de construção, em Vidigueira: a taipa e as coberturas tradicionais

E – Era conforme. Havia quem acabasse a casa hoje e só daí a 6 meses é que rebocava. Porque a taipa encolhe. Não podia levar logo o reboco senão rachava.

I – E as coberturas?

E – Isso era logo tapada. Fazia-se a casa e tapava-se logo. Se não chovia e estragava. Havia até muitos que nem rebocavam. E à aí tantas só caiadas ainda. Lá para a rua da Boavista e de St.ª Clara é que se vê muitas sem reboco. O meu sogro é que foi fazer lá muitas casas.

I – Além dos mestres taipeiros, como o seu sogro, faziam também conta com a ajuda do proprietário e dos familiares, ou não?

E – Faziam pois. O meu sogro fazia, mas eles [os proprietários] ajudavam. Havia aí muitos trabalhos em que os donos é que eram os serventes. Poupavam muito. Hoje já ninguém se põe a fazer isso. Naquele tempo havia até serventes como deve de ser. Hoje já nem isso há. Já não sabem nem carregar telha para cima, sabe como é? É à cabeça.»

Relato do Sr. Manuel Francisco Fialho, 27-08-2009:

Mestre pedreiro, 56 anos. Aprendeu o ofício desde novo, depois de completar a 4ª classe. Ainda presenciou, executou e executa coberturas tradicionais e abobadilhas alentejanas.

«Interlocutor – Quando e com quem é que aprendeu a fazer a abobadilha alentejana?»

Entrevistado – Aprendi com o António João Trole, que é meu primo. Comecei tinha 12 anos..., pronto trabalhei com ele durante 20 anos. Fui aprendendo com ele diversas coisas. Na altura fazia-se abobadilhas, depois deixou-se de fazer e começou a usar-se os tectos direitos com vigas de pré-esforçado e com tijoleira.

I – Quando apareceram por cá esses tectos tinha que idade?

E – Já tinha aí os meus 15 anos, 14-15 anos. Começou a aparecer o tijolo furado, antes era o lambaz cozido. Eram assentes a barro e cal branca. Os lambazes tinham as dimensões de 33 por

16. Fazia-se conforme as estruturas. Se fossem paredes exteriores fazia-se aparelho trincado, nas interiores fazia-se a 1 pano.

I – E os tectos? Faziam vários tipos?

E – Pois fazíamos. Na altura, quando comecei, fazíamos abobadilhas de tijolo, com volta de berço..., eram essas que fazíamos. Fazíamos algumas redondas, ainda fiz arcos redondos, diversos. Nas portas..., não utilizávamos vigas. Hoje temos uma viga, antigamente usávamos uma folha.

I – Uma folha?

E – Era uma folha que era feita com lambaz, segundo e conforme a dimensão da porta. Eram 3 lambazes, com um bocadinho de volta e depois eram apertados ao meio com uma cunha, quer dizer, os próprios lambazes fechavam por si, e depois levavam uma pancadinha. Punha-se umas fiadas por cima e era assim que fazíamos os arcos. Outras vezes fazíamos os arcos com tijolo ao alto, que chamávamos de volta de luz. Era marcado [o arco o vão] consoante o portal. Tirávamos-lhe o eixo, marcávamos às pontas e depois fazíamos-lhe a volta de uma ponta à outra.

I – Voltando às abobadilhas, quais os materiais que se utilizavam?

E – O que se utiliza hoje é diferente..., diferente, alguns. Hoje o sistema é feito com tijolo e gesso.

I – A base é essa?

E – A base é essa. As dimensões dos tijolos hoje têm, salvo erro, têm 30x15, é um bocadinho mais pequeno. Dantes era 32/33x16, era o que se usava antigamente. Hoje já reduziu um bocadinho. Assentes da mesma forma, com gesso. E antigamente o carregamento era feito com barro, tijolos, pedras..., até às 4/5 fiadas. Era carregada aos cantos e ao meio que era para ela ficar firme. Hoje é com cal, cimento..., os carregamentos hoje já são diferentes. O barro já está ultrapassado. Pode fazer-se uma massa mais fraca, com burgau [gravilha para construção], ir carregando, colocando lá umas pedras ou uns tijolos aos cantos, mas o sistema é o mesmo.

I – E os utensílios que se utilizavam?

E – Era uma trolha, um martelo, uma colher, um prumo - que era a mesma coisa -, um nível pequeno..., o sistema é a mesma coisa. Antigamente usava-se, para fazer essas abobadilhas de volta de berço, era marcada, fazia-se um roço, todo à volta, com 2,20, 2,30 m, começava a

arrancar porque depois, por causa da volta, se for uma casa de 3 metros já aumenta uns 60 cm de volta, já vai para 2,90 m, por isso não convinha o arranque ser muito alto. Fazia-se um roço todo à volta. Na parte mais comprida fazia-se 8 cm mais baixo. E nos topos, onde a casa fosse mais estreita, eram 8 cm mais alto. Para fazermos o corte no tijolo, para fazer a *boca-de-lobo*, chamávamos-lhe nessa altura.

I – O roço que se fazia era de que dimensão?

E – O roço era aí de 5 cm. e às vezes podia ser mais. Sendo uma parede onde se fazia duas abobadilhas, a parede tinha 16 cm, que era a grossura do lambaz, fazia-se uma abobadilha de um lado e outra do outro. Aí a primeira fiada, normalmente, era feita com lambaz. Era a primeira fiada com lambaz e depois era toda acompanhada em volta com o lambaz e depois a partir daí era com tijolo.

I – Porque é que usavam lambaz na primeira fiada?

E – Para acompanhar a parede e encher a parede. Como o tijolo fazia isto [ficava inclinado], unia às pontas e ficava um bocadinho aberto [em baixo] para fazer a volta, depois era todo acompanhado em volta. E aquela parte que ficava mais alta era depois corta para fazer a *boca-de-lobo*, que era para travar. A *boca-de-lobo* é que trava a abobadilha.

I – E o sistema das fiadas, como é que se iam colocando?

E – O sistema das fiadas..., começasse aos cantos. Num qualquer, a qualquer canto. Põe-se um tijolo de um lado, um tijolo do outro [do canto], depois vai fazer o outro canto. E depois pode fechar o canto mais estreito, como outro, depois vai indo fechando-a assim em volta. Os cantos sobem sempre que é para ir alinhando com o fio.

I – Quer dizer que os cantos vão sempre à frente?

E – Os cantos vão sempre à frente e estas abóbadas são sempre marcadas com volta abatida.

I – Qual eram as medidas e contas que tinham que fazer para marcar nas paredes?

E – A conta era consoante a volta que nós queríamos dar. Se fosse um corredor quase não marcava nada. Era uma coisa estreita, quando fosse fechar o fio já estava.... Agora sendo uma casa aí com 3 metros ou coisa assim parecida, agente marcava a volta com 60 ou 65 cm, depois era marcada na parede uma volta abatida. Estendia-se um fio na parede de ponta a ponta, com esses 60 cm mais alto. Pregava-se um fio e depois, aos cantos, ia marcar-se uma volta abatida. Nestes cantos [as pontas do fio] encolhe um bocadinho, tem que se calcular quanto é que se tem

que encolher o ponto e depois faz assim, não vai arredondado, descreve assim uma curvazinha e vai descrevendo a volta. E depois vem-se puxando o fio com um prego desde um canto até ao centro. É assim que se marcava a abobadilha, nas casas quadradas, rectangulares, pouco mais ou menos.

I – Isso era para todo o tipo de abobadilhas?

E – Era capaz de ser. Normalmente as abobadilhas eram todas de volta abatida. Há um tipo de abobadilha que nunca cheguei a fazer, que era aquele tipo de abobadilha, mas tem outro sistema que faz o mesmo..., são marcadas da mesma maneira mas faz 4 ângulos, essas nunca cheguei a fazer. Não sei como é que é [o Sr. Manuel Fialho refere-se à abóbada de lunetas]. Agente até pode ir ver, está aqui perto. Estas não necessitam de ser espedadas. Agente vai cortando o tijolo e vai..., estas não precisam de estrado. As de volta perfeita é que precisam de estrado porque às tantas elas [caem]...

I – Sim, mas como agora se usam andaimes, na altura usariam agora para se apoiarem.

E – Sim, usava-se um apoio.

I – Quer dizer que essa boca-de-lobo só se usava nos cantos?

E – Pois, só nos cantos é que se usa a boca-de-lobo. E o fecho daquilo, quer seja no canto mais largo ou no mais estreito, vai-se dando sempre, vai ficando sempre uma voltazinha. Cada fiada dá-se um..., vai-se fazendo, pode até pôr-se um fio, e vai-se abrindo um bocadinho. Conforme for o comprimento da casa, abre-se além uns 2 cm, ou 2,5, convém ir abrindo lentamente. E ao chegar ao fecho começa-se a fechar de um canto para o meio e do outro canto para o meio, para o fecho ser sempre ao meio. E quando fecha ao meio o tijolo é corto, assim à laia [com a forma de] cunha, que é para entrar na outra parte. Era todo cheio de gesso de um lado e do outro.

I – Seguravam o tijolo só com o gesso? Como é que faz?

E – Rápido. Era amassar o gesso e pegar em 3 pontinhos de gesso. Pôr um em cima, um ao meio e outro em baixo: 1,2 e 3 topos. É pôr, dar um toque e deixar. É pegar, olhar e deixar. Agente olha mais ou menos pelo outro fio, ou por o outro tijolo que está por baixo. Agente olha e troce e pronto. Se bate demais arranca, não só aquele [tijolo] como pode arrancar mais. E ao arrancar mais pode dar origem à abobadilha vir abaixo.

I – Não usam um fio?

E – Os fios é que trabalham nas abobadilhas, mais nada.

I – Quer dizer que à medida que vão levantando o fio vai...

E – O fio do canto..., já está posto o fio de cima com a [altura da] volta feita na parede, depois o fio do canto, os fios dos cantos (só se utilizam 2), levanta-se deste lado, levanta-se do outro, muda-se este para este lado e o outro para o outro, que é para levantar os mesmos cantos e depois é que se vai fazendo. Mas também não se pode levantar muito. Em se sentindo..., levanta-se além 2 ou 3 fiadas, não se pode levantar mais que essas. É conveniente começar a carregar, aos cantos e um bocadinho ao meio, no outro lado faz o mesmo, que é para quando começarmos outra vez [a colocar os tijolos] nos cantos sentirmos que a abobadilha está firme. Não está nervosa. Quando ela..., agente bate e ela sentir-se assim um bocadinho trémula é porque alguma coisa está mal. Então está sujeito agente ficar com ela em cima do andaime.

I – Em vez de gesso nunca viu utilizar-se outro tipo de argamassa?

E – Aqui na vila [de Vidigueira] só se utilizou o gesso, pelo menos que eu tive conhecimento. Nunca trabalhámos..., em todas as abobadilhas que fizemos foi só com gesso. Por vezes, quando as abobadilhas seriam maiores, também se misturava um bocadinho de cal no gesso. Cal em massa [em pasta], cal de caiar. Isto era para que o gesso não secasse tão rápido. E havia outro sistema. No Inverno por vezes o gesso tinha que ser aquecido, porque em estando o tempo muito frio, o gesso estava frio, e se não fosse aquecido não tinha força suficiente para secar nos tijolos na altura devida e depois davam-se resultados imprevistos. Agora caía um [tijolo] e logo caía outro. Depois começou-se a ver que era o gesso... Quer dizer, fazia-se um bocado de gesso e ficava ali à parte para ver o tempo que o gesso demorava a secar. Às vezes fazia-se essa experiência. Em levando muito tempo tinha que pôr-se em cima de um bidão para o gesso secar e com um lumezinho por baixo e ele aí já tomava força e já se trabalhava com o gesso à vontade.

I – E depois para o fecho dessa abobadilha. Qual o desenho que se fazia?

E – Fechava-se um canto que vinha subindo; ia circulando sempre em volta. Fazia-se sempre em volta, sempre das pontas para o meio, que era para o fecho ser ao meio, ou um pouco mais ou menos sempre ao meio e com um bocadinho de volta. Porque a abobadilha não convinha vir com o tijolo a direito. Porque se viesse a direito, com o carrego e com alguma flexibilidade que ela pudesse vir a ter, que elas todas têm, a dar um aperto, ela pode meter um bocadinho para dentro [abater]. E ao meter para dentro, se ela já estiver a direito a copa, como se chama a copa a direito, dava origem a que ela mete-se para dentro. E assim se ficar com 2 cm, ou 3, metida para fora, com o carrego ela aperta e une. Nunca dá origem a que fique para baixo.

I – E o tipo de rebocos que se usavam?



E – Naquela altura era cal branca. Dávamos um enchimento de cal branca com areia. Areia um bocadinho mais grossa. Depois dava-se com uma massa um bocadinho mais fina e passava-se além com uma talocha. Havia..., não era esponja, que naquele tempo não havia esponja, era uma *desempenadeira* assim arredondada. Hoje há de tudo um pouco, há um bocadinho de esferovite, de esponja, há outros tipos. Naquela altura tínhamos só aquele tipo. Fazíamos com uma *desempenadeira* arredondada, recortada assim aos cantos para fazer assim os cantos das arestas e pronto. Com essas *desempenadeiras* íamos passando. Levava imenso tempo a fazer. Hoje as coisas são mais fáceis e mais rápido.

I – Esses eram os tectos que se usavam cá, e as coberturas? Eu sei que fez uma, que eu saiba, recentemente, em folha de madeira.

E – Naquela altura fazia-se. Fiz uns quantos. Havia muita gente a fazer. Antes até começou a haver canas. Depois é que começou a haver folha que era mais [melhor]..., porque não havia as abobadilhas, começou a haver folhas [como forro]. O pessoal estava tudo mais resguardo. Depois com o aparecimento das abobadilhas deixou-se de utilizar a folha e começou a utilizar-se a ripa [*ripa-de-salto-de-rato*]. Depois era a ripa que era mais económico. A abobadilha era feita por baixo e fazia-se menos despesa.

I – Como é que se fazia o tecto de cana?

E – As canas eram limpas...

I – Primeiro tinham que ir colhê-las?

E – A cana íamos colhê-la, era uma cana normal daquelas que crescem aí nos barrancos. Íamos lá e colhíamos a cana, eu nunca cheguei a ir colher, mas as pessoas iam lá e colhiam a cana. Depois íamos pondo a cana voltando meia dúzia para um lado e outra meia dúzia para o outro, porque a parte de baixo é mais grossa que a parte de cima. Então voltávamos umas para um lado e outra para outro e íamos voltando assim. Quer dizer, não tinha número certo. Para mais ou menos chegar sempre certo, a chegar ao centro da casa, onde estava a trave, ver-se as canas alinhadas com a trave [ou com a parede]. Depois, chegado até aí, pregávamos uma ripa neste pau [caibro], uma ripa no outro e eram pregadas aos paus e seguíamos até acima. Depois com uma serra acertávamos as canas à face da parede que era para levar as telhas em cima e ficavam as coberturas assim.

I – E em cima das paredes? Também colocavam ripas?

E – Em cima da parede não. Existia um pau à rés da parede e as canas sobrepunham à volta de 5 cm em cima da parede que era para, havendo alguma inflamação ou as canas mirrarem ou não

sei o quê, porque as canas algumas ainda estavam verdes, depois de mirrar para não estalar, porque o que se utilizava era barro, na altura não havia grandes influências para assentar as telhas e assentar...

“”

I – A que distância ficavam as ripas umas das outras?

E – Ficavam para aí de 8 em 8 cm. O compasso. Assim uma mão-travessa. Em ficando as ripas muitas largas dá origem a pessoa quando dá por isso..., pode cair a telha e tem que meter uns cacos até apanhar lá a outra ripa, ou ao meter o pé pode aleijar. Porque até tenho ali [na obra em que está a trabalhar] buracos entre as ripas deste tamanho [mais que 8 cm], em que cabe lá o pé. Já me aconteceu noutros locais, também por as ripas já estarem um pouco pobres, aleijar as canelas.

I – E o forro de folha, quais são as dimensões?

E – A folha é sobreposta. Sobre põe 2 cm, ou 2,5 cm. Começasse sempre de baixo para cima. Depois vai sobrepondo sempre 2 ou 2,5 cm. Isto é para quando a folha começar a mirrar, porque mirra sempre, dentro desses 2,5 cm acaba por nunca se ver a greta entre as ripas.

I – Os barrotes de madeira colocavam-se a que distância uns dos outros?

E – De 50 em 50 cm. O sítio era marcado e depois cavava-se um bocadinho [a parede] e levava um barrote á volta da parede. Normalmente era de 50 em 50, podia ser de 52, mas o normal é 50 cm. Depois abria-se uma caixazinha na parede, fosse como fosse, uma parede de taipa, abria-se uma caixa na parede. Se fosse uma parede de tijolo não havia necessidade de abrir nenhuma caixa na parede. Fazia-se o seguinte, o telhado ficava de certa altura, os paus começava a assentar numa parede e depois logo se fazia o acompanhamento com lambazes. Encostava-se um lambaz deste lado, outro do outro e um pouco de massa por cima [do barrote de madeira] e assim se ia acompanhando a parede e pronto. Os paus eram mais ou menos da grossura do lambaz, com 8 cm. Ora 8 cm mais a folha, 9 ou 10. O lambaz era 7, 5/8 mais a massa de barro ou qualquer coisa e pronto. Depois ia encostando naquela fiada, era como isto, a ripa montou aqui, ia montando, e depois continuava. Os lambazes iam encostando.

I – E os beirais?

E – Então os beirais eram em telha Com a telha voltada ao contrário. Enquanto nós pomos a telha com a parte larga para cima, quando era o beiral procurava-se uma telha que fizesse uma curva ao contrário e depois a parte larga ficava para a frente e a parte estreita para trás. Depois

ia-se pondo com a parte larga para cima, só as do beiral é que eram para baixo. E as [telhas] cobrideiras era ao contrário. A parte estreita para a frente e a parte de trás, cortava-se os cantos da parte larga e depois seguia com a parte estreita para a frente.

I – E os beirais?

E – As composturas? Pode fazer-se um beiral com as telhas voltadas para baixo, a telha é voltada para baixo e depois leva um *meio fio* e outra voltada para cima. Depois desse beiral estar todo feito põe-se um meio fio e depois põe as outras ao contrário. Isso vai dar mais saliência ao beiral, vai fazer com que... Enquanto deixamos à volta de 15 cm para um beiral, assim já vem para 30 cm e a água..., quando os telhados são mais altos com um beiral de 15 cm a água ficava muito agarrada à parede e a água escorria em cima da parede, e fazendo esse processo, vinha para 30 cm já não dava as águas, mesmo as águas mortas, não escorrerem em cima da parede.

I – Depois disso era tudo acompanhado com areia e cal?

E – Nessa altura era sempre tudo acompanhado com areia e cal. Cal branca, areia..., depois começou a aparecer a cal hidráulica que dava outra consistência à massa, juntamente com a cal branca. Os cimentos, já na altura os havia, mas usava-se pouco. Como se fazia tudo à base de tijolo eles apertavam uns contra os outros, hoje é que é vigas e essas coisas, é totalmente diferente, é só cimento.

I – E havia beirais mais simples.

E – Isso era feito com uma fiada de tijolo, ou de lambaz, e outras vezes era ladrilho e depois punha-se um beiral em cima. Esse ladrilho também tinha 30 cm, assentando esse ladrilho, era carregado atrás e o balanço ficava com 15 cm. Depois, com a telha, dava-se mais um 20 cm de balanço ao beiral. Depois, como a telha também fazia peso no ladrilho, nunca dava origem a haver o beiral a debruçar-se. A outra telha, a cobrideira, também levava massa. Era sempre uma coisa que havia um certo carregamento atrás que nunca deixava cair. Ficava um beiral de 35 cm. Um telhado de uma casa de rés de chão ficava com um beiral com um balanço de 35 cm.

I – também havia outro tipo de coberturas, com o tijolo de meia?

E – Esse telhado era feito com uns paus aparelhados, ou a 1 face, e depois levava um bocadinho de cal branca em cima dos paus e depois eram postos os tijolos, de baixo para cima, até chegar ao topo e depois a pessoa era só pôr as telhas em cima dos tijolos.

I – Porque é que se usavam esses tijolos?

E – Supõem-se que seria por tornar a casa mais fresca. Na altura o tijolo seria barato para quem tinha mais posses, e havia muita gente a vender, pronto achava-se que era uma compostura. As dimensões dos tijolos era de 16x32 cm, este era mais delgado este podia ter 2 cm. Era mais frágil. Quer dizer, qualquer um é frágil, não se podia era pôr o pé fora do barrote. Porque em pondo o pé fora do barrote está sujeito ao tijolo partir-se a pessoa magoar-se. Por vezes até usavam estes tijolos para fazer acabamentos de muros. Era mais para adornos. Nunca usei muito mais esses tijolos, mas como era mais frágil, acho que seria mais para essas coisas.»

DVD com as entrevistas aos Srs. António Faísco (1ª parte), António João Trole (abobadilha alentejana) e José Luís Faísco (1ª e 2ª partes).

Anexos:

3ª Parte

Quadro 4 – Registo das matrizes prediais urbanas do Serviço de Finanças de Vidigueira, edifícios registados até ao ano de 1940

Rua	Nº da matriz predial urbana e nº de policia	Pisos	Comp.	Dep.	Forno	Função	A. C.	A. D.	Total
Santa Clara	1/demolido(nº5,7,9)	r/c	12	2		H	608	1231	1839
Santa Clara	2/demolido(nº 13,15)	r/c	6	3		H	357	529	886
Santa Clara	3,nº17,19	r/c	5	3		H	121	130	251
Santa Clara	4/2639,nº21/demolido	r/c	6	1		H	132	110	242
Santa Clara	5,nº23	r/c	4	1		H	67	42	109
Santa Clara	6,nº25	r/c	5	1		H	61	30	91
Santa Clara	7/3089,nº27	r/c	5	1		H	120	168	288
Santa Clara	8/1893,nº29,1894,nº31?-E.S. Clara-O Castelo	r/c	6	/		H	102	217	319
Santa Clara	9,nº33	r/c	3	1		H	57	90	147
Santa Clara	10,nº35	r/c	9	/		H	150	132	282
Santa Clara	11/3080,nº37;2873,nº39	r/c	8	4		H	227	88	315
Santa Clara	12,nº41	r/c	6	5		H	162	96	258
Santa Clara	13,nº43	r/c	6	/		H	85	170	255
Santa Clara	14,nº45	r/c	6	2		H	146	137	283
Santa Clara/da Torre	15/2560,nº47,47-A/2636,nº16,16-A	r/c	3	1		H	52	194	246
Santa Clara	16/1977,nº49,49-A	r/c	6	/		H	95	195	290
Santa Clara	17,nº57	r/c	6	/		H	95	100	195
Santa Clara	18,nº61?	r/c	9	/		H	120	125	245
Santa Clara	19,nº63	r/c	4	/		H	73	98	171
Santa Clara	20/2200,nº67;2201,nº65	r/c	5	1		H	136	120	256
Santa Clara	21/2023,nº65	r/c	6	1		H	108	106	214
Santa Clara	22/2124,nº53	r/c	6	1		H	83	90	173
Santa Clara	23/3291,nº55;3290,nº55	r/c	5	1		H	106	137	243
Santa Clara	24/2674,nº69	r/c	6	1		H	118	164	282
Santa Clara	25/1322,nº4?	r/c	1	/		H	80	/	80

Santa Clara	26/1303,nº6	r/c	5	2		H	102	50	152
Santa Clara	27,nº8	r/c	3	/		H	53	145	198
Santa Clara	28,nº10	r/c	6	5		H, C	178	81	259
Santa Clara	29/2796,nº14	r/c	9	4		H	266	220	486
Santa Clara/do Castelo	30/1682,nº20,20-A; 3138,nº6,8;3077,nº16/10	r/c	9	7		H, I	259	168	427
Ver este	31/3142,nº22	r/c	8	2		H	147	171	318
Santa Clara	32/1867,nº24	r/c	4	/		H	58	62	120
Santa Clara	33/1484,nº28?;1485,nº26?	r/c	9	2		H	179	201	380
Santa Clara	34,nº30?	r/c	6	2		H	112	135	247
Santa Clara	35,nº32?	r/c	4	1		H	68	82	150
Santa Clara	36/demolido	r/c	4	1		H	76	101	177
Santa Clara	37/2367,nº34;1933,nº36	r/c	6	1		H	110	90	200
Santa Clara	38/2316,nº38	r/c	6	/		H	80	258	338
de Santa Clara/Trav. Santa Clara	39/1567,nº42;2301,nº42-A/2429,nº9	r/c	6	1		H	102	247	349
Santa Clara	40,nº44,44-A	r/c	6	2		H	108	230	338
Santa Clara	41,nº44-A	r/c	2	/		H	31	/	31
Santa Clara	42,nº48	r/c	3	/		H	38	137	175
Santa Clara	43,nº50	r/c	3	/		H	70	98	168
Santa Clara	44,nº52	r/c	5	2		H	111	119	230
de Santa Clara/das Eiras	45/2567,nº54/2568,nº28;2569,nº30	r/c	6	/		H	93	470	563
Santa Clara	46,nº56?	r/c	4	/		H	80	160	240
Santa Clara	47/2735,nº58	r/c	5	3		/	185	236	421
Santa Clara	48/1615,nº60?;2143,nº62	r/c	6	/		H	108	410	518
Santa Clara	49,nº64?	r/c	5	1		H	88	72	160
Santa Clara	50/1723,nº70?-N Nova das Hortas-O Santa Clara; 2166,nº68	r/c	3	1		H	62	257	319
Santa Clara/Nova das Hortas	51/1757,nº72?/1758,nº26	r/c	5	/		H	108	170	278
Santa Clara (Fialho de Almeida?)	52/2405,nº74;2438,s/n(nºs 31,33,33-A);	r/c	6	2		H	128	870	998

do Marquês	79/2534,nº15,15-A,17	r/c	6	2		H	138	82	220
do Marquês	80/2221,nº23-A;2235,nº23	r/c	11	2		H	292	214	506
do Marquês	81,nº25	r/c	6	/		H	75	26	101
do Marquês	82,nº27,29	r/c	8	2		H	145	241	386
do Marquês	83/2901,nº31	r/c	6	4		H	153	90	243
do Marquês	84/2905,nº33	r/c	4	1		H	76	64	140
do Marquês	85/2905,nº33	r/c	4	1		H	78	72	150
do Marquês/Trav. Santa Clara	86/2253,nº35; 2254,nº37;3073,nº39/1889	r/c	8	7		H	242	124	366
do Marquês	87,nº41	r/c	7	3		H	221	198	419
do Marquês/da Matriz	88/1910,nº2,4,(4-A)6/8-A	r/c	7	4		H e l	263	464	727
do Marquês	89,nº10	r/c	5	1		H	120	126	246
do Marquês	90/2944,nº12	r/c	5	1		H	106	150	256
do Marquês	91,nº14	r/c	7	2		H	129	119	248
do Marquês	92,nº16	r/c	5	1		H	106	136	242
do Marquês	93/2733,nº18-A;2734,nº18	r/c	6	1		H	147	144	291
do Marquês	94/1469,nº20	r/c	5	1		H	95	114	209
do Marquês	95,nº22	r/c	4	1		H	103	136	239
do Marquês	96,nº24	r/c	5	4		H	191	50	241
do Marquês	97,nº26	r/c	4	2		H	76	38	114
do Marquês	98/1749,nº30/2329,nº28	r/c	7	/		H	82	46	128
do Marquês	99/demolido,nº32,34	r/c	6	/		H	81	85	166
do Marquês	100/2625,nº36	r/c	5	1		H	78	72	150
Travessa de S. Clara	101	r/c	1	/		Att.	26	/	26
de Portel	102/2113,nº1,3;2115,nº9; 2240,nº7;2191,nº5	r/c	9	1		H e C	588	157	745
de Portel	103/2072,nº11;2073,nº13	r/c	6	1		H	120	103	223
de Portel	104,nº15?	r/c	6	1		H	109	117	226

de Portel	105,nº19	r/c	9	1	H	144	93	237
de Portel	106/2885,nº21	r/c	6	3	H	159	114	273
de Portel	107/2672,nº23;2673,nº21-A	r/c	8	3	H	239	170	409
de Portel	108/1649 demolido(25)/2267,nº27	r/c	9	3	H	226	48	274
de Portel	109/3303,nº29,31	r/c	3	/	H	103	/	103
de Portel	110/garagem a sul das ruas das Eiras, de bico	r/c	1	/	Tab.	28	/	28
de Portel	111/2490,nº41	r/c	4	/	H	72	72	144
de Portel	112	r/c	6	2	H	185	109	294
de Portel	113	r/c	4	1	H	72	52	124
de Portel	114,nº47	r/c	4	3	H	98	245	343
de Portel	115	r/c	4	/	H	48	84	132
de Portel	116,nº53,55	r/c	5	3	H	143	182	325
de Portel	117/1813,nº59	r/c	1	/	I	64	556	620
de Portel	118/Escola Profissional, nº 2,4,6	r/c, 1º	28	15	H	784	355	1139
de Portel	119/2546,nº8,8-A(nº 10,12,12-A)	r/c	10	5	H	233	418	651
de Portel	120/2505,nº16;2736, nº 18,14	r/c	9	3	HeC	202	338	540
de Portel	121/demolido(nº 20,20-A,19?)	/	7	5	/	190	182	372
de Portel	122/1466 demolido(nº 22?,24?); 1467,nº26?,28?	r/c	6	/	H	112	240	352
de Portel	123/2284,nº32;2404,nº30	r/c	5	1	H	112	77	189
de Portel	124/1921,nº34;2849,nº36	r/c	4	1	HeC	83	26	109
Largo da Matriz	125/1549,nº10,12,14	r/c	5	5	H	213	192	405
Largo da Matriz	126/1549,nº10,12,14	r/c	6	3	H	188	229	417
Luis Vaz de Camões	127,nº4	r/c	8	1	H	/	/	/
Luis Vaz de Camões	128	r/c	7	3	H	152	108	260
Luis Vaz de Camões	129/2249,nº8	r/c	8	2	H	191	264	455
Luis Vaz de Camões	130,nº12,14	r/c	9	1	HeC	192	54	246

Luis Vaz de Camões/do Frade	131/2385,nº16/2488,nº8,6-A	r/c	8	1		H	131	72	203
Luis Vaz de Camões/do Frade	132/3296,nº22;2385,nº16/2488,nº8	r/c	5	/		H	72	70	142
Luis Vaz de Camões	133/3296,nº22	r/c	5	3		H	125	60	185
Luis Vaz de Camões	134/1841;1842;nº24,26	r/c	8	1		H	152	133	285
Luis Vaz de Camões	135,nº28	r/c	4	2		H	130	23	153
Luis Vaz de Camões	136/2855,nº32;2856,nº30	r/c	9	8		H	345	162	507
Luis Vaz de Camões	137/2435,nº34	r/c	6	4		H	215	230	445
Luis Vaz de Camões	138,nº36	r/c	7	3		H	147	88	235
Luis Vaz de Camões	139,nº38	r/c	8	4		H	222	139	361
Luis Vaz de Camões	140/1471,nº40?	r/c	4	2		H	115	172	287
Luis Vaz de Camões	141,nº42?	r/c	4	1		H	98	240	338
Luis Vaz de Camões	142,nº44	r/c	6	2		H	113	146	259
Luis Vaz de Camões/das Pocilgas	143/2414,nº48/2413,nº8	r/c	5	/		H	73	170	243
Luis Vaz de Camões	144/1620,nº54;2122,nº50;2092,nº52	r/c	8	4		H	180	170	350
Luis Vaz de Camões	145,nº56	r/c	6	1		H	114	43	157
Luis Vaz de Camões	146/2644,nº58	r/c	4	1		H	82	58	140
Luis Vaz de Camões	147,nº60,62 (?)	r/c	10	5		H	266	72	338
Trav. das Pocilgas	148/1717-E Pocilgas;2112,nº60(?); 2346,nº62	r/c	7	2		H	146	109	255
Luis Vaz de Camões	149/2348,nº64	r/c	6	3		H	165	133	298
Luis Vaz de Camões	150/2345,nº66	r/c	6	5		H	150	136	286
de Portel/Luis Vaz de Camões	151/2284,nº32;2404,nº30/2032,nº70	r/c	6	4		He I	200	127	327
Luis Vaz de Camões	152/2821,nº3	r/c	8	1		H	143	108	251
Luis Vaz de Camões	153,nº5	r/c	6	1		H	66	54	120
Luis Vaz de Camões	154,nº7	r/c	6	/		H	88	112	200
Luis Vaz de Camões	155/1313,nº9	r/c	5	/		H	97	121	218
Luis Vaz de Camões	156,nº11	r/c	1	/		/	18	/	18
Luis Vaz de Camões	157/3133,nº21?	r/c	6	1		He C	81	51	132

Luis Vaz de Camões	158-/demolido(nº1?)	r/c, 1º	13	5	H	228	187	415
da Matriz/Luis Vaz de Camões	159/1803-S Matriz-O Trv. Marquês; 1804,nº23	r/c	8	1	H	181	112	293
Luis Vaz de Camões	160,nº25?	r/c	9	4	H	254	115	369
Luis Vaz de Camões	161/2344,nº27	r/c	7	4	H	140	199	339
Luis Vaz de Camões	162/1291,nº29?	r/c	9	1	H	161	160	321
Luis Vaz de Camões	163/2282,nº31	r/c	8	5	H	237	90	327
Luis Vaz de Camões	164/1623,º33	r/c	6	3	H	168	145	313
Luis Vaz de Camões	165/3128,nº35	r/c	3	1	H	68	216	284
Luis Vaz de Camões	166/2202,n.º37	r/c, 1º	9	2	H	144	132	276
Luis Vaz de Camões	167/demolido	r/c	6	3	H	150	108	258
Luis Vaz de Camões	168/2491,nº41	r/c	6	/	H	102	144	246
Luis Vaz de Camões	169/demolido (nºs 43,43-A?)	r/c	7	1	H	168	170	338
Luis Vaz de Camões	170,nº45	r/c	7	3	H	152	75	227
da Boavista	171,nº1	r/c	9	2	H	126	140	266
da Boavista	172,nº3	r/c	10	4	H	265	165	430
da Boavista	173/2150,nº5	r/c	5	1	H	97	115	212
da Boavista	174/2161,nº7	r/c	6	1	H	97	115	212
da Boavista	175,nº9	r/c	9	4	H	261	142	403
da Boavista	176/2247,nº13;2248,nº8	r/c	6	1	H	102	270	372
da Boavista	177/1340;1341,n.º15 e 17	r/c	9	2	H	162	258	420
da Boavista	178/3362,nº19	r/c	7	3	H	199	210	409
da Boavista	179/2125,nº21	r/c	6	2	H	129	219	348
da Boavista	180,nº23	r/c	7	2	H	147	161	308
da Boavista	181/2145,nº25	r/c	4	1	H	68	72	140
da Boavista	182/1832,nº29;2424,nº27	r/c	7	2	H	143	189	332
da Boavista	183/2801,nº31	r/c	5	/	H	81	254	335
da Boavista	184/2218,nº33;2219,nº35	r/c	6	2	H	104	228	332

da Boavista	185/2105,nº37	r/c	4	1	H	207	98	305
da Boavista	186/3243,nº39	r/c	4	/	H	45	35	80
da Boavista	187,nº41	r/c	7	2	H	150	184	334
da Boavista	188/3123,nº43	r/c	5	2	H	124	204	328
da Boavista	189/2443,nº45-A;2444,nº45	r/c	5	1	H	95	205	300
da Boavista	190/1652,nº47;1653,nº49	r/c	6	/	H	103	205	308
da Boavista	191,nº53	r/c	4	1	H	88	115	203
da Boavista	192/1915,nº55	r/c	5	/	H	81	51	132
da Boavista	193,nº57	r/c	2	2	H	66	99	165
da Boavista	194/2425,nº4	r/c	3	/	H	31	6	37
da Boavista	195	r/c	3	/	H	33	21	54
da Boavista	196/1426,nº12?	r/c	12	4	H	295	230	525
da Boavista	197,nº16	r/c	9	/	H	92	88	180
da Boavista	198,nº18	r/c	8	1	H	92	88	180
da Boavista	199,nº20	r/c	6	1	H	88	84	172
da Boavista	200,nº22	r/c	6	/	H	75	56	131
da Boavista	201,nº24	r/c	6	3	H	132	88	220
da Boavista	202/2268,nº26-A;2609,nº26	r/c	6	/	H	88	48	136
da Boavista	203,nº28,30	r/c	5	1	H	86	66	152
da Boavista	204,nº32	r/c	6	/	H	100	80	180
da Boavista	205,nº34	r/c	6	/	H	108	216	324
da Boavista	206,nº36	r/c	5	/	H	82	162	244
da Boavista	207,nº38	r/c	4	1	H	83	185	268
da Boavista	208,nº40	r/c	4	/	H	76	153	229
da Boavista	209/2101,nº42		5	3	/	102	161	263
da Boavista	210,nº44	r/c	5	/	H	83	104	187
da Boavista	211/1416,nº46?	r/c	5	1	H	84	130	214

da Boavista	212,nº48?	r/c	3	/	H	52	90	142
da Boavista	213/2132,nº54;2133,nº52;2134,nº50	r/c	5	/	H	115	273	388
da Boavista	214,nº56	r/c	4	1	H	80	283	363
da Boavista	215,nº58	r/c	5	1	H	106	192	298
da Boavista	216/1774,nº?(60,62)	r/c	5	1	H	85	176	261
da Boavista	217/2579,nº66	r/c	2	1	H	52	220	272
da Boavista	218/3368,nº68;3367,nº70	r/c	6	2	H	123	225	348
das Pocilgas	219,nº4	r/c	7	1	H	140	104	244
das Pocilgas	220,nº6?	r/c	4	2	H	109	43	152
Travessa do Pombalinho	221	r/c	3	/	H	56	2088	2144
Travessa do Pombalinho	222/demolida	r/c	4	2	H	84	84	168
do Pombalinho	223/1543,nº4;3108,nº6	r/c	3	/	H	53	235	288
do Pombalinho	224/2953,nº8;2954,nº10	r/c	3	/	H	53	235	288
do Pombalinho	225/3328,nº12?;14?,16?	r/c	1	/	H	53	235	288
do Pombalinho	226/2156,nº5;2157,nº3	r/c	3	1	H	64	179	243
Largo de S. Francisco	227,nº8	r/c	10	2	H	182	100	282
Largo de S. Francisco	228,nº7	r/c	7	1	H	112	20	132
Largo de S. Francisco	229,nº6	r/c	3	1	H	72	80	152
Largo de S. Francisco	230,nº5	r/c	4	1	H	104	44	148
Largo de S. Francisco	231,nº4	r/c	4	/	H	52	46	98
Largo de S. Francisco	232/3309,nº3	r/c	4	1	H	91	80	171
Largo de S. Francisco	233/2123,nº1	r/c	4	1	H	71	37	108
Largo de S. Francisco	234	r/c, 1º	7	3	Igreja	325	*1290	1615
de S. Francisco	235/casa ao lado sul da Garagem do Padre	r/c	3	1	H	57	10	67
de S. Francisco	236/[casa dos Jeová]	r/c	3	/	H	40	10	50
Nova do Sul	237/3306,nº17	r/c	1	/	Lagar	260	/	260
do Matadouro (?) Nova do Sul	238/2641,nº4-B	r/c	/	2	/	36	36	72

S. Francisco	239,nº5	r/c	5	1	H	74	19	93
S. Francisco	240,nº3	r/c	5	/	/	77	30	107
do Carmo	241/2266,nº24	r/c	6	1	H	126	502	628
do Carmo	242,nº20?	r/c	6	/	H	99	504	603
do Carmo	243/1734,nº18	r/c	3	1	H	52	580	632
do Carmo	244/1413,nº16?-N Carmo; 1414,nº14	r/c	5	2	H	95	191	286
do Carmo	245/2415,nº12	r/c	6	1	H	111	88	199
do Carmo	246,nº8,10	r/c	5	2	H	120	165	285
do Carmo	247/demolido (casa do Covas)	r/c	8	/	H	156	381	537
do Carmo	248,nº4	r/c	6	2	H	142	189	331
do Carmo	249/3343,nº2	r/c	9	2	H	157	95	252
do Carmo	250/1324,nº1	r/c	1	/	/	60	/	60
do Carmo	251	r/c	4	1	H	64	54	118
do Carmo	252/2215,nº5;2495,nº7;2275,nº9	r/c	11	/	H	200	100	300
do Carmo	253/2758,nº15	r/c	5	1	H	76	60	136
do Carmo	254/demolido	r/c	4	2	H	58	68	126
do Carmo	255,nº17	r/c	8	2	H	162	225	387
Nova do Sul	256,nº16	r/c	5	1	H	108	162	270
Nova do Sul	257, nº 12?, 14?	r/c	3		H	57	228	285
Nova do Sul	258/2170,nº10;2171,nº10-A	r/c	5	1	H	108	222	330
Nova do Sul	259/2437,nº8;2439,nº8-A?	r/c	4	1	H	108	280	388
Nova do Sul	260/1850,nº6?	r/c	3	/	H	50	280	330
Nova do Sul	261,nº4	r/c	1	/	/	42	/	42
Nova do Sul	262,nº19?	r/c	6	1	H	124	116	240
Nova do Sul	263/1645,nº13;2087,nº15	r/c	5	1	H	90	82	172
Nova do Sul	264,nº11	r/c	3	1	H	72	55	127
Nova do Sul	265,nº7	r/c	4	1	H	91	50	141

Nova do Sul	266/2211,nº5-A;2172,nº5	r/c	4	1	H	119	42	161
Nova do Sul	267/2795,nº1;1596,nº3; 1597 E.Nova do Sul	r/c	3	1	H	58	60	118
Travessa da Torre	268/2637,nº1	r/c	3	/	H	42	120	162
Travessa da Torre	269,nº3	r/c	4	/	H	58	47	105
da Torre	270/2601s/n;2602,nº2	r/c	3	/	H	55	230	285
Trav. do Castelo	271,nº3?	r/c	3	/	H	55	412	467
Trav. do Castelo	272	r/c	1	/	/	51	/	51
Trav. do Castelo	273	r/c	1	/	/	62	/	62
do Castelo	274/1834,nº35;1835,nº33	r/c	5	1	H	97	180	277
do Castelo	275,nº37	r/c	5	1	H	124	293	417
do Castelo	276,nº39	r/c	2	2	H	47	398	445
do Castelo	277/1517,nº12;3101,nº12	r/c	4	/	H	72	162	234
do Castelo	278,nº14	r/c	4	/	H	57	87	144
do Castelo	279/3140,nº16-A;3141,nº16	r/c	6	/	H	84	130	214
do Castelo	280/2354,nº18	r/c	6	/	H	91	130	221
do Castelo	281,nº20,22	r/c	6	/	H	95	119	214
do Castelo	282,nº11	r/c	4	1	H	84	72	156
do Castelo	283/2785,nº13	r/c	4	1	H	78	57	135
do Castelo	284,nº15?	r/c	5	/	H	68	45	113
do Castelo	285/2785,nº13	r/c	6	1	H	67	22	89
do Castelo	286/2141,nº19,21	r/c	6	1	H	111	96	207
do Castelo	287/1563 N Castelo; 1564,nº25? N Castelo	r/c	6	/	H	90	110	200
do Castelo	288/demolido	r/c	6	1	H	92	115	207
da Cisterna	289,nº14	r/c	5	2	H	72	46	118
da Cisterna	290/1844 demolido; 1979,nº12;1978,nº10	r/c	8	/	H	135	195	330
da Cisterna/Nova das Hortas	291/2225,nº6/3000,nº8	r/c	8	/	H	135	210	345

da Cisterna	292,nº4	r/c	4	1	H	80	35	115
da Cisterna	293,nº35,37?	r/c	6	3	H	145	168	313
da Cisterna	294/1337,nº31;1338,nº33	r/c	8	2	H	160	190	350
da Cisterna	295,nº27		6	2	/	157	255	412
da Cisterna	296/2162,nº27;2163,nº25;2242,nº23	r/c	6	1	H	104	374	478
da Cisterna	297/demolido (acesso ao Castelo)	r/c	7	2	H	120	408	528
da Cisterna	298,nº17	r/c	3	/	H	52	186	238
da Cisterna	299,nº15,17	r/c	3	/	H	52	186	238
da Cisterna	300	r/c	5	1	H	108	420	528
da Cisterna	301/2941,nº11,9	r/c	5	1	H	66	180	246
da Cisterna	302,nº9,11	r/c	4	1	H	60	187	247
da Cisterna	303,nº7	r/c	5	1	H	77	18	95
da Cisterna	304/2231,nº5	r/c	5	1	H	95	170	265
da Cisterna	305/3431,nº3	r/c	4	3	H	58	60	118
da Cisterna	306,nº1	r/c	4	1	H	84	93	177
Largo da Cascata	307	r/c	1	/	/	25	/	25
Largo da Cascata	308,nº10	r/c	1	/	/	50	/	50
Largo da Cascata	309/2417,nº6	r/c	4	1	H	113	22	135
Largo da Cascata	310/3354,nº29;1858 demo.	r/c, 1º	12	10	H	288	135	423
Largo da Cascata	311	r/c	4	1	H	85	55	140
Largo da Cascata	312/2524,nº17	r/c	5	1	H	66	26	92
Largo da Cascata	313/2524,nº17	r/c	5	/	H	65	75	140
Largo da Cascata	314/2524,nº17	r/c	4	1	H	72	23	95
Largo da Cascata	315/2524,nº17;2420,nº21	r/c	16	4	HeI	611	214	825
Largo da Cascata	316/2524,nº17	r/c	5	2	H	113	70	183
Largo da Cascata	317/2524,nº17	r/c	4	3	H	93	78	171
Largo da Cascata	318/demolido	r/c	8	4	H	197	63	260

Largo da Cascata	319/1497,nº5	r/c	5	2	H	80	62	142
Largo da Cascata	320,nº3?	r/c	6	/	H	81	46	127
Largo Frei António das Chagas	321/2514,n.º39,40; 2813,n.º42-Frac.A,n.º41 Frac.B	r/c	6	1	H	114	54	168
Travessa do Cotovelo	322/2204,nº6	r/c	4	1	H	62	19	81
Travessa do Cotovelo	323,nº6	r/c	4	/	H	64	26	90
Travessa do Cotovelo	324	r/c	4	2	H	77	111	188
Travessa do Cotovelo	325,nº12?	r/c	4	/	H	56	61	117
Travessa do Cotovelo	326/3304,nº14	r/c	4	1	H	52	15	67
Trav. do Cotovelo e rua da Cisterna do Olival	327/2929,nº16	r/c	6	1	H	107	33	140
do Olival	328,nº4	r/c	5	1	H	96	34	130
do Olival	329,nº6?	r/c	6	2	H	116	114	230
do Olival	330,nº8?	r/c	5	2	/	136	310	446
do Olival	331,º10?	r/c	5	1	H	111	297	408
do Olival	332/2004,nº12	r/c	5	1	H	108	270	378
do Olival	333,nº3	r/c	3	1	H	96	154	250
do Olival	334/2070,nº5	r/c	3	/	H	59	76	135
Travessa da Cisterna	335,nº7,9	r/c	5	1	H	112	228	340
Travessa da Cisterna	336	r/c	5	1	H	108	230	338
Travessa da Cisterna	337	r/c	6	1	H	123	104	227
Nova do Olival	338/2890,nº5	r/c	5	1	H	108	156	264
Nova do Olival	339,nº7	r/c	5	1	H	108	154	262
Nova do Olival	340/1552,nº4?;1553,nº4-A?	r/c	5	1	H	120	195	315
Nova do Olival	341,nº9?	r/c	6	/	H	102	141	243
Nova do Olival	342,nº6	r/c	4	1	H	123	221	344
Nova do Olival	343/2998,nº10;1491,2999,nº8,8-A?	r/c	6	2	H	180	323	503
Nova do Olival	344/2090,nº12;2079,nº14	r/c	5	1	H	117	208	325
Nova do Olival	345/2155,nº18	r/c	4	/	H	48	252	300

Nova do Olival	346	r/c	6	1	H	112	242	354
Nova do Olival	347	r/c	6	1	H	104	234	338
Largo Frei António das Chagas	348,nº38?	r/c	6	/	H	89	69	158
Largo Frei António das Chagas	349,nº37	r/c	4	3	H	98	72	170
Largo Frei António das Chagas	350/2030,nº36	r/c	7	2	H	112	68	180
Largo Frei António das Chagas	351/3003,nº35	r/c	8	6	H	210	51	261
Largo Frei António das Chagas	352,nº34	r/c	4	/	H	70	52	122
Largo Frei António das Chagas	353,nº32	r/c	8	2	H	170	126	296
Largo Frei António das Chagas/do Olival	354/2875,nº31/2898,nº2-A	r/c	4	2	H	114	163	277
Largo Frei António das Chagas	355,nº30	r/c	13	5	H	296	79	375
Largo Frei António das Chagas	356/1712,nº29,29-A;1737,nº28,28-A	r/c	53	/	H	156	132	288
Largo Frei António das Chagas	357/2919,nº26;2920,nº27	r/c	6	2	H	150	126	276
Largo Frei António das Chagas	358/2681,nº25-A;2682,nº25	r/c	8	1	H	174	165	339
Nova do Olival	359/1873,nº22? -23? 1874-N Nova do Olival-S Trv do Olival	r/c	9	3	HeI	308	237	545
Nova do Olival	360,nº21?	r/c	9	1	H	163	134	297
Largo Frei António das Chagas	361,nº20	r/c	8	1	H	175	94	269
Largo Frei António das Chagas	362,nº19?	r/c	7	2	H	140	130	270
Largo Frei António das Chagas	363,nº18	r/c	6	2	H	141	74	215
Largo Frei António das Chagas	364/2293,nº15;2294,nº16	r/c	5	/	H	72	308	380
Largo Frei António das Chagas	365,nº14	r/c	6	1	/	110	276	386
Largo Frei António das Chagas	366/1700,nº11;1701,nº10	r/c	7	/	H	88	181	269
Largo Frei António das Chagas	367/1702,nº7,8,9	r/c	3	1	H	71	181	252
Largo Frei António das Chagas/Fialho de Almeida	368/2292,nº62;2952,nº64/2951,nº26-A	r/c	10	4	HeI	417	360	777
Largo Frei António das Chagas	369/3104,nº60;3105,nº59,59-A,59-B,61	r/c	8	4	H	286	419	705
Largo Frei António das Chagas	370,nº57,58	r/c	8	2	H	199	163	362
Largo Frei António das Chagas	371/1525,nº56,55,54	r/c	5	2	H	221	104	325

Largo Frei António das Chagas	372/2754,nº52,53	r/c, 1º	9	/		H	72	54	126
Largo Frei António das Chagas	373/1784-O Largo Frei;1387 (eliminado)	r/c	3	1		H	58	22	80
Largo Frei António das Chagas	374/1320/demolido	r/c	5	2		H	74	7	81
Largo Frei António das Chagas	375/2008,nº43	r/c	5	4		H	125	34	159
Largo Frei António das Chagas	376	r/c	5	1		H	76	14	90
Largo Frei António das Chagas	377/1728,nº77 -E Largo Frei; 1729,nº8?;	r/c	7	1		H	128	334	462
Largo Frei António das Chagas	1730-E Largo Frei	r/c	6	1		H	118	154	272
Largo Frei António das Chagas	378,nº5?	r/c	10	1		HeI	438	150	588
Largo Frei António das Chagas	379/1327,n.º2,3;1330,n.º4;1331,nº1	r/c	11	2		HeI	344	119	463
Largo Frei António das Chagas/das Olarias	380/1459,nº74?-O Largo; 1441 Demolido; 3009,nº73/2916,nº75,76 e 48	r/c	7	2		HeI	125	91	216
Largo Frei António das Chagas	381/1895,nº71;1896,nº72	r/c	4	1		HeI	102	39	141
Largo Frei António das Chagas	382/2507,nº70	r/c	6	4		HeI	177	77	254
Largo Frei António das Chagas	383,nº69	r/c	6	/		merc.	378*	/	708
Largo Frei António das Chagas	384	r/c	7	1		H	170	640	810
do Matadouro	385,nº11	r/c	8	3		HeI	240	2134	2374
do Matadouro	386/2010,nº2;2028,nº2-A;;2641,nº4-B;2937,nº6	r/c	4	1		H	108	350	458
do Poço da Figueira	387/2151,nº30,32	r/c	1	1		H	58	420	478
do Poço da Figueira	388/2515,nº26	r/c	6	2		H	153	340	493
do Poço da Figueira	389/2942,nº22-B,24	r/c	3	1		H	70	390	460
do Poço da Figueira	390/2831,nº18;2832,nº20	r/c	3	/		H	49	280	329
do Poço da Figueira	391/2222,nº16;2223,nº14	r/c	5	1		H	120	145	265
do Poço da Figueira	392/2513,nº12(10?)	r/c	2	/		H	100	116	216
do Poço da Figueira	393	r/c	6	/		H	97	77	174
do Poço da Figueira	394/1934,nº6,4	r/c	1	/		H	36	160	196
do Matadouro	395/2638,nº1	r/c	3	1		H	74	254	328
do Matadouro	396/demolido(nº9?)	r/c	3	1		H	63	310	373
do Matadouro	397/2678,nº17;2679,nº15	r/c	3	1		H	63	310	373

do Matadouro	398,nº19	r/c	3	1	H	108	78	186
do Matadouro	399/2570,nº21	r/c	3	1	H	72	142	214
do Matadouro	400/2168(ao Sul do nº34);2361,nº34		4	/	/	105	248	353
do Matadouro	401/demolido	r/c	3	/	H	56	150	206
Estrada de Cuba	402/2492,nº1	r/c	7	3	H	201	186	387
Estrada de Cuba	403/2936,n.º3	r/c	5	2	H	117	390	507
Estrada de Cuba	404,nº7,9	r/c	6	1	H	127	390	517
Estrada de Cuba	405/demolido(11,11-A?)	r/c	8	1	H	198	446	644
Estrada de Cuba	406/demolido(13,15?)	r/c	4	/	H	80	410	490
Estrada de Cuba/de S. João	407/2957,nº17;2958,nº19/1556,nº34	r/c	3	1	H	85	390	475
Estrada de Cuba/S. João	408/1349,nº21/3364,nº37,39	r/c	6	1	H	107	163	270
Estrada de Cuba	409/3409,nº25,25-A	r/c	3	/	H	50	225	275
Estrada de Cuba	410/1590,nº29;2071,nº27; 1592,nº29;1593,nº29	r/c	6	1	H	136	338	474
Estrada de Cuba	411,nº2	r/c	6	/	HeI	80	28	108
Estrada de Cuba	412/1906,nº4?	r/c	6	3	HeC	185	209	394
Estrada de Cuba/Poço da Figueira	413/3087,nº6/3088	r/c	11	1	H	227	307	534
Estrada de Cuba	414/1989,nº8;1990,nº10	r/c	4	1	H	93	794	887
Estrada de Cuba	415/1935,nº12,14	r/c	1	/	I	96	953	1049
Estrada de Cuba	416,nº16?	r/c	8	/	H	170	506	676
Estrada de Cuba	417/2384,nº18	r/c	8	2	H	255	655	910
Nova do Poço da Figueira/Estrada de Cuba	418/1655,nº27/1656,nº22; 1657;2827,nº26;2828,nº24	r/c	7	1	H	100	400	500
da Matriz	419/1550 N Matriz-S Trv Matriz- O Largo da Matriz	r/c	5	3	H	167	51	218
da Matriz	420/1550 N Matriz-S Trv Matriz- O Largo Matriz	r/c	4	3	H	138	38	176
da Matriz	421/1805-S Trv Matriz; 1806-E Trv Matriz	r/c	4	1	H	83	3	86
da Matriz	422/demolido	r/c	6	/	H	95	15	110

do Frade	423/3067,nº57,55	r/c	4	3		H	160	67	227
Travessa da Matriz	424,nº51?	r/c	5	2		H	150	75	225
Travessa da Matriz	425,nº49?	r/c	6	1		H	78	86	164
do Frade	426/2102,nº47	r/c	6	1		H	70	58	128
do Frade	427,nº45?	r/c	5	1		H	72	53	125
do Frade	428/2940,nº43	r/c	5	/		H	60	86	146
do Frade	429,nº41	r/c	2	/		/	29	/	29
do Frade	430/3177,nº37	r/c	2	/		H	30	/	30
do Frade	431/3177,nº37	r/c	7	2		H	102	126	228
do Frade	432/1825,nº35	r/c	5	1		H	72	90	162
do Frade	433,nº31,33	r/c	5	1		H	70	74	144
do Frade	434,nº31,33	r/c	6	5		H	125	99	224
do Frade	435,nº27	r/c	5	1		H	60	40	100
do Frade	436/demolido,nº25	r/c	7	/		H	67	49	116
do Frade	437,nº21	r/c	9	2		HeI	160	108	268
do Frade	438/2483,nº19;2485,nº17	r/c	6	2		H	110	243	353
do Frade	439/2483,nº19;2485,nº17	r/c	2	2		H	61	/	61
do Frade	440	r/c	4	/		H	61	19	80
do Frade	441/3149,nº11,13,15	r/c	3	1		H	67	44	111
do Frade	442/3149,nº11,13,15	r/c	2	/		/	44	/	44
do Frade	443/3149,nº11,13,15	r/c	2	/		/	38	/	38
do Frade	444/casa ao lado O do 7	r/c	1	/		Adega I	30	/	30
do Frade	445,nº7	r/c	5	2		H	91	18	109
do Frade	446/1746,nº5	r/c	5	/		H	70	49	119
do Frade	447/2217,nº3	r/c	4	/		H	43	53	96
do Frade	448,nº1	r/c	6	/		H	64	64	128
do Frade	449/1548,nº56?	r/c, 1º	18	9		HeI	418	140	558

do Frade	450/2783,nº54,54-A e 54-B	r/c	2	/	/	/	100	/	100
do Frade	451/2783,nº54,54-A e 54-B	r/c	4	1		H	81	44	125
do Frade	452/2783,nº52	r/c	5	/		H	64	56	120
Largo da Matriz	453/1892,nº50?	r/c	3	/		H	51	52	103
Largo da Matriz	454,nº17	r/c	8	3		H	159	59	218
do Frade	455,nº44?	r/c	7	1		H	104	15	119
da Frade/Trav da Matriz	456/2256,nº42/2255,nº13demolido	r/c	4	4		H	124	16	140
do Frade	457/2230,nº40	r/c	5	1		H	104	33	137
do Frade	458,nº38?	r/c	6	2		H	112	27	139
do Frade	459/2245,nº36	r/c	7	3		H	121	33	154
do Frade	460,nº34	r/c	3	4		H	60	26	86
do Frade	461,nº32	r/c	7	2		H	111	35	146
do Frade	462,nº30?	r/c	6	2		H	138	49	187
do Frade	463/3020,nº28	r/c	6	2		H	138	40	178
do Frade/dos Gregos	464/1589,nº22;2033,nº24/2034,nº42	r/c	15	8		H	299	219	518
do Frade	465,nº20	r/c	6	1		H	126	42	168
do Frade	466,nº18?	r/c	5	1		H	102	251	353
do Frade	467,nº12	r/c	5	3		H	81	43	124
do Frade	468,nº10	r/c, 1º	11	1		HeI	238	82	320
do Frade	469/2489,nº8	r/c	1	/		/	23	/	23
do Frade	470/2303,nº6	r/c	5	/		H	64	56	120
do Frade	471,nº4?	r/c	5	1		H	96	23	119
Largo da Cascata	472/2312,nº18;2976,nº16-1ºdireito;2314demolido	r/c	9	5		H	290	170	460
Largo cinco de Outubro/Frei António das Chagas	473/2911,nº6;2912 café cascata/3098,nº51,51-A	r/c, 1º	40*	/		H,CeI	1204	3992	5196
Largo cinco de Outubro	474,nº3	r/c	10	1		H	164	124	288
Largo cinco de Outubro	475/1783	r/c	28	11		H	950	7674	8624
Terreiro de S. Pedro	476/1752 demo.;2368,nº7	r/c, 1º	16	3		HeC	328	35	363

Largo cinco de Outubro	477,nº19?1ºandar	r/c, 1º	8	1	H	90	40	130
Largo Cinco de Outubro	478,nº19?1ºandar	r/c, 1º	9	1	H	68	21	89
Largo da Matriz/Largo Cinco de Outubro	479/1771,nº17;1772-O Largo da Matriz	r/c, 1º	12	11	H	344	175	519
Largo cinco de Outubro (herdade dos Alfaiates)	480/1584	r/c, 1º	12	/	H,C e I	170	45	215
25 de Abril	481/1791,nº37?	r/c	4	4	H	199	33	232
25 de Abril	482/1918,nº35;1919 [Casa do Cigarro]	r/c	7	5	H	273	288	561
25 de Abril	483/demolido	r/c, 1º	16	8	H	283	433	716
25 de Abril	484/demolido	r/c	1	/	Adega I	48	/	48
25 de Abril	485/demolido	r/c	4	/	H	36	30	66
25 de Abril	486/demolido	r/c	1	/	Adega I	30	/	30
25 de Abril/Trav. do Beco	487/2197,nº19;2341,nº19-C;2599,nº19-A/ 2600/Adega do Cigarro	r/c	13	9	He I	612	200	812
25 de Abril	488/2807,nº11 a 15	r/c, 1º	19	1	H	210	25	235
25 de Abril	489/3110,nº7;3111,nº5	r/c	14	6	H	724	243	967
25 de Abril	490,nº3 (casaõ do Galinho)	r/c	1	/	/	48	/	48
25 de Abril	491,nº1	r/c, 1º	9	2	H	191	58	249
25 de Abril/Largo 5 de Outubro	492/nº48/2888,nº21	r/c, 1º	11	3	H	133	35	168
25 de Abril	493/2098,nº42,44,46	r/c	8	4	H	185	102	287
25 de Abril	494/1594,nº38;1969,nº40?	r/c	6	8	H	283	130	413
25 de Abril	495,nº36	r/c, 1º	8	2	He I	154	56	210
25 de Abril	496,nº34	r/c	6	/	H	97	65	162
25 de Abril	497,nº30	r/c	7	/	H	123	182	305
25 de Abril	498,nº28	r/c	8	4	H	137	98	235
25 de Abril	499/demolido	r/c	4	1	H	67	28	95
25 de Abril	500/1529 S Brancos		5	1	Casa do Povo	89	29	118
25 de Abril	501/1529 S Brancos	r/c	4	/	H	70	24	94

25 de Abril	502/1529 S Brancos	r/c	8	1		H	140	120	260
25 de Abril	503,nº22	r/c	5	3		H	119	60	179
25 de Abril	504/demolido(29,31?)	r/c	9	3		H	211	120	331
25 de Abril	505/demolido	r/c, 1º	10	/		H	105	30	135
25 de Abril/dos Gregos	506/2359,nº12,14,16/ 2823,nº29;3002,nº27	r/c, 1º	22	6		HeI	523	415	938
25 de Abril	507,nº10	r/c	10	3		HeI	188	95	283
25 de Abril/dos Gregos	508/ 2950,nº26/3083.s/n	r/c	17	8		HeC	745	195	940
25 de Abril	509,nº39?	r/c	2	/		H	74	/	74
dos Gregos	510,nº4?	r/c	5	3		/	132	40	172
dos Gregos	511,nº11?	r/c	1	/		Adega I	40	/	40
dos Gregos	512,nº11?	r/c	7	/		H	72	99	171
dos Gregos	513	r/c	4	1		H	44	33	77
dos Gregos	514,nº17?	r/c	8	1		H	129	75	204
dos Gregos	515,nº18?	r/c	4	2		H	92	64	156
dos Gregos	516,nº18?	r/c	4	/		H	40	40	80
dos Gregos	517,nº23	r/c	5	/		H	92	152	244
dos Gregos	518,nº31	r/c	1	/		I	26	/	26
dos Gregos	519/2928,nº33	r/c	1	/		I	24	/	24
do Frade	520/1455,nº25?	r/c	5	3		H	150	28	178
dos Gregos	521/2614,nº3;2643,nº43 casa da Paulina e loja	r/c	6	3		H	176	127	303
dos Gregos	522,nº45	r/c	8	1		H	127	145	272
dos Gregos	523/2142,nº32	r/c	5	2		H	104	55	159
dos Gregos	524/2839,nº30	r/c	8	1		H	110	87	197
dos Gregos	525/Bargada	r/c	4	/		H	42	5	47
dos Gregos	526/1570;1571 O Gregos	r/c	5	1		H	96	50	146
dos Gregos	527/[casão do António Domingues]	r/c	1	/		I	54	/	54

dos Gregos	528/2448,nº18	r/c	5	5	H	150	158	308
dos Gregos	529,nº18?	r/c	6	/	H	58	53	111
dos Gregos	530/2077,nº14	r/c	4	2	H	95	66	161
dos Gregos	531,nº8	r/c	7	2	H	120	80	200
dos Gregos	532/2846,nº6	r/c	5	2	H	88	60	148
dos Gregos	533/2175,nº4	r/c	1	/	I	24	/	24
dos Gregos	534/2175,nº4	r/c	1	/	/	87	/	87
ver este	535/2175,nº4;2120 a poente do n.º4	r/c	2	/	/	60	156	216
Largo do Visconde da Ribeira Brava/Largo S. Francisco	536/3106,nº14;2870,nº13/3109,nº2-A	r/c, 1º	20	9	H	514	342	856
Largo do Visconde da Ribeira Brava	537/2322,nº15,17	r/c, 1º	11	/	H	88	48	136
Largo do Visconde da Ribeira Brava	538/2322,nº15,17	r/c	5	1	H	108	30	138
Largo do Visconde da Ribeira Brava	539,nº22 ou 19?	r/c	4	2	H	79	80	159
Largo do Visconde da Ribeira Brava	540,nº21	r/c	10	3	H e C	220	58	278
Largo do Visconde da Ribeira Brava	541/2704,nº22	r/c	4	1	H	115	75	190
Largo do Visconde da Ribeira Brava/Largo S. Francisco	542/1537,nº23 e 24/1538,nº1	r/c	6	5	H	197	116	313
Largo do Visconde da Ribeira Brava	543/2851,nº25	r/c	5	/	H	64	54	118
Travessa de S. Francisco	544/1609 Casa do Chico Reis	r/c	10	22	H	830	19948	20778
Largo do Visconde da Ribeira Brava	545/3147,nº27-A	r/c	5	1	H	122	54	176
Largo do Visconde da Ribeira Brava	546/2653,nº28	r/c	4	4	H	95	72	167
Largo do Visconde da Ribeira Brava	547	r/c	4	1	H	74	24	98
Largo do Visconde da Ribeira Brava	548,nº30	r/c	4	1	H	79	84	163
Largo do Visconde da Ribeira Brava	549,nº31? ou 32?	r/c	1	/	/	50	/	50
Largo do Visconde da Ribeira Brava	550/1870,nº35;2623,33,34	r/c	7	3	HeI	300	286	586
Largo do Visconde da Ribeira Brava	551/1514,nº36,37	r/c	7	1	H	99	100	199
Largo do Visconde da Ribeira Brava	552/1335,nº39	r/c	9	3	H	197	256	453
Largo do Visconde da Ribeira Brava	553/1307,nº38	r/c	7	1	H	80	30	110

Largo do Visconde da Ribeira Brava	554/1335	r/c	5	/	/	108	/	108
Largo do Visconde da Ribeira Brava	555/1780,nº40	r/c	5	2	H	102	42	144
Largo do Visconde da Ribeira Brava	556/1780,nº40	r/c	6	3	H	138	64	202
Largo do Visconde da Ribeira Brava	557/1980,nº41;2844,nº45	r/c	7	3	H	141	68	209
Largo do Visconde da Ribeira Brava	558/2844	r/c	9	2	H	159	61	220
Largo do Visconde da Ribeira Brava	559/1972,nº26	r/c	11	5	H	348	209	557
Poço Novo/Largo Visconde da Ribeira Brava	560/2068,nº59;57;2190,nº1	r/c	6	3	H	153	42	195
Largo do Visconde da Ribeira Brava	561	r/c	3	/	/	84	36	120
Largo do Visconde da Ribeira Brava	562/demolido	r/c	6	3	HeI	176	28	204
Largo do Visconde da Ribeira Brava	563	r/c	2	/	I	50	/	50
Largo do Visconde da Ribeira Brava	564/2130,nº8;2131,nº9,10,11	r/c, 1º	15	3	HeC	255	270	525
Largo do Visconde da Ribeira Brava	565/2130,nº8;2131,nº9,10,11	r/c	1	/	/	36	/	36
do Poço Novo	566/2251,nº80	r/c	8	2	H	126	81	207
do Poço Novo	567	r/c	1	/	H	25	/	25
do Poço Novo	568	r/c	6	/	H	90	136	226
do Poço Novo	569,nº64?	r/c	3	/	H	70	/	70
do Poço Novo	570/1925,nº62;1926 (demolido), nº66,68,70,72	r/c	13	10	H	555	119	674
do Poço Novo	571	r/c	7	2	H	120	26	146
do Poço Novo	572,nº60	r/c	6	/	H	63	55	118
do Poço Novo	573,nº58	r/c	4	/	/	65	30	95
do Poço Novo	574/demolido	r/c	3	1	H	59	121	180
do Poço Novo	575/2160,nº54	r/c	1	/	Adega I	192	/	192
do Poço Novo	576/1950,casa ao lado da do Janoto, do lado da Rua do Poço Novo;1951,nº57	r/c	7	/	HeI	79	9	88
do Poço Novo	577/3150,nº53	r/c	3	2	CeI	230	9	239
Trav. do Poço Novo/Trav. da Hortinha	578,nº16?/(6?)	r/c	2	/	/	72	51	123
Trav. do Poço Novo/Trav. da Hortinha	579,nº16?	r/c	1	/	Adega I	35	/	35

Trav. do Poço Novo	580/2427,nº19,21	r/c	3	/	I	144	/	144
do Outeiro	581/1930,nº2	r/c	5	/	H	90	40	130
do Outeiro	582/demolido	r/c, 1º	11	4	HeC	80	18	98
do Outeiro	583/2395,nº6	r/c	12	4	H	259	66	325
do Outeiro	584/2135,nº10;2136,nº8	r/c	12	7	H	518	92	610
do Outeiro	585/1º andar, Norte-dos Gregos	r/c, 1º	16	7	H	345	241	586
do Outeiro	586,nº14	r/c	13	10	HeI	303	623	926
do Outeiro	587/2216,nº18	r/c	1	/	/	36	/	36
do Outeiro	588,nº18?	r/c	1	/	/	150	/	150
do Outeiro	589,nº20,22,24	r/c, 1º	20	6	H	475	645	1120
do Outeiro	590,nº26?	r/c	6	/	H	64	157	221
do Outeiro	591,nº30?	r/c	6	/	H	88	78	166
do Outeiro	592/2918,nº32	r/c	7	3	H	79	90	169
do Outeiro	593,nº34	r/c, 1º	15	3	H	184	196	380
do Outeiro	594/2655,nº28	r/c	1	/	/	95	/	95
do Outeiro	595,nº40	r/c, 1º	16	15	H	578	523	1101
do Outeiro	596,nº42	r/c, 1º	17	24	H	676	2182	2858
do Outeiro	597/2474,nº1	r/c	10	1	H	244	56	300
do Outeiro	598,nº3,3-A?	r/c, 1º	20	26	H	712	175	887
do Outeiro	599,nº5	r/c, 1º	16	7	H	250	100	350
do Outeiro	600/1630,nº??;1631,nº9	r/c, 1º	16	6	H	286	60	346
do Outeiro	601,nº11?	r/c	/	/	H	125	/	125
do Outeiro	602/2481,nº13,15	r/c, 1º	10	12	H	/	/	/
Travessa do Beco	603/1506 E Beco- S Outeiro/Agrária	r/c	8	/	/	200	16	216
Travessa do Beco	604/1403	r/c	5	/	/	80	12	92
Terreiro de S. Pedro/25 de Abril	605/1773,nº10?;2252,nº10/ 1774,nº41;2396,nº43	r/c	24	10	H,CeI	895	337	1232
Terreiro de S. Pedro	606,nº12?,13?	r/c, 1º	20	18	H	903	1164	2067

Terreiro de S. Pedro	607,nº14?	r/c	10	2		He I	193	56	249
Terreiro de S. Pedro	608/2925,nº1	r/c	1	/			32	/	32
Terreiro de S. Pedro	609/3172,nº2,3	r/c	4	/		I	127	/	127
Terreiro de S. Pedro	610,nº4?,5?	r/c	7	3		H	147	34	181
Miguel Bombarda	611/1783	r/c	4	/		I	116	44	160
Miguel Bombarda	612,nº33?	r/c, 1º	12	/		He I	270	60	330
Miguel Bombarda/Fialho de Almeida	613/2499,nº29,31/2497,nº6-A;2498,nº6	r/c	15	9		H	485	423	908
Miguel Bombarda	614/1337,nº25,27	r/c, 1º	14	7		H	280	75	355
Miguel Bombarda	615,nº23	r/c	8	/		H	92	72	164
Miguel Bombarda	616/1687,nº15?-E Miguel	r/c	4	/		H	80	152	232
Miguel Bombarda	617/1687,nº13	r/c	1	/		H	18	/	18
Miguel Bombarda	618/1573,nº11?,13	r/c	7	2		H	132	96	228
Miguel Bombarda	619,nº9	r/c	8	3		H	165	92	257
Miguel Bombarda/Escondeiros	620/1986,nº1,3,5,7/2,4,6	r/c, 1º	13	16		He I	402	44	446
Miguel Bombarda/Terreiro de S. Pedro	621/2096,nº32/2097,nº6	r/c, 1º	8	4		H	206	60	266
Miguel Bombarda	622,nº28?,30?	r/c	4	1		/	200	7	207
Miguel Bombarda	623,nº26?	r/c	6	1		H	146	50	196
Miguel Bombarda	624/2355,nº22,24	r/c	6	5		I	400	100	500
Miguel Bombarda	625/2178,nº20	r/c	5	2		He I	134	27	161
Miguel Bombarda	626/2259,nº6,8,10	r/c	3	/		H	44	12	56
Miguel Bombarda	627,ig.	r/c	6	/		Ig. Miza	703	110	813
Miguel Bombarda	628,hosp.	r/c, 1º	53	/		Hosp.	856	1950	2806
Dr. Fialho de Almeida	629,nº23? 1º Andar	r/c, 1º	2	/		H	12	/	12
Dr. Fialho de Almeida	630	r/c	3	/		/	36	/	36
Dr. Fialho de Almeida	631	r/c	1	/		/	19	/	19
Dr. Fialho de Almeida	632	r/c	3	1		H	50	6	56
Dr. Fialho de Almeida	633,nº9,11?	r/c	1	/		Adega I	47	/	47

Dr. Fialho de Almeida	634,nº13	r/c	4	1	H	59	14	73
Dr. Fialho de Almeida	635,nº17? Nascente Torre do relógio	r/c	6	/	H	67	20	87
Dr. Fialho de Almeida	636,nº20,20-A	r/c	2	/	/	78	80	158
Dr. Fialho de Almeida	637,nº16	r/c	5	/	/	110	130	240
Dr. Fialho de Almeida	638,nº14?	r/c	3	1	H	80	151	231
Dr. Fialho de Almeida	639/2112,nº12	r/c	5	1	H	71	14	85
Dr. Fialho de Almeida	640/2969,nº10	r/c	5	2	H	77	125	202
Dr. Fialho de Almeida	641	r/c	4	1	H	99	148	247
Dr. Fialho de Almeida	642/2613,nº23	r/c	11	4	H	207	88	295
Dr. Fialho de Almeida	643,nº25	r/c	7	2	H	156	221	377
Dr. Fialho de Almeida	644, nº 27,29,29-A	r/c	11	2	H/GNR	325	142	467
(Campo á estrada do Carmo)	645/2788	r/c	7	4	H	209	170	379
Dr. Fialho de Almeida	646/demolido, nº 31,33	r/c	5	2	H	128	88	216
Dr. Fialho de Almeida	647/2530,nº37,39	r/c	9	1	H	90	88	178
Dr. Fialho de Almeida	648/2529,nº41	r/c	1	/	I	40	35	75
Fialho de Almeida/da Guarda	649/1435,nº43,45/1436,nº22?,20?	r/c, 1º	23	13	HeC	624	156	780
Fialho de Almeida/da Guarda	650/2387,nº53/2700,nº26	r/c	6	1	H	85	36	121
Dr. Fialho de Almeida	651/2203,nº55	r/c	7	1	H	120	24	144
Largo Frei António das Chagas/Fialho de Almeida	652/1923,º67/2812,nº57	r/c, 1º	12	3	HeC	193	122	315
Dr. Fialho de Almeida	653/1325 Farmácia do Costa	r/c	9	/	H,CeI	185	33	218
Dr. Fialho de Almeida	654	r/c	6	/	H	82	33	115
Dr. Fialho de Almeida	655,nº30	r/c	6	1	H	68	33	101
Fialho de Almeida/Largo Frei António das Chagas	656/2292,nº26;2951,nº26-A,28/2952,nº64	r/c	5	/	H	62	33	95
Dr. Fialho de Almeida	657/demolido	r/c	2	/	H	32	68	100
Dr. Fialho de Almeida	658	r/c	5	/	H	68	30	98
Dr. Fialho de Almeida	659	r/c	3	1	H	50	16	66

dos Escudeiros	660/demolido	r/c	1	/		Adega I	40	/	40
dos Escudeiros/do Outeiro/do Frade	661/1410 demolido; 1412 demolido; 2883, nº12; 1808/2216, nº18/2217, nº3	r/c	10	8		H	345	293	638
dos Escudeiros	662	r/c	4	1		H	66	25	91
dos Escudeiros	663, nº18	r/c	6	3		H	127	80	207
dos Escudeiros	664/1397, nº20, 22	r/c	8	2		H	126	100	226
dos Escudeiros	665/1397, nº20, 22	r/c	1	/		/	23	/	23
dos Escudeiros	666/1397, nº20 e 22; 1698, nº24	r/c	5	4		H	90	130	220
dos Escudeiros	667, nº26	r/c	4	/		H	64	70	134
dos Escudeiros	668, nº28	r/c	1	/		Adega I	54	/	54
dos Escudeiros	669/demolido, nº30, 32	r/c	3	/		/	90	/	90
dos Escudeiros	670	r/c	6	/		H	84	171	255
dos Escudeiros	671, nº36	r/c	6	/		H	91	95	186
dos Escudeiros	672/2819, nº38	r/c	3	/		H	50	12	62
dos Escudeiros	673, nº40?	r/c	5	1		H	93	45	138
dos Escudeiros/da Hortinha	674/2450, nº44; 2553, nº42/ 2549, nº20; 2859-O Hortinha	r/c	6	5		H	244	256	500
dos Escudeiros	675/demolido	r/c	1	/		/	29	/	29
dos Escudeiros/Travessa das Fragosas	676/2147, nº13; 2504, nº11/2503, nº8-A	r/c	11	6		H	336	290	626
dos Escudeiros/Travessa das Fragosas	677/1530, nº17, 19/18, 21, 14, 16	r/c	14	11		H	515	200	715
dos Escudeiros	678/3125, nº23	r/c	6	2		H	111	35	146
dos Escudeiros	679, nº14	r/c	6	3		H	146	50	196
dos Escudeiros	680, nº27	r/c, 1º	13	3		H	265	228	493
dos Escudeiros	681, nº29	r/c	8	3		H	212	118	330
dos Escudeiros	682/2547, nº33; 2548, nº31	r/c	8	/		H	106	48	154
dos Escudeiros	683/1704, nº35; 1705, nº37	r/c	5	1		He I	133	60	193
dos Escudeiros	684/2382, nº39	r/c	5	/		H	50	/	50
da Hortinha	685/2060, nº7	r/c	3	2		H	103	10500	10603

da Hortinha	686/1248,nº13;1249,nº11,9	r/c	6	/	H	118	593	711
Casões do Sindicato da Hortinha	687/2966,nº15;2967,s/n;2968,nº1	r/c	6	6	H	330	250	580
Terreiro da Guarda da Hortinha	688,nº17	r/c	7	1	HeI	148	150	298
Terreiro da Guarda da Hortinha	689/2603,nº29	r/c	2	/	C	38	/	38
Terreiro da Guarda da Hortinha	690,nº20?	r/c	2	/	I	84	34	118
Terreiro da Guarda da Hortinha	691,nº39	r/c	6	1	H	85	31	116
Terreiro da Guarda da Hortinha	692,nº27?	r/c	3	/	H	47	/	47
Terreiro da Guarda da Hortinha	693/1519,nº8;2389,nº10	r/c	8	5	HeI	245	250	495
Terreiro da Guarda da Hortinha	694/2250,nº14	r/c	7	1	H	96	37	133
Terreiro da Guarda da Hortinha	695/1416/1589,nº22	r/c	5	/	H	48	26	74
Terreiro da Guarda da Hortinha	696/2606,nº28 e 28-A/ 1819-O Hortinha;2815,nº19	r/c	6	/	H	450	2500	2950
Travessa da Hortinha	697	r/c	2	/	H	42	48	90
Travessa da Hortinha	698	r/c, 1º	9	1	I	528	/	528
Travessa da Hortinha	699	r/c	1	/	C	406	/	406
Terreiro da Guarda da Hortinha	700/demolido	r/c	5	3	HeI	117	115	232
Terreiro da Guarda da Hortinha	701,nº25	r/c	4	2	H	103	110	213
Terreiro da Guarda da Hortinha	702/2236,nº23	r/c	3	1	H	112	101	213
Terreiro da Guarda da Guarda	703,nº1	r/c	2	/	H	26	/	26
Terreiro da Guarda da Guarda	704/2086,nº5	r/c	6	1	H	108	88	196
Rua da Guarda(Olarias?)/Casões do Sindicato da Guarda	705/2955,nº7/2956,nº12	r/c	7	2	H	231	300	531
Terreiro da Guarda da Guarda	706,nº8	r/c	5	2	H	120	245	365
Terreiro da Guarda da Guarda	707/2711,nº13,11	r/c	6	1	H	106	241	347
Terreiro da Guarda da Guarda	708,nº15?	r/c	6	1	H	95	178	273
Terreiro da Guarda da Guarda	709,nº17?	r/c	5	/	H	69	72	141
Terreiro da Guarda da Guarda	710/2558,nº19/2686,nº18?	r/c	7	1	H	130	217	347
Terreiro da Guarda da Guarda	711/1898,nº21	r/c	3	1	H	61	91	152

da Guarda	712/2777,nº23	r/c	7	2		H	123	95	218
da Guarda	713,nº25	r/c	7	2		H	117	95	212
da Guarda	714/2908,nº27,29;2908,nº31;2910,nº33	r/c	14	5		H	285	457	742
da Guarda	715,nº35?	r/c	2	/		H	34	/	34
da Guarda	716/1917,nº39,37;1980,nº41	r/c	6	3		H	144	560	704
da Guarda	717,nº43?	r/c	6	2		H	151	520	671
da Guarda	718,nº4,2	r/c	6	3		H	135	44	179
da Guarda	719,nº6	r/c	5	1		H	72	95	167
da Guarda	720,nº8?	r/c	6	/		H	95	160	255
da Guarda	721,nº10	r/c	3	/		H	51	11	62
da Guarda	722,nº12?	r/c	4	1		H	89	144	233
da Guarda	723/2419,nº14	r/c	4	1		H	79	145	224
da Guarda	724/1640,nº18,16	r/c	4	1		H	97	180	277
das Olarias	725/demolido	r/c	1	/		I	112	/	112
das Olarias	726,nº18,16	r/c	7	1		HeI	137	89	226
das Olarias	727,nº22,20	r/c	6	2		H	142	210	352
das Olarias	728/demolido(26,28?)	r/c	3	1		H	66	180	246
das Olarias	729/1992,nº30-A;1993,nº30	r/c	3	/		H	60	240	300
das Olarias	730,nº32,34?	r/c	5	1		H	120	280	400
das Olarias	731/1474,nº36,38?	r/c	5	1		H	93	107	200
das Olarias	732,nº42,40	r/c	6	1		H	120	171	291
das Olarias	733,nº44,46?	r/c	9	4		HeC	210	153	363
das Olarias	734/2234,nº1	r/c	3	/		H	40	100	140
das Olarias	735,nº3	r/c	6	2		H	110	150	260
das Olarias	736/3072,nº5	r/c	2	1		H	32	44	76
das Olarias	737/2565,nº7;2566,nº9	r/c	7	1		H	134	368	502
das Olarias	738/3078,nº13--A;3079,nº13,11	r/c	6	2		H	164	259	423

das Olarias	739,nº15,177	r/c	5	1	H	99	154	253
das Olarias	740/1642,nº19;2116,nº19-A	r/c	6	1	H	140	235	375
das Olarias	741,nº21,23	r/c	6	2	H	140	234	374
das Olarias	742/1559,nº25;1560,nº27	r/c	6	1	H	130	260	390
das Olarias	743,nº31?	r/c	6	2	H	170	264	434
das Olarias	744,nº33	r/c	6	1	H	136	166	302
das Olarias	745/1503,nº35;nº37?	r/c	6	1	H	139	152	291
de S. João	746,nº1	r/c	2	/	H	57	110	167
de S. João	747,nº3,5	r/c	6	/	H	133	203	336
de S. João	748,nº7,9	r/c	4	1	H	84	120	204
de S. João	749/2709,nº11,13	r/c	4	/	H	117	195	312
de S. João	750/2352,nº15	r/c	4	/	H	117	195	312
de S. João	751,nº23?(17,19,21,21-A,23?)	r/c	7	/	H	199	652	851
de S. João	752,nº25?	r/c	10	/	H	128	543	671
de S. João	753/2640,nº27,29	r/c	6	/	H	90	407	497
de S. João	754/2037,nº33-A;2960,nº38;2962,nº33,31	r/c	1	/	/	314	/	314
de S. João	755/2037,nº33-A;2960,nº38;2962,nº33,31	r/c	2	/	H	114	210	324
de S. João	756,nº2	r/c	5	/	H	108	266	374
de S. João	757/2082,nº4,6	r/c	5	/	H	117	260	377
de S. João	758/2841,nº8,10	r/c	4	/	H	58	298	356
de S. João	759/2078,nº16 (12,14)	r/c	5	4	H	145	231	376
de S. João	760/2677,nº18	r/c	3	/	H	60	240	300
de S. João	761,nº20,22	r/c	6	2	H	117	204	321
de S. João	762/2869,nº24,24-A	r/c	5	1	H	105	120	225
de S. João	763/2153,nº26	r/c	6	/	H	108	288	396
de S. João	764/2181,nº28;2458,nº30	r/c	6	/	H	85	237	322
Aquiles Estação	765/2572,nº11;2429,nº9	r/c	7	/	H	117	117	234

Aquiles Estação	766/2624,nº7	r/c	6	1		H	110	100	210
Aquiles Estação	767/2118,nº5	r/c	7	2		H	140	122	262
Aquiles Estação	768/2106,nº3	r/c	6	/		H	99	132	231
Aquiles Estação	769,nº16	r/c	3	1		H	76	81	157
Aquiles Estação	770/2477,nº12;2478,nº14,14-A	r/c	6	/		H	94	168	262
Aquiles Estação	771/2477,nº12	r/c	5	1		H	114	129	243
Aquiles Estação	772,nº10,10-A	r/c	6	1		H	114	156	270
Aquiles Estação	773,nº6,8	r/c	6	1		H	120	190	310
Aquiles Estação	774,nº4	r/c	6	/		H	102	190	292
Aquiles Estação	775,nº2, casa do Zé Emídio	r/c	6	/		H	87	268	355
das Olarias	776/3081,nº8;3082,nº6	r/c	5	2		H	97	176	273
das Olarias	777,nº10	r/c	6	2		H	123	56	179
Estrada da Circunvalação	778/1534,nº8;1535,nº10;1536,nº12	r/c	7	4		H	160	840	1000
Estrada da Circunvalação	779/2390,nº1	r/c	4	/		H	52	217	269
Estrada da Circunvalação	780/2892,nº5;2893,nº3	r/c	3	/		H	60	258	318
Estrada da Circunvalação	781/demolido	r/c	1	/		I	78	258	336
Casões do Sindicato	782/1783,nº7,8;2459,nº3,3-A	r/c	1	/		/	308	660	968
dos Caldeireiros	783/1453,nº20,22	r/c	8	6		H	189	120	309
dos Caldeireiros	784/2585,nº18	r/c	1	/		/	91	/	91
dos Caldeireiros/da Hortinha/Trav. das Fragasas	785/1604 E Caldeireiros/2741-S Hortinha/2742, lote 1;2743, lote2; 2744, lote3;2745, lote4;2746, lote5;2747, lote6	r/c	10	/		/	334	753	1087
dos Caldeireiros	786,nº12,14	r/c	8	1		HeI	106	35	141
dos Caldeireiros	787,nº10	r/c	6	1		H	160	83	243
dos Caldeireiros	788,nº8	r/c	3	1		H	88	48	136
dos Caldeireiros	789/2816,nº6	r/c	3	1		H	82	45	127
dos Caldeireiros	790/1420 e 1421 demolidos	r/c, 1º	11	4		H	301	536	837
dos Caldeireiros	791/1393 O Caldeireiros-N Fragasas	r/c	1	/		/	45	/	45

dos Caldeireiros	792/1393 O Caldeireiros-N Fragosas	r/c	4	/	H	101	47	148
dos Caldeireiros	793/1394 O caldeireiros	r/c	3	/	H	48	/	48
dos Caldeireiros	794,nº13	r/c	3	/	H	55	/	55
dos Caldeireiros	795,nº15,17,19	r/c	3	/	H	60	/	60
Praça da República	796/1032	r/c	5	/	C e l	124	/	124
Praça da República	797,nº5	r/c, 1º	11	4	H	250	112	362
Praça da República/da Malheira	798/1829,nº4?-N Praça;1987,nº1/2845,nº1,1-A	r/c, 1º	18	3	H	288	80	368
Praça da República	799/1694	r/c, 1º	9	4	Câm.	486	65	551
Cândido dos Reis	800/2789,nº6,8;2945,nº2,4	r/c, 1º	16	8	H	461	120	581
Cândido dos Reis (Praça da República?)	801/2862,nº10,12,14	r/c	16	4	H	320	160	480
Cândido dos Reis (Praça da República?)	802/2970,nº22;2971,nº16;2972,nº18,20	r/c	10	/	/	224	/	224
Praça da República	803/1488,nº10;1489 N e O Ig Miza-S Praça	r/c	11	7	H	280	80	360
Cândido dos Reis	804,nº3?	r/c, 1º	8	4	H	159	33	192
Cândido dos Reis	805 entre o 4 e o 10	r/c	48	8	H	903	362	1265
Cândido dos Reis/Miguel Bombarda/Trv. das Freiras	806/2241,nº13/1854,nº14,14-A/5	r/c, 1º	26	4	H	658	160	818
Cândido dos Reis/Miguel Bombarda	807/1997,nº19;2177,nº15;2179,nº17/2178,nº20	r/c	10	9	H, C e l	391	167	558
Cândido dos Reis	808	r/c	7	/	H	68	31	99
Cândido dos Reis	809/2924,s/n	r/c	4	1	H	56	42	98
Malheira/Trav. da Mina	810/2331,nº1;2332,nº3;2333,nº6	r/c, 1º	14	11	H	530	210	740
da Malheira	811/1513,nº5,7	r/c, 1º, 2º	17	6	H	515	135	650
da Malheira	812,nº9?	r/c	8	1	H	128	62	190
da Malheira	813,nº11	r/c	8	2	H	197	29	226
da Malheira	814	r/c, 1º	5	/	H	48	12	60
da Malheira	815,nº22?	r/c, 1º	8	1	H	99	50	149
da Malheira/dos Caldeireiros	816/1810-E Malheira-O Caldeireiros;1809,nº11	r/c	9	3	H e l	208	45	253

da Malheira	817/Arquivo	r/c	4	/	/	318	/	318		
da Malheira	818/2542 (Casa Mortuária)	r/c	9	1	H	182	40	182	222	
Praça da República(da Malheira)	819/2845,nº1,1-A	r/c, 1º	2	/	He C	45	/	45	45	
Eng. Aires da Fonseca	820/2476,nº2,4	r/c	13	13	H	442	106	442	548	
Eng. Aires da Fonseca	821/3093,nº6	r/c	8	2	H	133	71	133	204	
Eng. Aires da Fonseca	822/3182,nº8	r/c	2	/	I	105	42	105	147	
Eng. Aires da Fonseca	823,nº10	r/c	5	/	H	60	94	60	154	
Eng. Aires da Fonseca	824/demolido(12)	r/c	5	/	H	60	94	60	154	
Eng. Aires da Fonseca	825,nº5	r/c	5	1	H	96	40	96	136	
Eng. Aires da Fonseca	826,nº16	r/c	3	1	H	92	40	92	132	
Eng. Aires da Fonseca	827,nº18?	r/c	5	1	H	85	64	85	149	
Eng. Aires da Fonseca	828,nº18?	r/c	5	/	H	60	148	60	208	
Eng. Aires da Fonseca	829,nº18?	r/c	5	2	H	64	100	64	164	
Eng. Aires da Fonseca	830,nº24	r/c	4	1	H	88	1300	88	1388	
Eng. Aires da Fonseca	831/2793,nº5,7	r/c	10	5	H	246	180	246	426	
Eng. Aires da Fonseca	832,nº9	r/c	1	/	I	70	/	70	70	
Eng. Aires da Fonseca	833/2298,nº9,11	r/c	1	/	/	55	/	55	55	
Eng. Aires da Fonseca	834/2298,nº9,11	r/c	2	/	/	62	/	62	62	
Eng. Aires da Fonseca	835/1579/demolido	r/c	1	/	/	28	/	28	28	
Eng. Aires da Fonseca	836/1579/demolido	r/c	3	/	H	33	/	33	33	
Eng. Aires da Fonseca	837/1579/demolido	r/c	3	/	H	46	/	46	46	
Eng. Aires da Fonseca	838/1579/demolido	r/c	4	/	H	75	16	75	91	
Eng. Aires da Fonseca	839/1579/demolido	r/c	8	6	H	338	327	338	665	
Eng. Aires da Fonseca	840,nº15	r/c	6	/	H	90	2630	90	2720	
da Hortinha	841/1707,nº10-B	r/c	2	/	I	95	165	95	260	
Mal-Anda/Longa	842,nº2/nº5,7	r/c	8	2	H	150	36	150	186	
Longa/Mal Anda	843/2739-3lotes,nº9,11/nº2	r/c	6	2	He C	98	17	98	115	

Largo D. Violante/do Granado/do Mal-Anda	844,nº13,15,17/1,3,5,7,4,6	r/c, 1º, 2º	88	12		H	796	464	1260
Longa	845/2300,nº21	r/c, 1º	16	2		HeI	244	183	427
Longa	846,nº23,25????	r/c	9	4		H	255	69	324
Longa	847,nº27,29	r/c	10	/		HeC	144	60	204
Longa	848/2861,nº31,33,35,37,39	r/c, 1º	13	4		H, CeI	300	45	345
Longa	849/2836,nº41,43,45,47	r/c	21	12		HeC	470	90	560
Longa	850/demolido	r/c	8	/		HeC	126	22	148
Longa/Trav. dos Lagares	851/2422,nº20;2423,nº20/ 1309,nº9;3096,nº5,7	r/c	13	8		H	333	140	473
Longa	852/1601,nº22;24;24-A;26,28	r/c, 1º	17	5		H	351	136	487
Longa	853/2108,nº30;2262,nº30-A	r/c	6	2		H	138	115	253
Longa/D. Maria Pulido Garcia	854/1376,nº32,34?-O Longa/1670;1690/ 2930,nº32;1908-O Longa	r/c	19	6		H	607	749	1356
Longa	855,nº36,38	r/c, 1º	20	4		H	458	460	918
Longa	856/147740,40-A,42?	r/c, 1º	26	3		H	517	400	917
Longa	857,nº44	r/c	5	2		H	164	77	241
Longa	858/2702,nº48;2703,nº46	r/c	8	2		HeI	155	27	182
Longa	859,nº50,52	r/c, 1º	10	/		HeC	99	9	108
Longa	860/2206,nº54	r/c	1	/		I	29	/	29
Longa	861,nº56	r/c	1	/		/	51	/	51
Longa	862/1404-O Longa;2688,nº62/2689-E Becco-S Cooperativa	r/c	4	/		HeC	60	20	80
Longa	863,nº58	r/c	5	3		H	128	22	150
Longa/Trav. do Becco	864/2688,nº62,64/2689,nº60	r/c, 1º	17	6		HeC	196	45	241
Travessa das Freiras	865/2577,nº2	r/c	8	2		HeC	125	/	125
Longa	866/1661 arrecadação da Cooperativa	r/c	2	/		I	144	/	144
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	867,nº38,34	r/c	15	6		H	462	132	594
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	868,nº28,30	r/c	10	/		Esp. Div.	230	/	230

Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	869/2250.nº26?	r/c	2	/	I	92	/	92
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	870.nº24?	r/c	8	3	HeC	259	49	308
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	871.nº22	r/c	10	7	HeC	319	220	539
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	872/2416.n.º20;2965.n.º18	r/c	7	1	H	114	40	154
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	873.nº16	r/c, 1º	6	1	H	100	20	120
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	874/2299.nº14	r/c	6	/	H	83	25	108
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	875.nº12	r/c	3	/	H	86	25	111
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	876/2026.nº10,10-A	r/c	7	/	H	100	224	324
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	877/1572.nº8	r/c	1	/	/	71	/	71
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	878/1572.nº6	r/c	1	/	C	17	/	17
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	879/1572.nº6	r/c	5	2	H	97	22	119
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	880.nº2,4	r/c	13	8	H	350	124	474
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	881.nº1,3	r/c	3	/	I	150	/	150
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	882.nº7,9	r/c	4	1	I	170	64	234
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	883.nº3-A	r/c	5	1	H	70	55	125
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	884 Adega Cooperativa	r/c, 1º	11	15	H	426	1415	1841
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	885.nº19	r/c	5	1	H	86	638	724
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	886/1577.nº21?	r/c	7	2	H	142	60	202
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	887/1577.nº23?	r/c	5	/	H	36	58	94
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	888/2710.nº25,27	r/c, 1º	12	/	H	160	790	950
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	889/2687.nº27	r/c	7	/	H	68	244	312
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	890/2687.nº27	r/c	8	1	H	151	244	395
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	891/2595.nº31	r/c	7	2	H	110	194	304
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	892/1708.nº35?-39?	r/c	7	3	H	120	183	303
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	893/1708.nº35?-39?	r/c	6	1	H	108	180	288
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	894.nº35?,39?	r/c	7	3	H	119	160	279
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	895.nº35?,39? 1º andar	r/c, 1º	9	8	H	202	160	362

Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	896/1789,N Lisboa	r/c	13	8	H	478	162	640
Dr. Carlos César Sotto Mayor Figueira	897/1408,nº1(da Rua Eng.º Aires?);2075,nº47	r/c	8	8	HeI	219	134	353
Escura	898/2820,nº47	r/c	6	1	H	115	57	172
Escura	899	r/c	5	2	H	110	144	254
Escura	900,nº41	r/c	7	3	H	94	74	168
Escura	901/3412,nº37,39	r/c, 1º	7	4	H	195	204	399
Escura	902,nº35?	r/c	6	1	H	99	91	190
Escura	903,nº33	r/c	3	/	H	50	133	183
Escura	904/1955,nº31	r/c	5	/	H	62	110	172
Escura	905,nº23?	r/c	4	/	H	70	162	232
Escura	906,nº27?,29?	r/c	6	1	H	114	212	326
Escura	907,nº25	r/c	4	1	H	75	110	185
Escura	908	r/c	3	/	H	36	/	36
Escura	909,nº21	r/c	4	1	H	74	170	244
Escura	910,nº19	r/c	4	1	H	70	104	174
Escura	911,nº17	r/c	5	3	H	100	46	146
Escura	912/2809,nº15	r/c	7	2	H	113	205	318
Escura	913/2449,nº11	r/c	8	3	HeI	187	176	363
Escura	914,nº9	r/c	4	/	H	55	10	65
Escura	915,nº7	r/c	2	/	H	36	/	36
Escura	916,nº5?	r/c	6	2	H	110	420	530
Escura	917,nº1,3?	r/c	8	1	H	103	182	285
Ao Castelo	918/3053;3054	r/c	6	2	H	103	58	161
do Granada	919,nº6?	r/c	9	2	H	161	28	189
do Granada	920/1500,nº9	r/c	5	/	H	85	32	117
do Granada	921,nº11,13(15?)	r/c, 1º	8	/	H	170	59	229
dos Mercadores	922/1632,nº22;2244,nº24;2328,nº20	r/c, 1º	12	5	HeC	270	194	464

dos Mercadores	923/2328,nº20	r/c	2	/	/	/	52	/	52	/	52
dos Mercadores	924,nº18	r/c	2	/	/	I	44	/	44	/	44
dos Mercadores	925,nº16	r/c	1	/	/	/	60	/	60	/	60
dos Mercadores	926,nº14	r/c	1	/	/	H	51	12	51	12	63
do Granado	927,nº12	r/c	5	1	/	H	84	22	84	22	106
do Granado	928,nº10?	r/c	5	/	/	H	80	32	80	32	112
dos Mercadores	929/1501,nº25,27	r/c, 1º	15	14	/	H	285	347	285	347	632
dos Mercadores	930/1298,nº21	r/c, 1º	14	7	/	H	277	69	277	69	346
dos Mercadores	931 casa demolida em frente ao sr. Manuel	r/c	2	/	/	/	60	/	60	/	60
Trav. do Curral	932	r/c	1	/	/	/	28	/	28	/	28
Trav. do Curral/Meirinho Velho	933,nº14?	r/c	1	/	/	/	30	/	30	/	30
Trav. do Curral	934/demolido	r/c	1	/	/	/	60	/	60	/	60
	935/1442 E Curral-S e O C. C. Sotto Mayor; 1445,nº11?-E Curral; 1446,nº11?-E Curral;1448,nº11?-E Curral/ 2138,n.º5;2154,n.º7;2137,nº11,13	r/c	8	5	/	H	502	80	502	80	582
do Mal-Anda	936,nº1?	r/c	1	/	/	I	46	/	46	/	46
do Mal-Anda	937	r/c	1	/	/	/	32	/	32	/	32
do Mal-Anda	938,nº5	r/c	7	/	/	HeI	104	18	104	18	122
do Mal-Anda	939,nº7	r/c	1	/	/	/	28	/	28	/	28
do Mal-Anda	940/2428,nº9	r/c	7	/	/	HeI	138	22	138	22	160
do Mal-Anda	941,nº11?	r/c	1	/	/	/	51	/	51	/	51
do Mal-Anda	942,nº13	r/c	1	/	/	/	30	/	30	/	30
do Mal-Anda	943	r/c	2	/	/	H	54	/	54	/	54
do Meirinho Velho e dos Mercadores	944/2246,nº14 e 6	r/c, 1º	10	/	/	HeI	142	20	142	20	162
do Meirinho Velho	945	r/c	2	/	/	/	33	31	33	31	64
do Meirinho Velho	946(terreno vazio/??)	r/c	2	1	/	H	49	14	49	14	63
do Meirinho Velho	947/ N Meirinho, Oeste Trav do Curral (terreno vazio/nº?)	r/c	6	/	/	HeI	146	120	146	120	266

do Meirinho Velho	948,nº3-A,3	r/c	4	3	H	106	36	142
do Meirinho Velho	949/2035,nº1	r/c	7	/	H	117	132	249
Travessa da Mina	950/1735,nº1?-N Mina-E Mercadores	r/c	1	/	/	27	/	27
Travessa da Mina	951,nº3?	r/c	3	/	H	42	/	42
Travessa da Mina	952,nº5	r/c	1	/	H	17	/	17
Travessa da Mina	953,nº11	r/c	1	/	H	16	/	16
Travessa da Mina	954	r/c	1	/	/	64	/	64
Travessa da Mina	955/ Sul Mina-Oeste Fragosas	r/c	3	/	/	187	37	224
Travessa das Pedras Altas	956,nº6?	r/c	1	/	/	70	/	70
Travessa das Pedras Altas	957/N Pedras Altas	r/c	2	/	H	31	/	31
Travessa das Pedras Altas	958	r/c	1	/	/	31	/	31
Travessa das Pedras Altas	959	r/c	2	/	H	55	/	55
Travessa das Pedras Altas	960,nº9	r/c	2	/	/	38	/	38
Travessa das Pedras Altas	961/3071,nº11	r/c	4	/	H	66	72	138
Travessa das Pedras Altas	962/3071,nº11	r/c	4	2	H	123	119	242
Travessa das Pedras Altas	963	r/c	1	/	I	30	/	30
Travessa das Pedras Altas	964/2000,nº14(197),21;2001,nº15,17	r/c	5	2	H	135	633	768
Travessa das Pedras Altas	965	r/c	2	/	/	53	/	53
Travessa das Pedras Altas	966/demolido	r/c	2	/	/	50	/	50
Travessa das Pedras Altas	967	r/c	2	/	/	62	/	62
Travessa das Pedras Altas	968/2635,nº6	r/c	5	2	H	98	27	125
Travessa das Pedras Altas	969,nº8?	r/c	5	/	H	140	33	173
Travessa das Pedras Altas	970/2500,nº10	r/c	2	/	H	42	/	42
Travessa das Pedras Altas	971	r/c	1	/	I	24	/	24
Travessa das Pedras Altas	972/1664	r/c	1	/	I	68	/	68
Travessa das Pedras Altas	973/1664	r/c	1	/	/	30	/	30
Travessa das Pedras Altas	974	r/c	1	/	/	45	/	45

Travessa das Pedras Altas	975/se O Pedras Altas-N Mina	r/c	1	/	/	40	/	40
Travessa do Chibato	976,nº8	r/c	2	/	/	126	/	126
Travessa do Chibato	977	r/c	2	/	/	40	/	40
Largo do Chafariz	978	r/c	3	/	H	43	26	69
Largo do Chafariz	979/2238,nº3	r/c	3	1	H	70	1100	1170
Largo do Chafariz	980	r/c	3	/	H	48	/	48
Largo do Chafariz/Praça Vasco da Gama	981/3301	r/c	2	/	H	34	/	34
Largo do Chafariz	982,nº22?	r/c	9	3	H	120	30	150
Praça Vasco da Gama	983/2099,nº21	r/c	7	2	H	79	15	94
Praça Vasco da Gama	984,nº21,20	r/c, 1º	4	/	I	42	9	51
Praça Vasco da Gama	985/2139,nº19	r/c	7	6	H	168	45	213
Praça Vasco da Gama	986/1311,nº17	r/c	7	1	He I	118	48	166
Praça Vasco da Gama	987,nº16?	r/c	10	3	H	192	80	272
Praça Vasco da Gama	988/3404,nº13,14,15	r/c, 1º	17	3	H	167	43	210
Praça Vasco da Gama	989/2715,nº12	r/c	9	2	H	172	80	252
Praça Vasco da Gama	990,nº11???	r/c	1	/	/	120	/	120
Praça Vasco da Gama/do Meirinho Velho	991/1811/2479,nº5(2?,4?,5,6?)	r/c, 1º	14	18	H	797	305	1102
Praça Vasco da Gama	992,nº8???	r/c	14	13	H	561	170	731
Praça Vasco da Gama	993,nº7??	r/c, 1º	24	7	H	443	709	1152
Praça Vasco da Gama	994/1904;2076,nº34	r/c	17	20	H	850	1625	2475
Praça Vasco da Gama	995/1526	r/c	21	2	Escola P.	617	725	1342
Praça Vasco da Gama/Largo do Chafariz	996/3301,nº37	r/c	3	/	H	54	/	54
da Trincheira/Largo Velho do Chafariz	997/3126,nº38;3127/1668	r/c	11	3	He I	274	246	520
Praça Vasco da Gama	998/1481,nº36?-N Praça	r/c	6	4	He I	141	210	351
Praça Vasco da Gama	999,nº35?	r/c	1	/	I	30	/	30
Praça Vasco da Gama	1000	r/c	9	3	H	105	125	230

Praça Vasco da Gama	1001,nº33?	r/c	6	1	H	96	125	221
Praça Vasco da Gama	1002,nº32?	r/c	9	4	H	192	70	262
Praça Vasco da Gama	1003,nº31	r/c	4	3	H	100	120	220
Praça Vasco da Gama	1004,nº30	r/c	6	/	H	59	96	155
Praça Vasco da Gama	1005,nº29	r/c	4	3	H	105	40	145
Praça Vasco da Gama	1006,nº28?	r/c	5	/	H	82	45	127
da Trincheira	1007/2021 A,B,nº10	r/c	5	/	H	80	8	88
da Trincheira	1008	r/c	1	/	I	36	/	56
da Trincheira	1009	r/c	1	/	I	34	/	34
da Trincheira	1010	r/c	4	2	H	80	38	118
da Trincheira	1011/2195,nº5,7,nº2196,nº9	r/c	7	4	H	260	320	580
da Trincheira	1012	r/c	3	/	H	38	60	98
da Trincheira	1013/demolido	r/c	4	/	H	117	22700	22817
Nova da Fonte/trav da Parreira	1014/2263,nº2;2426,nº6,nº4	r/c	13	4	H	282	112	394
Nova da Fonte	1015/O Nova	r/c	6	/	H	72	96	168
Nova da Fonte	1016,nº6-A?	r/c	4	/	H	52	66	118
da Fonte/do Sol	1017/2802,nº10/2658,nº1 e 1-A	r/c	10	1	H	159	55	214
da Parreira/do Sol	1018/1651-E Parreira/2658,nº1,1-A	r/c	17	9	H	879	784	1663
Largo 5 de Outubro/Quintalões do Sol	1019/2737,nº1/2810,s/n casa do Labocho	r/c	7	5	H, Ce I	688	112	800
do Sol	1020/N Sol	r/c, 1º	10	3	He I	176	30	206
do Sol	1021,nº5,7,9	r/c	10	4	H	275	130	405
do Sol	1022/1406,nº4?,6?	r/c	8	5	He I	165	75	240
do Sol	1023,nº8?10?	r/c	10	1	He C	138	120	258
Largo D. Violante	1024/2578,nº2	r/c, 1º	10	10	He C	230	40	270
Largo D. Violante	1025/demolido	r/c	7	/	H	92	66	158
Largo D. Violante	1026/O D. Violante	r/c	7	/	H	110	413	523
Dr. António Carlos da Costa	1027/1496,nº37? E Carlos; O Lagares	r/c	5	/	H	140	108	248

Travessa dos Lagares	1028/Sul Lagares	r/c	5	/		I	262	/	262
Travessa dos Lagares	1029/3316,nº5,7	r/c	4	/		I	281	/	281
Trav. do Romão Mendes/trav dos Lagares	1030/2454,nº19/2917,nº10	r/c	11	2		H	188	90	278
Trav. do Romão Mendes	1031/2307,nº17	r/c	6	2		H	105	28	133
Trav. do Romão Mendes	1032/N Romão	r/c	3	/		/	138	/	138
Trav. do Romão Mendes	1033.nº10?(terreno murado)	r/c	3	1		H	56	50	106
Trav. do Romão Mendes	1034/3338,nº2?,4?,6?,8?	r/c	4	/		/	334	1386	1720
do Cardeal	1035/1260,n.º2	r/c, 1º	11	3		H	70	38	108
do Cardeal/Trav. Da Hortinha	1036/2186,nº3/2185,nº3	r/c	8	7		H	293	123	416
do Cardeal	1037.nº6?	r/c	1	/		I	182	/	182
do Cardeal	1038.nº8?	r/c	6	1		H	128	69	197
do Cardeal	1039/2188,nº16;2858,nº12	r/c, 1º	18	19		H	510	295	805
do Cardeal	1040,nº1 a 5	r/c	13	8		H	380	410	790
da Lagoa	1041/demolido	r/c	4	/		H	63	24	87
da Lagoa/Largo José Mendes Carvalho	1042/3015,nº31,33,35/2899,nº37	r/c, 1º	10	/		I	708	/	708
da Lagoa	1043/E casão	r/c, 1º	2	/		I	137	/	137
da Lagoa	1044/2611,nº34;2612,nº29	r/c	3	/		I	330	/	330
da Lagoa	1045/2863,nº36	r/c	1	/		/	108	/	108
da Lagoa	1046/Casão,nº38?	r/c	6	1		He I	297	1980	2277
da Lagoa	1047/3320;3321 Abril Baião	r/c	3	4		I	1250	/	1250
da Lagoa	1048/demolido/ lot. das tendas:3196,3213,3223,3228,3189	r/c	10	4		H	685	16605	17290
da Lagoa	1049/demolido	r/c	7	3		H	171	40	211
da Lagoa	1050/1510	r/c	5	/		H	72	18	90
da Lagoa	1051/demolido	r/c	1	/		I	50	/	50
da Lagoa	1052/E Tendas-O Lagoa	r/c	1	/		/	126	/	126
da Lagoa	1053/Sul Tendas-O Lagoa	r/c	1	/		/	161	3355	3516

António Carlos da Costa	1054/2468,nº28	r/c	10	4	H	314	82	396
António Carlos da Costa	1055/ O Carlos	r/c	1	/	/	63	/	63
António Carlos da Costa	1056,nº26	r/c	32	15	H	709	244	953
António Carlos da Costa	1057/Matos Rosa;N Romão-Sul carlos	r/c	7	6	H	230	90	320
António Carlos da Costa	1058/2319,nº18	r/c	1	/	/	153	/	153
António Carlos da Costa	1059,nº16	r/c	16	3	H	250	30	280
António Carlos da Costa	1060,nº12,14	r/c	32	8	H	681	352	1033
António Carlos da Costa	1061,nº6,8,10	r/c	12	4	HeC	193	18	211
António Carlos da Costa	1062,nº2,4	r/c	5	1	H	106	42	148
António Carlos da Costa	1063/1372,nº33	r/c	10	6	H	267	71	338
António Carlos da Costa	1064/1372,nº33	r/c	5	/	H	58	19	77
António Carlos da Costa	1065,nº29,31	r/c	9	3	H	162	47	209
António Carlos da Costa	1066,nº25	r/c	7	/	H	119	36	155
António Carlos da Costa	1067,nº23	r/c	1	/	/	31	/	31
António Carlos da Costa	1068,nº19,21	r/c	8	/	HeC	102	64	166
António Carlos da Costa	1069/1499,nº15,17	r/c	16	6	H	319	160	479
António Carlos da Costa	1070,nº13	r/c	8	4	H	301	69	370
António Carlos da Costa	1071,nº11	r/c	6	/	H	84	82	166
António Carlos da Costa	1072,nº9	r/c	5	1	H	108	33	141
António Carlos da Costa	1073/N Carlos-O Parreira	r/c	1	/	/	138	/	138
José Domingos Fazenda(?)	1074/2224,nº11	r/c	1	/	I	81	/	81
António Carlos da Costa	1075/1960 demolido	r/c	2	/	/	30	34	64
da Parreira	1076/1877,nº29	r/c	6	1	H	117	63	180
da Parreira	1077/2904,nº27	r/c	6	/	H	96	56	152
da Parreira	1078/N Trv Parreira-E Parreira	r/c	7	1	H	86	10	96
da Parreira	1079/3308,nº25	r/c	8	1	H	108	62	170
da Parreira	1080/3176,nº25,25-A	r/c	2	/	I	128	12	140

da Parreira	1081/2701,nº21	r/c	5	1		H	65	40	105
da Parreira	1082/demolido	r/c	1	/		I	23	/	23
da Parreira	1083,nº15	r/c	1	/		I	42	/	42
da Parreira	1084/2393,nº13	r/c	1	/		/	28	/	28
da Parreira	1085/2139,nº19 (?)	r/c	3	/		H	46	/	46
da Parreira	1086/E Parreira	r/c	1	/		I	63	/	63
da Parreira	1087/E Parreira	r/c	1	/		/	16	/	16
da Parreira	1088,nº1	r/c	1	/		I	30	/	30
da Parreira	1089/2707,nº26;1358,nº24?	r/c	3	2		H	79	33	112
da Parreira	1090/1974,nº18	r/c	9	1		H	123	53	176
da Parreira	1091/Casa da Paula Maia	r/c	11	3		H	223	60	283
da Parreira	1092,nº12,14,14-A	r/c	7	5		H	182	85	267
da Parreira	1093/O Parreira	r/c	1	/		/	60	/	60
da Parreira	1094,nº8	r/c	7	8		H	163	91	254
da Parreira	1095,nº6?	r/c	4	/		H	49	/	49
da Parreira	1096,nº2,4?(3?)	r/c	2	/		I	34	/	34
Travessa da Parreira	1097/S Trv Parreira	r/c	1	/		H	15	/	15
Travessa da Parreira	1098/S Trv Parreira	r/c	1	/		i	60	/	60
Travessa da Parreira	1099/S Trv Parreira-E Parreira	r/c	3	1		H	100	30	130
Cega	1100/demolido	r/c	4	1		H	111	125	236
Cega	1101/2571,nº22	r/c	8	3		HeI	219	105	324
Cega	1102/demolido	r/c	7	2		HeI	154	42	196
Cega	1103/demolido	r/c	3	/		H	43	/	43
Cega	1104/O Cega	r/c	1	/		I	42	/	42
Cega	1105/S Cega	r/c	1	/		/	26	/	26
Cega	1106,nº6?/E Com. J. D. F. -O Cega	r/c	5	3		H	147	60	207
Comendador José Domingos Fazenda	1107/1855,nº5?	r/c	7	1		H	96	44	140

Comendador	1108/2619,nº1,3	r/c	8	2	HeI	143	119	262
Cega	1109/2877,nº3?-E Cega;3322,nº1	r/c	6	/	H	98	12	110
Cega/Gen. Humberto Delgado	1110/1731,nº5?-E Cega/2512,nº9	r/c	10	6	H	256	115	371
Cega	1111/2024,nº7	r/c	5	1	H	78	48	126
Cega	1112,nº9?N Cega	r/c	6	1	H	128	70	198
Cega	1113,nº11?N Cega	r/c	5	2	H	102	90	192
Cega	1114/N Cega	r/c	5	/	H	93	35	128
Cega	1115,nº15	r/c	8	2	H	148	108	256
Cega	1116,nº17	r/c	5	/	H	58	49	107
Cega	1117/2842,nº19;2923,nº23,21	r/c	7	4	H	197	64	261
Cega	1118/2258,nº25	r/c	4	1	H	98	56	154
José Domingos Fazenda	1119/1875,nº30?;1876demolido(32?)	r/c	11	9	HeC	693	352	1045
José Domingos Fazenda	1120,nº22	r/c	5	2	HeI	117	129	246
José Domingos Fazenda	1121,nº18,20	r/c	11	1	H	129	119	248
José Domingos Fazenda	1122/2325,nº10	r/c, 1º	8	2	H	107	27	134
José Domingos Fazenda	1123,nº10,12	r/c	6	2	H	107	104	211
José Domingos Fazenda	1124,nº8?/O Calçada	r/c	9	3	H	157	65	222
José Domingos Fazenda	1125/1576,nº6?	r/c, 1º	16	7	H	389	90	479
José Domingos Fazenda	1126/2270,nº2,4	r/c	2	/	/	36	/	36
José Domingos Fazenda	1127/2025,nº21	r/c	1	/	H	/	/	/
José Domingos Fazenda	1128/demolido	r/c	/	/	I	64	70	134
José Domingos Fazenda	1129-/demolido	r/c	6	1	H	140	72	212
Cega	1130/2183,nº13/2184 (garagem)	r/c, 1º	7	4	H	111	44	155
José Domingos Fazenda	1131/2697,nº9;2224,nº11	r/c, 1º	7	2	H	160	56	216
José Domingos Fazenda	1132/2884,nº7	r/c, 1º	16	5	H	286	86	372
José Domingos Fazenda	1133/E Com. J. D. F.	r/c	1	/	I	30	/	30
General Humberto Delgado	1134,nº2?/N Gen. Hum.-S Trincheira-O P Vasco	r/c	12	4	I	256	65	321

General Humberto Delgado	1135,nº4	r/c	6	1		H	136	20	156
General Humberto Delgado	1136/2140,nº6	r/c, 1º	15	4		H	173	21	194
General Humberto Delgado	1137,nº8/N Gen. Hum.-S Trincheira	r/c, 1º	16	2		H	203	104	307
General Humberto Delgado	1138/1377,nº10?-N Gen. Hum.-S Trincheira	r/c	7	4		H	160	120	280
General Humberto Delgado	1139/demolido	r/c	5	1		H	58	50	108
General Humberto Delgado	1140/3092,nº14	r/c	7	2		H	103	72	175
General Humberto Delgado	1141,nº16?/N Gen. Hum.-S Trv Trincheira	r/c	8	4		H	143	85	228
General Humberto Delgado	1142,nº18	r/c	7	1		H	112	22	134
General Humberto Delgado/Trav. da Trincheira	1143/2326,nº20,22/2327,nº3	r/c, 1º	27	11		HeI	800	1842	2642
General Humberto Delgado	1144,nº24	r/c	10	2		H	206	134	340
General Humberto Delgado	1145/N Gen. Hum.	r/c	14	3		H	192	504	696
General Humberto Delgado	1146/2271,nº36;2272,nº38	r/c	11	2		HeC	385	425	810
General Humberto Delgado	1147/2779,loteA; 2780,loteB;2781,loteC;2782,nº40,loteD	r/c, 1º	19	23		HeI	1589	15500	17089
General Humberto Delgado	1148/S Moura	r/c	4	3		H	94	38	132
General Humberto Delgado	1149,nº5?/S Gen. Hum.	r/c	5	2		H	97	27	124
General Humberto Delgado	1150,nº7	r/c, 1º	7	2		H	104	56	160
General Humberto Delgado	1151/1456 S Gen. Hum.:1457,nº15	r/c	8	/		H	135	39	174
General Humberto Delgado	1152/2270	r/c	1	/		I	65	/	65
General Humberto Delgado	1153,nº23	r/c	5	1		H	75	80	155
do Matadouro	1154/2666 lote 3;3005 lote 4;2826-lote1; 2792-lote2;2790-lote3	r/c	6**	/		Mat. Pub.	527	620	1147
Horta do Chabouco "camp entre a estrada de S. Clara e a Velha de V. de Frades	1155/2596	r/c, 1º	9	5		H	275	/	275
"	1156/Pred Rústico 306-D	r/c	4	2		H	133	/	133
"	1157/Atrás do Castelo- Estrada de S. Clara	r/c	4	1		H	140	/	140
" (Horta das Passas	1158	r/c	4	2		H	122	/	122
"	1159/2959,s/n	r/c	4	1		H	108	/	108

"	1160/demolido	r/c	/	/	tij. e telha	H	56	/	56
Campo entre as estradas de Portel e S. Clara	1161	r/c	5	/		Erm. S. Clara	295	115	410
" (Quinta de St.ª Clara)	1162/115-D	r/c, 1º	13	9		H	533	/	533
"	1163	r/c	4	/		H	64	/	64
"	1164	r/c	2	/		H	50	/	50
"	1165	r/c	4	1		H	102	/	102
"	1166	r/c	4	1		/	99	/	99
"	1167	r/c	3	1		H	130	/	130
Campo entre as estradas do Fojo e do Carmo	1168/3113	r/c	4	/		H	72	/	72
"	1169/1583 S Est. do Carmo e Vera Cruz	r/c	/	1	tij. e telha	I	20	/	20
Estrada de Alcaria	1170/1833 casa Van Zeller	r/c, 1º	34	3		H e I	2802	/	2802
Campo entre as estradas do Fojo e do Carmo (Horta do Silva)	1171	r/c	3	1		H	102	/	102
"	1172	r/c	1	/		apicultura	18	/	18
"	1173	r/c	/	5		Erm. S. Pedro	182	/	182
" (Quinta de S. Lázaro)	1174/345-D	r/c, 1º	15	22		H	1417	432	1849
" (Várzea de Lú)	1175/3153-366D	r/c	3	3		H	112	/	112
" (Horta da Várzea de Cá)	1176/365-D	r/c	4	3		H	146	/	146
"	1177	r/c	2	/		/	42	/	42
"	1178/2788	r/c	1	/		/	25	/	25
" (Horta do Lampreia)	1179-	r/c	3	2		H	147	/	147
Campo entre as estradas de Moura e do Guadiana (Horta do Lourenço)	1180	r/c	4	3		H	154	/	154
" (Horta Nova)	1181	r/c	4	3		H	201	/	201
" (Horta do Beato)	1182	r/c	4	2		H	123	/	123
" (horta do Balsinha)	1183/2487	r/c	3	3		H	98	/	98

"	1184	r/c	6	2	I	210*	/	210
Campo entre as estradas do Guadiana e de Beja	1185/1527	r/c	/	/	Erm. S. Rafael	47	/	47
" (Horta do José Eurico, ou do J. Quirica)	1186	r/c	3	2	H	120	/	120
" (Herdade da Botelha)	1187	r/c	/	3	/	335	/	335
Campo entre as estradas de Beja e Nova de Cuba (Horta de S. João)	1188	r/c	4	2	H	135	/	135
" (Horta do Rabil)	1189/1799	r/c	3	1	H	/	/	/
"	1190/demolido	r/c	3	/	/	60	/	60
"	1191/demolido	r/c	2	/	/	48	/	48
" (Monte da Fome)	1192	r/c	2	1	H	110	/	110
"	1193/demolido	r/c	/	/	tij. e telha	20	/	20
" (Moinho Branco)	1194	r/c	5	/	Azenha	145	/	145
" (Horta da Cancelinha)	1195	r/c	3	1	H	95	/	95
"	1196/demolido	r/c	/	/	tij. e telha	56	/	56
"Cancelinha	1197/2646	r/c	3	2	H	90	/	90
"	1198/demolido	r/c	/	1	tij. e telha	16	/	16
"	1199/dono Camões,nº66	r/c	/	1	tij. e telha	14	/	14
"	1200	r/c	/	2	tij. e telha	36	/	36
"	1201	r/c	3	1	H	73	/	73
Campo entre as estradas Nova de Cuba e Velha de Vila de Frades	1202	r/c	/	1	tij. e telha	42	/	42
"	1203/demolido	r/c	/	1	tij. e telha	75	/	75
Campo da Herdade da Chaminé	1204	r/c	4	/	H	132	/	132
Campo entre as estradas do monte traz do Carmo e de Vera Cruz (Quinta do	1205	r/c, 1º	35	33	H	4254	121	4375



Figura 1 - Distribuição geral dos edifícios de taipa inquiridos em Vidigueira, parte norte da localidade

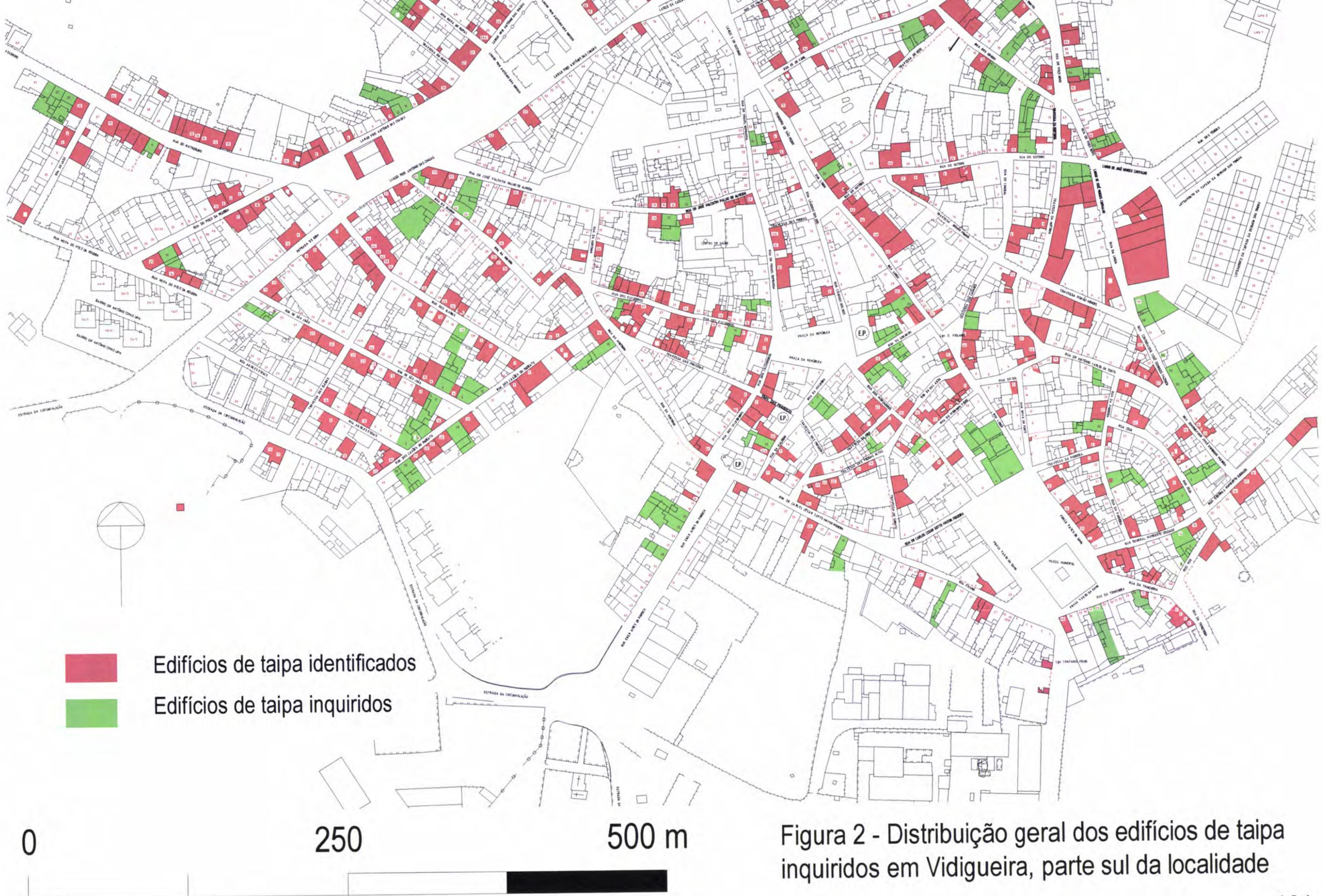


Figura 2 - Distribuição geral dos edifícios de taipa inquiridos em Vidigueira, parte sul da localidade

Anexos:

4ª Parte

Ficha 1 - Modelo de ficha de inquérito

Época/século: XVII-XVIII

Rua e n.º: Largo de S. Francisco nº 6

Data: Setembro de 2009

Tipo: 2

Data de Construção: +150 anos

Quem construiu: _____

Função inicial: Habitação

Função actual: Devoluto

Alterações/ Restauros/ Intervenções: Devoluto, colocação de cobertura de zinco no antigo quintal, alguns muros interiores de tijolo furado moderno, alguns rebocos de cimento no curral

Dados do Edifício

Principal elemento de circulação e localização: Casa dianteira

Onde se verifica a taipa: Todo o edifício: paredes exteriores e interiores

Outros materiais e onde: Tijolo nas ombreiras e nas fundações; pedra nas fundações e adobe em metade da parede do quintal

Dados tipológicos:

Estende-se mais na: horizontal vertical

Orientação e alinhamento na rua ou largo: _____

Chaminé: Sim

Divisão: Cozinha

Não

Quintal: Não

Sim Localização: Nas traseiras (actualmente coberto)

Curral ou outro: Não

Sim Localização: Nas traseiras da habitação, antes do quintal

Horta: Não

Sim Localização: _____

Pomar: Não

Sim Localização: _____

Que árvores: _____

Porquê dessas árvores: _____

Poço: Não

Sim

Localização: _____

Aberturas:

Aberturas para o exterior:

Portas: 2 (1 portão)

Janelas: 0

Acabamentos:

Reboco: Areia e cal

Cor:

Fachadas: Branca

Ombreiras de porta: Branca

Ombreiras de janelas: Branca

Patologias:

Decorrente da envolvença: Fendas inferiores nas paredes por assentamento das fundações, fissuras e destacamento dos revestimentos por abandono, queda do telhado e infiltrações várias, perda de material dos blocos de taipa, colonização biológica de origem vegetal e animal

Decorrente da utilização: Desgaste dos pavimentos de ladrilho, desgaste das paredes no curral pela presença de animais

Decorrente das técnicas de construção: Degradação da ligação entre o telhado e a parede

Ficha de análise às coberturas

Abobadilha

Data de Construção: _____

Quem construiu: _____

Materiais: _____

Divisões: _____

Alterações/ Restauros/ Intervenções: _____

Reboco: _____

Patologias recorrentes, observáveis:

Decorrente da envolvença: _____

Decorrente da utilização: _____

Decorrente das técnicas de construção: _____

Outras Coberturas e pisos

Quais: Ripas/ Folha/Cana

Materiais: Madeira/ Cana

Divisões: Cozinha e curral/ no quarto de trás/ nas divisões da frente

Assentamento: Caibros de madeira em cama escavada na parede e adossados com barro

Observações:

Beirado duplo.

Ficha Técnica

Fundações:

Materiais: Tijolo e pedra de granito

Dimensões (composição): 0,50 m nas casa, 0,80 m no curral e 0,30 m na parede da divisão das traseiras

Cunhais:

Materiais: Tijolo

Dimensões (composição): Não pode ser verificado

Portas:

Lintéis e arcos: Tijolo com barro

Ombreiras: Tijolo com barro

Janelas:

Lintéis e arcos: Não tem

Ombreiras: Não tem

Ligação entre parede e telhado:

Materiais e disposição: Tijolo e pedra entre a parede e a madeira, adossados com barro

Taipa e tijolos:

Descrição da taipa:

Dimensões: Altura: 0,50 m Comprimento: 1,60 m Largura: 0,53 m

Argamassas: Barro

Reboco da Taipa: Areia e cal na habitação; só caiada no quintal (garagem actual) e parte do curral

Cintamento: Tijolo no quintal (garagem actual) e nas primeiras fiadas dos blocos de taipa, areia e cal nas restantes juntas horizontais e em algumas verticais, barro ou sem argamassa nas restantes

Adobe:

Dimensões: Altura: 0,075 m Comprimento: 0,38 m Largura: 0,16 m

Argamassas: Barro

Reboco do Adobe: Não tem

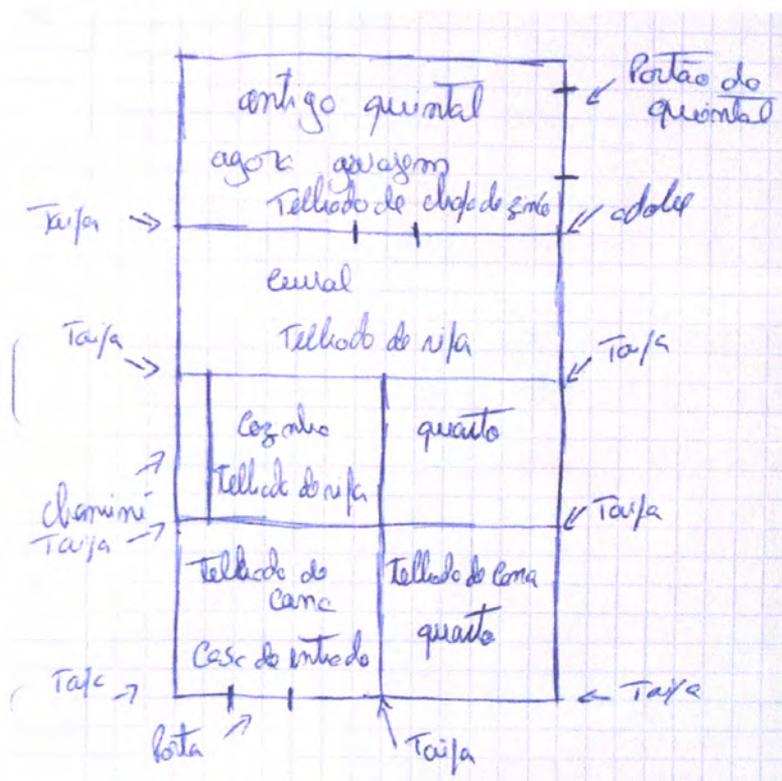
Tijolo de Burro (lambás):

Dimensões: Altura: 0,075 m Comprimento: 0,38 m Largura: 0,16 m

Argamassas: Barro

Características particulares: Terra de entulho na taipa, caixilharias de madeira, vãos interiores sem portadas, chaminé de pano com poial dos cântaros, curral com mangedoura

Planta esquemática:



Quadro 4 - Tipos arquitectónicos por edifício^(a) Actualmente com corredor central^(b) Actualmente com corredor lateral**SÉCULO: INICIAL – 5 edifícios**

Rua	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 4	Tipo 5	Tipo 6	Tipo 7
Mal Anda nº 2		X					
Malheira nº 3			X ^(a)				X
Granado nº 9			X				
Mercadores nº 24		X					
Pedras Altas nº 6		X					

SÉCULO: XIII-XIV – 7 edifícios

Rua	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 4	Tipo 5	Tipo 6	Tipo 7
Malheira nº 22					X		
Granado nº 6					X		X
Escudeiros nº 13		X ^(a)					
Escudeiros nº 33	X ^(a)						
Escudeiros nº 40	X						
Bombarda nº 9		X					
Longa nº 23				X ^a			X

SÉCULO: XV-XV – 3 edifícios

Rua	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 4	Tipo 5	Tipo 6	Tipo 7
Bombarda nº 30		X					
Longa nº 58		X ^(a)					
Largo D. Violante nº 6					X		

SÉCULO: XVII-XVIII – 36 edifícios

Rua	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 4	Tipo 5	Tipo 6	Tipo 7
A Cega nº 5						X	X
A Cega nº 6						X	
A Pr. V. da Gama nº 19		X ^(a)					
A Pr. V. da Gama nº 9/10					X		X
A H. Delgado nº 16				X			
A Parreira nº 16			X				
A Parreira nº 29		X ^(a)					
A C. Costa nº 11		X ^(a)					
B Outeiro nº 1			X				

B	Outeiro nº 8				X		
B	Gregos nº 5			X			
B	Gregos nº 7	X					
B	Gregos nº 8		X ^(a)				
B	Gregos nº 9/11		X				
B	Largo V. R. Brava nº 3		X				
B	Largo V. R. Brava nº 8					X	
B	P. Novo nº 56		X				
C	Frade nº 3		X				
C	Frade nº 32			X			
C	Frade nº 34		X				
C	Camões nº 7		X				
C	Abril nº 10			X			
C	Abril nº 19			X ^(a)			
C	Abril nº 32	X					
C	Abril nº 36 ²	X					
C	Boavista nº 5		X ^(a)				
C	Largo de S. Francisco nº 5		X				
C	Largo de S. Francisco nº 6		X				
D	Mercadores nº 13	X ^(b)					
D	Eng. A. da Fonseca nº 22					X	X
D	Eng. A. da Fonseca nº 28					X	X
D	F. de Almeida nº 12		X ^(a)				
D	F. de Almeida nº 17			X			
D	C. C. SottoMayor F. nº 19					X	
D	Escura nº 35					X	
D	Guarda nº 43			X			X

SÉCULO: XIX – 13 edifícios

Rua	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 4	Tipo 5	Tipo 6	Tipo 7
Boavista nº 34			X ^(a)				
Boavista nº 40		X					
J.D.Fazenda nº 30				X			X
Camões nº 36		X					
Camões nº 38			X				
Camões nº 50		X					
F. de Almeida nº 47					X		X
Tv. do Cotovelo nº 16			X ^(a)				
Cisterna nº 12		X					

² Arrecadação

Cisterna nº 33 ³	X						
Castelo nº 15					X ^(b)		
Marquez nº 23					X ^(b)		
Marquez nº 32			X ^(a)				

SÉCULO: XX – 40 edifícios

Rua	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 4	Tipo 5	Tipo 6	Tipo 7
V. R. Brava nº 21					X		X
V. R. Brava nº 33					X		X
P. Novo nº 74		X					
Fojo nº 6					X		X
Fojo nº 7					X		X
Carmo nº 8			X				X
Carmo nº 9		X					X
Carmo nº 17					X		
St.ª Clara nº 6			X				
St.ª Clara nº 69						X	
N. Hortas nº 7			X				
Marquês nº 8					X		
Marquês nº 20					X		
Boavista nº 55						X	
Boavista nº 58			X				
S. Francisco nº 5		X ^(a)					
P. da Figueira nº 18					X		X
Largo Frei A. das Chagas nº 14			X				X
Largo Frei A. das Chagas nº 57						X	X
Matadouro nº 9			X ^(a)				
Matadouro nº 25			X ^(a)				
Matadouro nº 27					X		X
N. do Olival nº 9						X	
Olival nº 3		X ^(a)					
Olival nº 27						X	
C. do Sindicato nº 23					X		X
C. do Sindicato nº 31					X		X
Est. de Cuba nº 21			X ^(b)				
A. Estação nº 2						X	
S. João nº 2						X	
S. João nº 3					X		X
S. João nº 6						X	X

³ Arrecadação.

Anexo: 4ª Parte

Olarias nº 13					X		
Hortinha nº 13					X		
J.D.Fazenda nº 38			X				
Pr. V. da Gama nº 28	X						
Pr. V. da Gama nº 34						X	
Tv. do Pombalinho nº 4			X				
Pombalinho nº 9					X		
Pombalinho nº 3			X				X
Pombalinho nº 5							

Quadro 4 - Taipas identificadas em Vidigueira**SÉCULO: INICIAL – 7 edifícios**

Rua	Altura	Comprimento	Largura	Cintamento	J. verticais	Terra	Reboco
Mal Anda nº 2	--	--	--	--	--	Entulho	Areia e cal/ só caiada
Malheira nº3	0,50	1,60	0,52/0,60	Tijolo c/ barro	S/ argamassa	Entulho	Areia e cal
Granado nº 9	--	--	0,39/0,75	--	--	--	Areia e cal
Mercadores nº 24	--	--	0,53/0,58	Tijolo c/ barro	--	Virgem	Areia e cal/cimento
Pedras Altas nº 6	--	--	0,52/0,57	--	--	--	Cimento
Mercadores nº 21	0,52	1,60	--	Tijolo c/ barro	Barro	Entulho	Areia e cal/ cimento
Tv. da Mina s/nº	--	--	--	--	S/ argamassa	Entulho	Areia e cal

SÉCULO: XIII-XIV – 7 edifícios

Rua	Altura	Comprimento	Largura	Cintamento	J. verticais	Terra	Reboco
Malheira nº 22	--	--	0,53/0,60	--	--	--	Areia e cal/cimento
Granado nº 6	--	--	0,40/0,56	--	--	--	Areia e cal/cimento
Escudeiros nº 13	--	--	0,47/0,73	--	--	--	Areia e cal/cimento
Escudeiros nº 33	--	--	0,54/0,56	Tijolo	--	--	Areia e cal
Escudeiros nº 40	0,50	--	0,52/0,56	Tijolo c/ barro	Barro	Entulho	Areia e cal/só caiada
Bombarda nº 9	0,52	1,40/1,60	0,54/0,60	Tijolo c/ barro	Barro	Entulho	Areia e cal/ s/ reboco
Longa nº 23	0,50	--	0,50/0,63	Tijolo	--	--	Areia e cal/cimento

SÉCULO: XV-XV – 3 edifícios

Rua	Altura	Comprimento	Largura	Cintamento	J. verticais	Terra	Reboco
Bombarda nº 30	--	--	0,52/0,56	--	--	--	Areia e cal/cimento
Longa nº 58	--	--	0,50/0,60	--	--	--	Cimento
Largo D. Violante nº 6	--	--	0,54/0,60	--	--	--	Areia e cal/cimento

SÉCULO: XVII-XVIII – 37 edifícios

	Rua	Altura	Comprimento	Largura	Cintamento	J. verticais	Terra	Reboco
A	Cega nº 5	–	–	0,54/0,60	–	–	–	Areia e cal/cimento
A	Cega nº 6	–	–	0,54/0,63	Tijolo c/ barro	–	Virgem	Areia e cal/cimento
A	Pr. V. da Gama nº 9/10	0,50/0,25	1,65	0,50/0,62	Tijolo c/ areia e cal	Areia e cal e barro	Virgem	Areia e cal/estruque/cimento
A	Pr. V. da Gama nº 19	–	–	0,36/0,60	–	–	–	Cimento
A	H. Delgado nº 16	0,50/0,63	1,50/1,55	0,39/0,55	Tijolo c/ areia e cal e barro	Areia e cal e barro	Virgem	Areia e cal/cimento/só caiada/ s/ reboco
A	Parreira nº 16	–	–	0,56/0,61	–	–	–	Areia e cal/cimento
A	Parreira nº 29	–	–	0,50/0,58	–	–	–	Cimento
A	C. Costa nº 11	0,47/0,50	–	0,39/0,60	Tijolo c/ barro	Barro	Entulho	Areia e cal/cimento
B	Outeiro nº 1	0,50	1,50	0,38/0,60	Tijolo c/ areia e cal e barro	Areia e cal	Virgem	Cimento
B	Outeiro nº 8	0,50/0,25	–	0,50/0,58	Tijolo	–	Virgem	Areia e cal/cimento/só caiada
B	Gregos nº 5	0,50	1,60	0,50/0,54	Tijolo	Areia e cal	Virgem	Areia e cal
B	Gregos nº 7	–	–	0,48	–	–	Virgem	Areia e cal
B	Gregos nº 8	–	–	0,52/0,66	–	–	–	Areia e cal
B	Gregos nº 9/11	–	–	0,38/0,53	–	–	–	Areia e cal
B	Largo V. R. Brava nº 3	–	–	0,49/0,50	Tijolo c/ barro	–	Virgem	Areia e cal
B	Largo V. R. Brava nº 8	0,50/0,60	1,50/1,60	0,40/0,53	Tijolo c/ barro	S/ argamassa	Entulho	Areia e cal/cimento
B	P. Novo nº 56	–	–	0,49/0,53	–	–	–	Cimento
B	Gregos/Tv. Beco	0,52/0,63	1,75/1,64	–	Tijolo c/ barro	Barro	Entulho	Areia e cal/barro
C	Frade nº 3	0,50	–	0,34/0,55	Tijolo c/ pedra	S/ argamassa	Entulho	Areia e cal/só caiada
C	Frade nº 32	–	–	0,34/0,56	–	–	–	Areia e cal
C	Frade nº 34	0,50	1,53	0,50/0,57	Tijolo	–	–	Areia e cal
C	Camões nº 7	–	–	0,43/0,60	–	–	Virgem	Areia e cal

C	Abril nº 10	–	–	0,49/0,58	–	–	–	Areia e cal
C	Abril nº 19	–	–	0,50/0,60	–	–	–	Areia e cal/cimento
C	Abril nº 32	0,47	–	0,50/0,55	Tijolo c/ areia e cal	Areia e cal	Entulho	Areia e cal
C	Abril nº 36 ⁴	0,50	1,60	0,47/0,52	Tijolo c/ barro	Barro	Entulho	Areia e cal
C	Boavista nº 5	–	–	0,50/0,56	–	–	–	Cimento
C	Largo de S. Francisco nº 5	–	–	0,53/0,56	–	–	–	Cimento
C	Largo de S. Francisco nº 6	0,50	1,60	0,53	Tijolo c/ areia e cal	Barro	Entulho	Areia e cal
D	Mercadores nº 13	–	–	0,35/0,50	–	–	–	Cimento
D	Eng. A. da Fonseca nº 22	–	–	0,54/0,55	–	–	–	Cimento
D	Eng. A. da Fonseca nº 28	0,50	1,70	0,44/0,54	Tijolo e pedra	Barro	Virgem	Areia e cal/barro
D	F. de Almeida nº 12	–	–	0,50/0,57	–	–	–	Cimento
D	F. de Almeida nº 17	0,50	1,20/1,60	0,36/0,58	Tijolo	–	–	Areia e cal
D	C. C. SottoMayor F. nº 19	0,55	1,30	0,48/0,51	Areia e cal	Areia e cal	Virgem	Areia e cal
D	Escura nº 35	0,46	1,60	0,50/0,54	Tijolo c/ barro	Barro	Virgem	Areia e cal/só caiada
D	Guarda nº 43	0,50	1,40	0,39/0,54	Tijolo c/ barro	–	Virgem	Areia e cal

SÉCULO: XIX – 14 edifícios

Rua	Altura	Comprimento	Largura	Cintamento	J. verticais	Terra	Reboco
Boavista nº 34	0,52/0,26	1,30	0,40/0,55	Tijolo c/ barro	Barro	Virgem	Areia e cal/cimento
Boavista nº 40	–	–	0,37/0,52	–	–	–	Areia e cal
J.D.Fazenda nº 30	–	–	0,50/0,57	–	–	–	Cimento
Camões nº 36	–	–	0,38/0,56	–	–	–	Cimento
Camões nº 38	0,50	1,60	0,36/0,56	Tijolo e pedra c/ barro	Areia e cal	Virgem	Areia e cal
Camões nº 50	–	–	0,37/0,58	–	–	–	Cimento
F. de Almeida nº 47	0,50	1,57/1,60	0,51/0,61	Tijolo c/ areia e cal	Areia e cal	Virgem	Areia e cal/cimento
Tv. do Cotovelo nº	0,50	1,60	0,51/0,56	Areia e cal e barro	Areia e cal e	–	Areia e

⁴ Arrecadação

16					barro		cal/cimento
Cisterna nº 12	-	-	0,47/0,52	-	-	-	Cimento
Cisterna nº 33 ⁵	0,50	1,30	0,51/0,55	Tijolo	-	-	Areia e cal
Castelo nº 15	-	-	0,40/0,54	-	-	-	Cimento
Marquez nº 23	-	-	0,50/0,58	-	-	-	Cimento
Marquez nº 32	0,53	1,52/1,60	0,50/0,58	Barro	Barro	Virgem	Areia e cal/cimento/ s/ reboco
Largo Frei A. das Chagas nº 67	0,50	1,67	0,50	Tijolo c/ areia e cal e barro	Areia e cal e barro	Virgem	Areia e cal/cimento

SÉCULO: XX – 40 edifícios

Rua	Altura	Comprimento	Largura	Cintamento	J. verticais	Terra	Reboco
Largo V. R. Brava nº 21	0,50	1,40/1,60	0,48/0,52	Tijolo c/ areia e cal	Areia e cal e barro	Virgem	Areia e cal/cimento
Largo V. R. Brava nº 33	0,45	1,55	0,50/0,54	Tijolo c/ barro	Barro	Virgem	Areia e cal
P. Novo nº 74	-	-	0,47/0,60	-	-	-	Areia e cal
Fojo nº 6	0,50	1,45	0,52/0,55	Tijolo e pedra c/ barro	Barro	Virgem	Areia e cal/cimento
Fojo nº 7	0,50	1,50	0,50	Tijolo c/ areia e cal	Areia e cal e barro	Virgem	Areia e cal/cimento
Carmo nº 8	-	-	0,52/0,55	-	-	-	Areia e cal/cimento
Carmo nº 9	0,50	1,65	0,40/0,52	Tijolo e pedra c/ barro	Barro	Virgem	Areia e cal
Carmo nº 17	0,50	1,52	0,40/0,50	Tijolo e pedra c/ barro	Areia e cal e barro	Virgem	Areia e cal/cimento
St.ª Clara nº 6	-	-	0,42/0,56	Barro	Barro	Virgem	Areia e cal/cimento
St.ª Clara nº 69	0,54	1,45	0,50	Tijolo e barro	Barro	Virgem	Areia e cal/cimento
N. Hortas nº 7	0,57	1,47	0,40/0,54	Tijolo	Barro	Virgem	Areia e cal/cimento/só caiada
Marquês nº 8	-	-	0,54/0,58	-	-	-	Areia e cal/cimento
Marquês nº 20	0,50/0,25	1,60	0,36/0,58	Tijolo c/ areia e cal	Barro	Virgem	Areia e cal/barro/cimento

⁵ Arrecadação.

Técnicas tradicionais de construção em Vidigueira: a tapia e as coberturas tradicionais

Boavista nº 55	0,50/0,25	1,60	0,42/0,52	Tijolo c/ barro	Barro	Virgem	Areia e cal
Boavista nº 57	0,50	1,45/1,58	-	Tijolo c/ barro	Barro	Virgem	Areia e cal
Boavista nº 58	0,50	1,60	0,41/0,55	Tijolo c/ barro	Barro	Virgem	Areia e cal
S. Francisco nº 5	0,50	1,60	0,50	Tijolo c/ barro	Barro	Virgem	Areia e cal/cimento/só caiada
P. da Figueira nº 19	0,50	1,60	0,54	Pedra c/ barro	Barro	Virgem	Areia e cal/cimento/só caiada
Largo Frei A. das Chagas nº 14	-	-	-	-	-	-	Cimento
Largo Frei A. das Chagas nº 67	0,45	1,60	0,54/0,60	Tijolo c/ barro	Barro	Virgem	Areia e cal/cimento
Matadouro nº 9	0,50	1,50	0,50/0,54	Tijolo c/ barro	Barro	Virgem	Areia e cal/estruque/cimento
Matadouro nº 25	-	-	0,50/0,53	-	-	-	Cimento
Matadouro nº 27	-	-	0,52/0,55	-	-	-	Cimento
N. do Olival nº 9	0,50	1,60	0,50/0,56	Tijolo c/ barro	Barro	Virgem	Areia e cal/cimento/ s/ reboco
Olival nº 3	0,57	2,10	0,53/0,60	Tijolo e pedra c/ barro	Barro	Virgem	Areia e cal/cimento
Olival nº 27	0,50	1,64	0,53/0,56	Tijolo	-	Virgem	Areia e cal
C. do Sindicato nº 23	-	-	0,52	-	-	Virgem	Areia e cal/cimento
C. do Sindicato nº 31	0,50	1,60	0,53/0,56	Tijolo c/ areia e cal	Areia e cal	Virgem	Areia e cal
Est. de Cuba nº 21	0,50	-	0,50/0,56	Tijolo e pedra c/ areia e cal	Areia e cal	Virgem	Areia e cal/cimento
A. Estação nº 2	0,50	1,60	0,50/0,56	Tijolo e pedra c/ barro	Barro	Virgem	Areia e cal/cimento/ s/ reboco
S. João nº 3	0,50	1,60	0,50	Tijolo e pedra c/ areia e cal	Areia e cal	Virgem	Areia e cal/cimento
S. João nº 6	-	-	0,50/0,54	-	-	-	Areia e cal/cimento
Olarias nº 13	-	-	0,50/0,57	Areia e cal e barro	Areia e cal e barro	Virgem	Areia e cal/cimento
Hortinha nº 13	0,50	-	0,50/0,54	Tijolo c/ areia e cal	Areia e cal	Virgem	Areia e cal/cimento
J.D.Fazenda nº 38	-	-	0,47/0,57	-	-	-	Cimento
Pr. V. da Gama nº	0,50	-	0,50/0,57	-	-	Virgem	Areia e cal/só

28							caçada
Pr. V. da Gama nº 34	0,50	1,60	0,36/0,54	Tijolo c/ barro	--	Virgem	Areia e cal/cimento
Tv. do Pombalinho nº 4	0,50	1,60	0,42/0,57	Tijolo	--	--	Areia e cal
Pombalinho nº 9	0,52	1,60	0,52/0,57	Tijolo c/ areia e cal	Areia e cal	Virgem	Areia e cal/cimento
Pombalinho nº 3	--	--	0,52/0,57	--	--	--	Cimento
Pombalinho nº 5							

Quadro 3 - Fundações, coberturas e tectos identificados em Vidigueira

SÉCULO: INICIAL

Rua	Fundações			Coberturas				Tectos			
	Materiais	Arg.	Dimensões	Ripa	Folha	Cana	Outra	Ab	Ma	Ca	La
Mal Anda nº 2					X						X
Malheira nº 3				-	-	-	-	X			X
Granado nº 9				X	X			X			X
Mercadores nº 24				X					X		X
Pedras Altas nº 6							X				X

SÉCULO: XIII-XIV

Rua	Fundações			Coberturas				Tectos			
	Materiais	Arg.	Dimensões	Ripa	Folha	Cana	Outra	Ab	Ma	Ca	La
Malheira nº 22				X				X			X
Granado nº 6				X	X			X			
Escudeiros nº 13								X			X
Escudeiros nº 33					X	X			X	X	
Escudeiros nº 40	Pedra	Barro	até 0,50	X	X				X		
Bombarda nº 9	Pedra e tijolo	Barro	até 0,30	X			X ^(a)				X
Longa nº 23				X			X	X			X

SÉCULO: XV-XV

Rua	Fundações			Coberturas				Tectos			
	Materiais	Arg.	Dimensões	Ripa	Folha	Cana	Outra	Ab	Ma	Ca	La
Bombarda nº 30							X				X
Longa nº 58							X				X
Largo D. Violante nº 6				-	-	-	-	X			X

SÉCULO: XVII-XVIII

Rua	Fundações			Coberturas				Tectos			
	Materiais	Arg.	Dimensões	Ripa	Folha	Cana	Outra	Ab	Ma	Ca	La
Cega nº 5							X	X			X
Cega nº 6							X	X			X
Pr. V. da Gama nº 9/10	Pedra e tijolo	Areia e cal	1,10 até 1,20	X			X	X			X
Pr. V. da Gama nº 19					X		X	X	X		X

Carmo nº 17	Pedra e tijolo	Barro	0,55 até 0,90				X	X			X
St.ª Clara nº 6				-	-	-	-				X
St.ª Clara nº 69							X				X
N. Hortas nº 7							X				X
Marquês nº 8				X	X			X			X
Marquês nº 20	Pedra e tijolo	Barro	Até 0,40	X			X	X	X		X
Boavista nº 55	Pedra	Barro	0,25 até 0,55	X	X				X		
Boavista nº 57	Pedra	Barro	Até 0,25	-	-	-	-	-	-	-	-
Boavista nº 58	Pedra	Barro	0,16 até 0,30	X	X				X		X
S. Francisco nº 5	Pedra	Barro	Até 0,10		X				X		X
P. da Figueira nº 19	Pedra	Barro	Até 0,30	X	X						X
Largo Frei A. das Chagas nº 14							X	X			X
Largo Frei A. das Chagas nº 57	Pedra e tijolo	Barro	Até 0,25	X	X			X	X		X
Matadouro nº 9				X				X			X
Matadouro nº 25					X						X
Matadouro nº 27					X						X
N. do Olival nº 9	Pedra	Barro	0,25 até 0,30		X						X
Olival nº 3	Pedra	Barro	0,35 até 0,41		X		X				X
Olival nº 27	Pedra	Barro	0,12 até 0,36	X		X				X	X
C. do Sindicato nº 23	Pedra	Barro	0,30 até 0,40	X			X	X			X
C. do Sindicato nº 31	Pedra	Barro	0,15		X			X	X		X
Est. de Cuba nº 21	Pedra	Barro	Até 0,30				X				X
A. Estação nº 2	Pedra	Barro	Até 0,30	X	X				X		X
S. João nº 3	Pedra xisto	Barro	Até 0,40				X	X			X
S. João nº 6				X	X	X			X	X	X
Olarias nº 13				X	X			X			X
Hortinha nº 13	Pedra	Barro	Até 0,10				X	X			X
J.D.Fazenda nº 38					X				X		X
Pr. V. da Gama nº 28	Pedra e tijolo	Barro	Até 0,40	X					X		
Pr. V. da Gama nº 34	Pedra e tijolo	Barro	Até 1,30	X	X				X		X
Tv. do Pombalinho nº 4					X				X		
Pombalinho nº 9					X				X		X

Pombalinho nº 3							X				X
Pombalinho nº 5											

